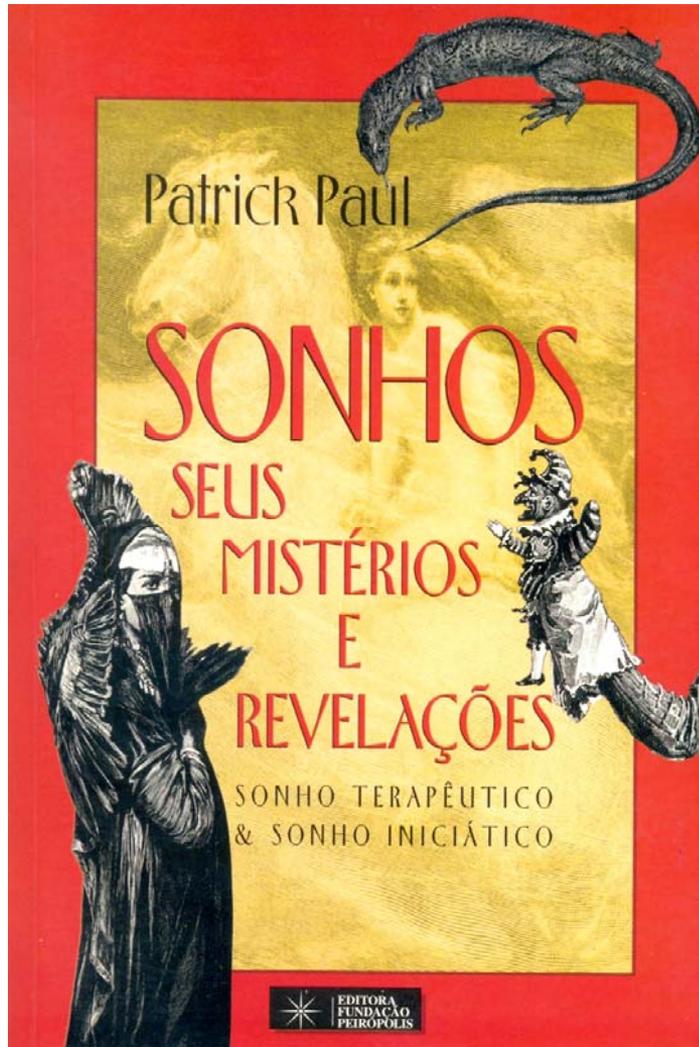


Patrick Paul

Sonhos, seus Mistérios e Revelações

Sonho Terapêutico & Sonho Iniciático



Capa de Walter Mazzuchelli
1ª ed. - Editora Fundação Peirópolis - 1997

Transcrição e tradução de estágio dado por Patrick Paul,
em São Paulo, dezembro de 1994.

© Ágape Centro de Estudos e Editoração

O preparo do texto final, desde a transcrição das fitas gravadas até a
revisão, contou com a participação de:

*Betty Fontes, M. Celina Simões Guimarães, Marina Ungaretti,
Renata Petri Gobbet, Rose Marie Riemma e Valéria Menezes.*

Copidesque e Editoração: *Constantino K. Riemma.*

Revisão final:

*Júlia Gottschalk, M. Teresa Fortes Abucham e
Américo Sommerman.*

Segunda edição digitalizada, 2008

CLUBE do TARÔ

Índice

Apresentação.....	5
1. As Funções e os Níveis do Sonho	7
O sonho terapêutico e o sonho iniciático	15
O mundo intermediário, psíquico ou astral.....	20
Questões: Sonhar colorido e tipos de sonho.....	24
Questão: O gêmeo celeste.....	25
A Tradição e as quatro eras	27
Questão: A prática da ascese.....	29
2. As Assinaturas dos Sonhos.....	32
O sonho portador de luz.....	35
A revelação do mundo celeste.....	38
Andar sobre as águas.....	41
O aprisionamento em formas-pensamento	42
Relato 1: Sonhos recorrentes com a água	44
Questão: O inconsciente.....	45
3. A Relação do Sonho com a Queda, o Sofrimento e o Desejo	46
O caráter evolutivo das doenças	47
O simbolismo nas vestes culturais	48
Relato 2: O sonho da pasta verde	49
Questão: Os sonhos premonitórios.....	49
Relato 3: O sonho com o titânio e o selênio.....	53
Questão: Como contatar o mundo celeste.....	57

4. Exercícios de Interpretação.....	59
Relato 4: O sonho da violeta.....	60
Relato 5: O sonho de ser arrancada da cama	63
Relato 6: O sonho do céu estrelado	70
Relato 7: O sonho com o pai morto.....	72
5. A Dupla Natureza do Homem.....	75
Questões:	
Memória coletiva e contato com o mundo celeste.....	81
Questão: A função da psicoterapia	87
6. O Processo Iniciático e o Terapêutico	90
O papel do terapeuta.....	93
Outros elementos de interpretação.....	95
Questões:	
Palavras desconhecidas e línguas estrangeiras.....	101
7. Interpretações em Grupo	104
Relato 8: O sonho do cavalo bebê	104
Relato 9: O sonho do bebê sem ossos	116
Relato 10: O sonho da escada	120
Relato 11: O sonho do lhama	123
Relato 12: O sonho do combate.....	128
Relato 13: O sonho da bandeja de prata.....	132

Apresentação

Um dos grandes desafios do mundo contemporâneo consiste em restabelecer o diálogo entre a ciência experimental, as ciências humanas, a arte e as tradições espirituais, recolocando, numa linguagem atual, os fundamentos para um conhecimento transdisciplinar.

A ruptura que o pensamento científico – especializado e analítico – estabeleceu com os demais áreas do saber, descartando os níveis supra-sensíveis e os princípios ontológicos da existência, reduziu a realidade a um campo restrito e fez com que as dimensões e as aspirações mais profundas do ser humano deixassem de ser alimentadas.

Para que esses fundamentos transdisciplinares possam ser estabelecidos de maneira sólida, não basta montar uma colcha de retalhos, alinhavando conhecimentos superficiais. É necessário que os diferentes domínios do saber empreendam um diálogo, ao mesmo tempo rigoroso e aberto, que reconheça a contribuição essencial e única de cada área.

Esperamos que a publicação do presente livro possa ser uma importante contribuição nesse sentido.

Patrick é um médico imunologista francês que mora e clínica na Bretanha. Foi pesquisador por três anos no Instituto Pasteur de Paris e trabalhou em centros cancerológicos em Nice. Além da ampla formação médica (imunologia, homeopatia e acupuntura) e da sólida formação científica – graduou-se genética, bioquímica e biologia molecular – também estudou e vivenciou por vinte e cinco anos os ensinamentos de diversas tradições espirituais.

Nos livros editados na França e no Brasil, bem como em suas conferências e cursos, tem procurado estabelecer pontes entre os diferentes campos do saber e os diferentes níveis ser.

Sonhos, seus Mistérios e Revelações constitui um exemplo simples, porém significativo, da abordagem de Patrick Paul. Como ele menciona logo de início, não pretende oferecer elementos conclusivos, o que seria impraticável num tema ines-

gotável como o dos sonhos, mas estimular o exercício de integração das diferentes disciplinas, transcendendo os limites específicos que cada uma delas se atribui. O roteiro não é formal como o que poderia ser desenvolvido num texto escrito especialmente para publicação. Integrando as referências científicas, as práticas terapêuticas e os símbolos tradicionais, o autor estabelece uma contradança com os participantes, respondendo a perguntas e desenvolvendo temas paralelos que subsidiam a compreensão do assunto. Em três dias de encontros, sem pretender definir as bases psicológicas do sonho e apenas trabalhando sonhos apresentados na hora – portanto sem elaboração prévia do material – ele instiga a participação crítica e criativa do grupo.

Partindo do postulado de todas as tradições de que o homem é composto basicamente de três níveis, chamados pela tradição cristã de corpo, alma e espírito (sendo que a alma seria composta de uma dimensão inferior e perecível, a psique, e de uma dimensão imortal, a alma propriamente dita ou a centelha divina), Patrick estabelece como um dos pontos fundamentais de seu enunciado a existência de dois tipos básicos de sonhos: um ligado à dimensão psico-corporal do ser humano e o outro ligado à sua dimensão celeste e imortal. O primeiro viria de baixo e estaria relacionado aos desejos existenciais, à sombra e ao subconsciente, conforme a abordagem da psicologia clássica. O segundo viria do alto e estaria ligado ao Desejo essencial do ser e ao supraconsciente. O primeiro teria uma simples função terapêutica de limpeza e descarga, enquanto o segundo, através de seus símbolos, seria portador de uma dimensão revelatória e direcionadora.

O Sonho, seus Mistérios e Revelações nos convidam a mergulhar numa linguagem simbólica quase sem palavras, introduzindo-nos num caminho de exploração dos mundos interiores.

Acreditamos que os leitores das mais diferentes áreas que têm interesse nos mistérios dos sonhos encontrarão nesse trabalho novas oportunidades para reflexão.

Ágape Centro de Estudos

1. As Funções e os Níveis do Sonho

Muitos trabalhos foram escritos sobre os sonhos e podemos ter acesso a eles facilmente. Por essa razão, o que proponho aqui é uma reflexão sobre a natureza do sonho, sem nos restringirmos a uma teoria em particular.

Como ponto de partida podemos examinar uma das constatações da teoria de Freud, que considera o sonho como uma representação do desejo. Esse simples enunciado nos introduz diretamente, não só no campo psicológico, mas também no tradicional e no iniciático. Do ponto de vista tradicional, o sonho está relacionado ao corpo sutil ou corpo astral, que também pode ser chamado de corpo de desejo. Tomada sob esse ângulo, a constatação de Freud é absolutamente correta, visto que quando sonhamos exprimimos desejos.

Do mesmo modo que a experiência desequilibrada do corpo leva ao sofrimento, a experiência desequilibrada do astral¹ leva a expressar o desejo. Existe, portanto, uma relação-chave entre o sonho e o desejo. As divergências ocorrem apenas na interpretação que os diferentes autores dão ao desejo. Numa interpretação simplista de Freud, por exemplo, poderíamos afirmar que o sonho é a expressão de um desejo reprimido, constituindo-se, portanto, numa válvula de escape, num mecanismo de segurança para o nível psicofísico, existencial. Não há, de fato, qualquer expressão do nível espiritual no ponto de vista freudiano. Já outros autores, como é o caso de Jung, propõem uma dimensão mais espiritual. Alguns parapsicólogos, por sua vez, consideram o sonho um contato telepático com outros seres, semelhante ao do

¹ O termo *astral*, no contexto deste trabalho, sempre corresponde ao conceito de *psiquismo*. (Nota dos revisores).

vidente com os ‘espíritos’. Na literatura sobre o sonho muitas outras interpretações podem ser encontradas.

Para evitar futuras confusões vamos tentar compreender melhor essas diferentes abordagens. Por exemplo, L. Jovet, professor francês de medicina, que realizou extensos trabalhos sobre a fisiologia do cérebro e do sonho, afirma que o sonho permite uma reprogramação da hereditariedade. O código genético, segundo ele, encontra-se em permanente processo de construção e reconstrução, o que permite aos processos genéticos evoluírem. Em seu estudo o autor sugere uma interessante inter-relação entre o mundo psíquico do sonho e o mundo corporal e físico.

Outro cientista que trabalhou com genética, chamado Francis Crick, considera que não sonhamos para reprogramar, mas sim para esquecer. Para ele, o sonho teria como função, de certo modo, evacuar todos os acontecimentos energéticos que poderiam bloquear os mecanismos neurológicos sutis. Seria, portanto, uma espécie de defecação que permitiria eliminar sobrecargas energéticas. De acordo com essa hipótese, melhor seria não nos lembrarmos dos sonhos.

Na visão tradicional – por exemplo, entre os povos primitivos ou entre alguns iogues – ao contrário desse conceito de esquecimento, encontramos com freqüência a afirmação de que há uma estreita relação entre o sonho e o ensinamento espiritual ou interior. Neste caso, o sonho seria a expressão de um nível mais alto de consciência da pessoa.

Como se vê, por essa pequena amostra, as interpretações são as mais variadas, demonstrando que o sonho está sujeito a uma série de percepções contraditórias. No entanto, os sonhos exprimem um tipo de inteligência que o homem moderno parece ter perdido, mas que podemos encontrar no âmbito tradicional, se nos dermos ao trabalho de procurar. Mais adiante, darei alguns exemplos disso na mitologia grega.

Podemos agora examinar certos mecanismos do cérebro. Na neurofisiologia foram estabelecidas correlações entre o sonho e a freqüência das ondas cerebrais, que se tornaram clássicas. Constatou-se que o cérebro, no estado de vigília,

desperto, funciona numa freqüência de 16 hertz. Quando nos aproximamos do estado de sono, a função cerebral torna-se mais lenta. Por outro lado, se estivermos muito agitados cerebralmente, teremos insônia. Nos estados intermediários entre a vigília e o sono, a freqüência varia entre 12 e 8 hertz. Trata-se da mesma freqüência que se observa nos estados de meditação e de sonho acordado. Já no sonho a faixa de atividade cerebral é de 0,5 hertz.

Na neurofisiologia, a fase do sonho é denominada de *sono paradoxal*. É assim chamada porque há um bloqueio do movimento corporal, mas, ao mesmo tempo, uma intensa atividade cerebral. Quando os olhos estão em movimento durante o sono, significa uma fase de sonho. Há, portanto, uma clara atividade num estado normalmente considerado inativo.

Em experiências com animais, foi observado que, durante o sonho, eles liberaram mecanismos motores que foram reprimidos durante o dia. Se, por exemplo, bloquearmos o movimento de um gato que está pulando para pegar um rato, verificaremos que, durante seu sono, ele tomará a postura do salto interrompido. É claro que, se não houvessem mecanismos repressores, seríamos muito incômodos para os nossos vizinhos e para nós próprios! Não é à toa que muitas vezes sonhamos estar voando...

Na última fase do sono, a do sono profundo, foi constatada cientificamente uma freqüência cerebral mínima, chegando às vezes a 0,5 hertz, que, comparada aos 16 hertz do estado de vigília, é quase uma atividade cerebral nula. Podemos dizer, portanto, que há durante o sono alguns estados vizinhos ao da morte, na qual a atividade cerebral é destruída.

Essas informações sobre o sono são bastante interessantes, porque permitem uma comparação com os diferentes corpos, tais como são apresentados nos ensinamentos tradicionais. O estado de vigília, desperto, pode ser comparado ao corpo físico; o estado de sono paradoxal, ao corpo sutil; e o sono profundo, ao corpo causal. Durante a fase de sono profundo, é estimulada a produção do hormônio do crescimento

e são dinamizados todos os mecanismos regeneradores e revitalizadores do corpo, ou seja, a síntese protéica, a renovação das membranas celulares. É durante esse período que os tecidos se reparam e o cansaço desaparece.

Como se pode perceber, colocar em paralelo o sono, a morte e a regeneração (ou ressurreição), é inteiramente coerente, pois ocorre, de fato, durante o sono profundo, um certo contato com um nível interno, que favorece a renovação cíclica. É como se nesse momento tocássemos uma dimensão eterna de nós mesmos, um estado de total inconsciência. Encontramo-nos na fase sono, portanto, numa fase de vida, mas de vida sem sonho. Trata-se de uma espécie de vida, mas totalmente inconsciente, na qual não temos qualquer percepção de forma, nem física, nem psíquica.

Quando se sabe ver, essas constatações permitem compreender as denominações que os três corpos recebem no campo tradicional.

Falamos sucintamente do sono profundo. O que irá agora nos interessar é o sono paradoxal, ou seja, o sonho.

De partida já temos algo estranho no sonho, pois, embora estejamos adormecidos, alguma coisa, ou seja, aquele que sonha, está desperto em nós. O sonho se refere a uma função psíquica, mas de algum modo independente da consciência corporal. O fato de que a pessoa adormecida tenha movimentos oculares durante o sono, demonstra que ela vê algo, que não é a luz física e sim a luz astral. É bastante estranho que, enquanto estamos de olhos fechados, à noite, durante o sono, estejamos vendo luz. Por certo, não se trata de uma luz exterior, mas de uma luz interior, que se refere ao mundo da alma ou das paisagens da alma.

Por meio desses movimentos oculares constatamos também que, durante o sono, o sonhador participa ativamente de seu próprio sonho e que os mundos que ele alcança estão, evidentemente, nele próprio. Esse ponto parece simples de ser formulado, mas mostra o equívoco de algumas interpretações parapsicológicas. Se eu sonhar com alguém, é evidente que não irei sonhar com a pessoa concreta, mas sim com

aquilo que ela representa para mim. Essa, pelo menos, pode ser nossa hipótese inicial. De igual modo, se sonharmos com a morte de alguém, isso não quer dizer que ela irá morrer de fato. Voltaremos ainda a esse assunto, com maiores detalhes.

É possível agora compreender melhor por que se afirma que o corpo físico se refere ao outro, enquanto experiência com um objeto exterior. Por exemplo, no mundo físico, poderei amar alguém exteriormente, mas se eu sonhar com essa pessoa, isso não constituirá a expressão do amor físico, exterior, e sim de tudo aquilo que essa pessoa exterior, que eu amo, representa para mim. Isso tudo nos leva a uma metafísica do amor.

Pode-se dizer que a finalidade do corpo físico é o amor ao outro, enquanto a finalidade do mundo sutil ou mundo astral, é conduzir ao amor de si. Isso significa que, no mundo exterior, físico, a relação eu-outro encontra-se dualizada, cortada, indicando a mesma coisa no corpo sutil, ou seja, dentro de nós mesmos, também somos seres separados. Existem em nós Adão e Eva.

No sonho, portanto, tudo o que ocorre refere-se à relação de mim comigo mesmo, a qual denomino relação entre os *gêmeos*: o *gêmeo celeste* e o *gêmeo terrestre* (veja pág. 25). Com frequência, se não estiver acordado para a dimensão celeste em mim, viverei um conflito. À medida que esse conflito interior se desenrola, ocorrem conseqüências exteriores. Se não souber amar minha dimensão celeste, é muito pouco provável que consiga amar alguém exterior a mim próprio. É importante fazer essa distinção, pois um se refere ao mundo exterior e o outro, ao interior.

O terceiro corpo, o causal, subentende que o indivíduo tenha se reunificado exterior e interiormente e que, então, o seu amor seja o amor a Deus. Isso quer dizer que a última etapa da metafísica do amor, não conduz a uma reunificação consigo próprio, à integração da individualidade, mas sim à unificação do indivíduo com o Todo. Essa etapa, na verdade, está intimamente ligada ao sono profundo.

Como regra geral, a atitude do ser no mundo físico é muito egoísta, porque a pessoa se deixa levar por um grande número de aspirações e desejos. O ego, ao ser carregado pelos desejos, indica uma situação íntima de falta, de carência. Como já vimos, tanto o desejo quanto a carência, referem-se ao corpo sutil, já que é esse o corpo de desejo. E isso nos conduz à questão do condicionamento, pois ao sermos manipulados inconscientemente pelo corpo de desejo, somos levados a agir no mundo físico. Essas ações, quer sejam para satisfazer o desejo ou para apagar o sofrimento e a carência, provocam reações que retornam ao mundo psíquico e astral. Quer tudo isso seja vivido pelo desejo expresso ou pela falta, mais cedo ou mais tarde a consciência despertará para o mecanismo de ilusão ligado a esses processos.

É compreensível ficarmos presos à carência ou à frustração. Num certo período, quando morava em Paris, tive oportunidade de tratar de artistas famosos. Tinham beleza, fama, riqueza e se poderia dizer que todos os seus desejos tinham sido realizados. Mas, paradoxalmente, nenhum deles estava feliz. Não haviam encontrado a paz, apesar de suas conquistas. De fato, enquanto permanecemos na expressão do desejo, ligados ao ego e à vida física, imaginamos que no dia em que realizarmos nossos anseios, seremos felizes. Porém, não é o que ocorre e, então, nos colocamos novas perguntas.

A finalidade do corpo astral é colocar essas questões, ou seja, permitir que pouco a pouco sejamos dinamizados pelo desejo, para aprendermos a nos tornar um ser de Desejo. Mas, ao mesmo tempo, é necessário aprendermos a converter o desejo, o que significa reconhecer a ilusão de nossos falsos desejos.

Nos tempos antigos esse combate era representado pela luta com o dragão, a serpente, a hidra. No mito de Hércules, por exemplo, a prova consistia em cortar a cabeça da hidra. O problema no entanto é que, mal se corta a cabeça do monstro, ela renasce. O desafio torna-se então encontrar algum recurso específico para impedir que isso ocorra. De um modo geral, a solução passa pelo fogo, pela escarificação com

o fogo, para que a cabeça não torne a crescer. Além disso, mata-se, em primeiro lugar, as cabeças periféricas antes de se eliminar a cabeça central.

O conjunto dessas cabeças representa padrões de condicionamentos. É necessário descobrir como cada um de nós é condicionado, ou seja, qual a falsa cabeça que carregamos. A finalidade, portanto, do processo astral e interior, no qual os sonhos também se inscrevem de forma nítida, é cortar nossa própria cabeça. Se essa cabeça for realmente cortada, poderá surgir a verdadeira cabeça. Nesse momento, o desejo, isto é, Eros, transforma-se em rosa.

No francês, **rose**, a rosa, é anagrama perfeito de **Eros**, o deus do amor. Esse jogo de palavras faz parte da tradição da cavalaria. *Rose* e *Eros* têm a mesma raiz. Um outro exemplo, em francês, é **mort**, morte, e **a-mor**, amor, que significa poder descobrir o amor quando nos libertarmos da morte, ou seja, *a-mor*, sem morte.

Eros já se encontra atuante na criança recém-nascida, portanto muito antes da adolescência. Pode-se dizer que na criança o objetivo de Eros é, de algum modo, a construção física. O primeiro desejo é o de seu próprio corpo e só gradativamente ocorrerá uma diferenciação, à medida que a forma física já estiver construída. Na adolescência, por exemplo, surge o desejo do outro, no sentido afetivo e sexual. As fases são progressivas, fazendo com que o desejo se transforme e transmute. Não se deve simplesmente associar Eros à sexualidade. Ele é muito mais amplo que o desejo sexual.

A rosa, para voltar ao nosso tema, exprime a liberação do verdadeiro desejo. Não é por acaso que, no hermetismo cristão, a rosa é um atributo de Maria. Quando o ser se liberta de suas falsas cabeças, ele se torna, no nível existencial, uma expressão de Maria, purificado dos pecados, ou seja, das matrizes de condicionamento. Esses condicionamentos são representados tanto pela Mãe Negra e pelas experiências no negro – como é o caso da obra em negro, na alquimia – quanto pelos eventuais sonhos de um europeu branco com pessoas negras.

Quando o ser se liberta dessas matrizes de condicionamentos ou falsas cabeças, ele converte seus desejos e, desse modo, alcança o verdadeiro desejo. O único verdadeiro desejo do ser existencial pode ser simbolizado por uma matriz feminina, pela parte *yin*, isto é, pela dimensão feminina de nós mesmos, sejamos homens ou mulheres. O verdadeiro desejo dessa matriz virginal é receber e ser fecundada pelo masculino em nós mesmos, ou seja, pelo gêmeo celeste ou Verbo divino. A rosa simboliza esse estado de pureza do mundo sutil intermediário, que lhe permitirá ser fecundado pelo mundo divino.

A questão essencial é sabermos qual é o nosso verdadeiro desejo. No entanto, os falsos desejos e as carências nos desviam e dificultam reconhecê-lo. A solução não é reprimi-los e tampouco tentar realizá-los, mas discernir o verdadeiro desejo em nós mesmos.

Outro ponto muito interessante é a relação que pode haver entre o sono paradoxal, ou seja, o sonho, e o sistema límbico, sistema esse que nos remete ao corpo sutil.² A emoção tem um forte vínculo com o desejo, visto que raramente encontramos um desejo sem ligação com uma emoção. E ambos, emoção e desejo, estão intimamente associados ao sonho, facilitando a integração das informações comportamentais, ligadas à vida cotidiana. É como se as emoções e os sonhos permitissem decodificar e integrar numa linguagem diferente da habitual, um certo número de informações.

Todos esse elementos indicam o modo pelo qual a pessoa interage com o meio ambiente, porém numa linguagem diferente. Na linguagem habitual do consciente, podemos, é evidente, decodificar muitas coisas nas relações que mantemos com os outros, mas é como se houvesse igualmente uma comunicação não verbal, não consciente, que se processa num nível mais subconsciente, e que poderia ser traduzida, através da emoção, no mundo astral. Esses níveis conscientes e inconscientes vão gradualmente nos construindo.

² Veja, do mesmo autor, *Do Corpo Físico ao Corpo de Luz; A Reconstrução do Templo*, São Paulo, Editora Ágape.

O sonho terapêutico e o sonho iniciático

Parece que, na mitologia grega, havia dois termos distintos referentes ao sonho. Essa distinção existe também na língua francesa, mas não na portuguesa. Trata-se de **rêve** e **songe**. A etimologia de *rêve* remete à raiz latina *vagus*, que originou vaguear, vagabundear, e a uma expressão que fala de um vazio na alma. Na palavra *rêve* existe ainda o sentido de divagação. *Songer*, por outro lado, que vem da raiz indo-européia *suep*, remete-nos ao grego *hýpnos*.

Hýpnos, que se pode traduzir por sono, é irmão de Tanatos, a morte. É importante compreender, portanto, que morrer e dormir são irmãos. Hipnos mora numa caverna, imagem interessante de penetração. Isso quer dizer que, durante o sono, estamos em nossa terra interior. Essa gruta é atravessada por um célebre curso d'água, o Rio Lete, rio do esquecimento, de onde vem o termo **letal**. A letalidade que se refere à morte, etimologicamente, significa esquecer. Morrer, ou seja, atravessar o Rio Lete, na verdade significa esquecer.

Esquecer é um imperativo vital. Cada esquecimento é, de algum modo, uma pequena morte. Todas as teorias psicológicas atuais que, de uma forma ou de outra, estabelecem relação entre o sonho e o mecanismo do esquecimento são justificadas pela mitologia. Há, portanto, a necessidade de esquecer, e o sonho provavelmente vai nos ajudar nesse sentido.

No mito, porém, *Hýpnos* também está ligado ao sonho que, na mitologia grega, resulta da comunicação que os gênios estabelecem com os mortais adormecidos para transmitir as mensagens dos deuses. Graças a esses gênios do sonho, os homens podem conhecer a vontade divina, em geral representada por Zeus ou Hermes. Na civilização grega esse tipo de sonho tinha uma grande importância.

Havia locais de cura nos quais as pessoas, após um ritual específico de purificação, pediam um sonho terapêutico, um sonho curador. De um modo geral, esses sonhos, que se expressam numa linguagem simbólica, que não é a

nossa habitual, eram traduzidos por sacerdotes especializados na arte de interpretar os sonhos.

Na tradição grega estão claramente enunciadas duas funções daquilo que se poderia chamar genericamente de sonho: o sonho emuncatório, de eliminação e descarga, no sentido do esquecimento, e o sonho de contato com a dimensão espiritual e celeste de si próprio.

No sonho há um paradoxo. É necessário estabelecer uma distinção entre os sonhos que não deveriam ser relatados, por terem uma função de limpeza, e os sonhos que, ao contrário, consistem numa expressão da vontade celeste ou espiritual em nós próprios e que, por isso mesmo, devem ser interpretados e compreendidos, para nos tornarmos um pouco mais obedientes à dimensão celeste, ou seja, ao nosso verdadeiro desejo. O sonho, enquanto processo de purificação, refere-se a dados vindos em geral do exterior, e o sonho espiritual, por outro lado, refere-se a nossa dimensão interior.

Para exprimir essa questão em outros termos, poderíamos afirmar que existem diferentes níveis de sonho, relacionados a um dos três mundos, tradicionalmente conhecidos por mundos físico, astral e celeste, também chamados de inferno, purgatório e céu.

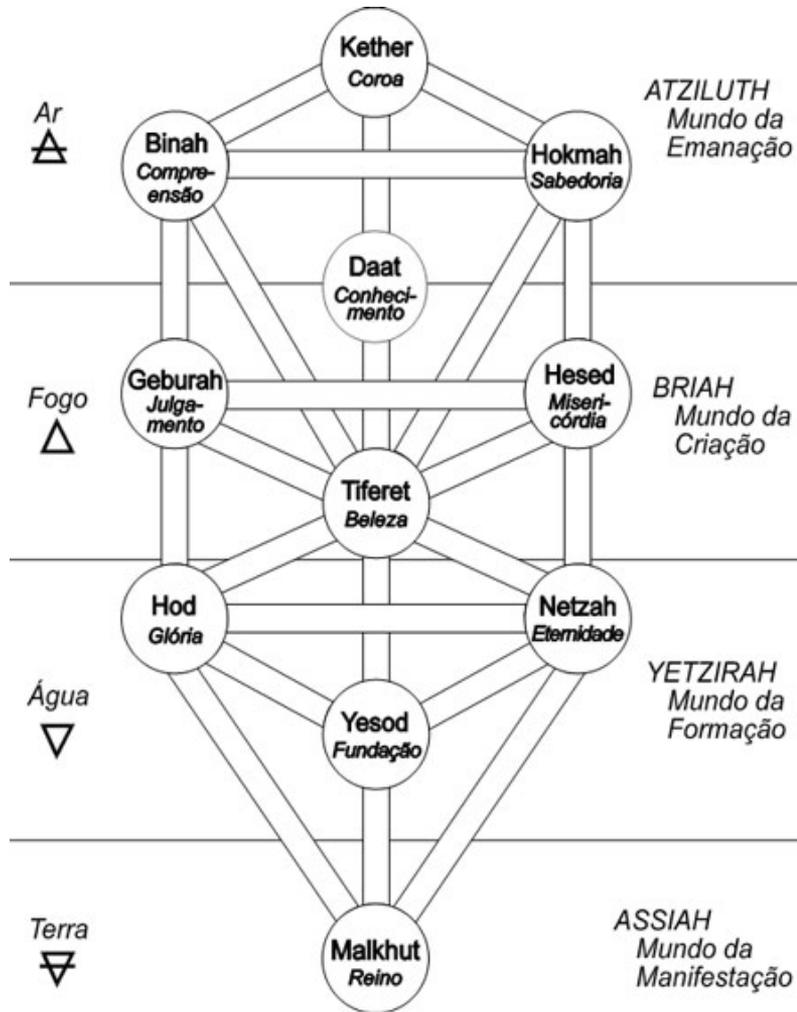
Para aqueles que conhecem a Cabala, é possível associar esses três níveis de sonho respectivamente aos mundos de Assiah, Yetzirah e Briah.³

Assiah	Mundo Físico	Inferno	Terra
Yetzirah	Mundo Astral ⁴	Purgatório	Água
Briah	Mundo Celeste	Céu	Fogo
Atziluth	Mundo Divino	(não criado)	Ar

³ Veja também o esquema da *Árvore da Vida*, reproduzido na pág. seguinte. O leitor encontrará, no desenvolvimento do texto, outras formas de expressão que tornarão clara a idéia dos diferentes níveis de sonho. (N. revisores)

⁴ Ou *Mundo Psíquico*. (N. revisores)

Árvore da Vida



Na realidade, cada mundo é duplo, emanado e emanador. Do mesmo modo, o corpo astral, ou corpo sutil, devido às memórias inconscientes às quais está associado, será emanador do Mundo Físico. Nesse sentido, o Mundo Físico é consequência do Mundo Astral. Trata-se do mesmo processo que encontraremos no carma que se estabelece entre duas existências, ou então nas ocorrências do Mundo Astral que terão consequência no Mundo Físico.

No nível inferior desse processo energético ocorrem mecanismos cibernéticos de ação e resposta. Isso quer dizer que o Mundo Físico, emanado do Mundo Astral, torna-se emanador para o Mundo Astral.

Esses elementos estão nitidamente colocados, quando corretamente interpretados, na fisiologia do sistema nervoso. As crianças recém-nascidas, por exemplo, dormem muito e sonham muito. No início da vida, é como se o Mundo Astral tivesse a função matricial de oferecer todo condicionamento necessário ao ser que se encarna no Mundo Físico. No bebê, em verdade, a atividade celeste é dominante. Por dormir muito e sonhar muito, podemos dizer que ele se encontra predominantemente num outro mundo. Pouco a pouco, por emanção dos outros mundos, vai ocorrer a maturação do cérebro físico. Isso quer dizer que, apesar das interpretações habituais, que negam os mundos interiores, a função astral é dominante na criança porque, na verdade, seu processo de condicionamento não está concluído. Já na vida embrionária parece existir uma relativa atividade onírica. O feto parece ter uma certa atividade de sonho.

Da fecundação até o nascimento, há como que uma recapitulação de todas as fases da evolução, desde o início da Criação e de toda a humanidade até o momento atual. O embrião passa por fases que poderiam ser denominadas de mineral, vegetal e animal. Ao nascer, é como se a embriogênese tivesse lembrado todas as fases do passado para trazê-las ao presente. Para nascer, somos obrigados a fazer o percurso de um ciclo completo. Não aparecemos de mãos abanando. Precisamos recapitular todas as memórias.

Chegamos ao nascimento com um corpo que traduz o estágio atual da humanidade. Não evoluímos muito desde o Cro-Magnon. Somos ainda homens pré-históricos. Ao mesmo tempo, há um início de impregnação astral nessa memória física e, após o nascimento, essa impregnação continuará por um longo tempo. É como se, ao nascermos, ainda não tivéssemos recapitulado completamente todo o processo cármico. Por isso ocorrerá a encarnação progressiva de um certo número de matrizes de condicionamento psíquico.

Esse processo, em geral, dura vários anos. Como consequência, a personalidade astral individualizada só irá aparecer pouco a pouco. De início, habitualmente, a criança se parece muito com os pais ou então com o que os pais eram quando pequenos. Para se constatar esse fato basta comparar as fotos dos filhos com as dos pais, quando crianças. Esse fato indica memórias, de modo geral, muito mais físicas e familiares, portanto coletivas.

Apenas na medida em que as matrizes astrais se reencarnam e essas forças astrais passam a atuar na matéria, é que gradativamente se manifestarão as diferenças corporais mais específicas. Em razão desse processo, a criança que, aos 3 ou 5 anos se parece muito com os pais, apresentará grandes diferenças entre os 20 e 25 anos, tanto física quanto psicologicamente.

As matrizes sucessivas de encarnação, que se processam no correr do tempo, estão tradicionalmente vinculadas aos ciclos de sete anos. Na verdade, durante um longo período da vida, podemos perceber que o indivíduo não é inteiramente livre. Ele está submetido ao imperativo de recapitular o conjunto dos condicionamentos cármicos. Terá que viver, de alguma forma, trabalhos obrigatórios. É só muito mais tarde, se tiver assumido e conseguido se liberar dessas matrizes de condicionamento, que poderá reencontrar, mediante mecanismos circulares, o contato com o mundo celeste.

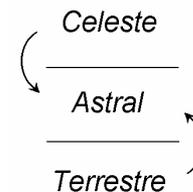
A maior parte das pessoas que estão encarnando, nesse momento, encontram-se num evidente processo de involução. Funcionam num padrão cibernético de mera regulação astral

e física, onde permanecem girando. Mas, quando se consegue purificar o plano astral e intermediário, ele passa a atuar como emanador, permitindo a reconexão com o mundo celeste.

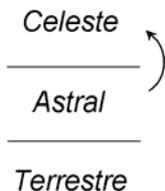
A grande chave para o trabalho espiritual, que nos leva ao céu, é a liberação das matrizes de condicionamento astral, por mais paradoxal que isso possa parecer. Com raras exceções, esse contato com o mundo celeste não se efetua antes dos quarenta anos. Isso quer dizer que deve haver uma passagem por cinco setênios ligados ao processo de condicionamento astral. Só ao final do sexto setênio, aos 42 anos, a liberação torna-se possível. Essa é a razão pela qual nas antigas tradições havia pré-requisitos de idade. Na tradição judaica, por exemplo, recomendava-se que não se praticasse a Cabala antes dos 7 vezes 7 anos, ou seja, antes dos 49 anos. O que é compreensível, já que essas práticas se referem ao mundo celeste. Com razão, considerava-se que, até uma certa idade, as pessoas não tinham acesso a determinados níveis de conhecimento.

O mundo intermediário, psíquico ou astral

Quando falamos do sonho, ou seja, do mundo intermediário, do astral, ficamos frente a uma situação bastante específica, que poderíamos resumir da seguinte forma: há uma ação emanadora do mundo celeste e outra, do mundo terrestre. Existem de fato dois níveis no mundo astral ou psíquico.



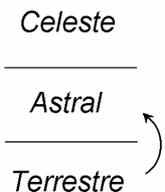
A questão é apenas conseguir que o mundo astral se torne emanador daquilo que se passa acima.



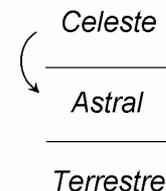
Essa ação emanadora poderá ser facilmente identificada na interpretação dos sonhos, por exemplo, quando o sonhador toma consciência de que está sonhando.

De fato, ocorre com alguma freqüência sonharmos que estamos sonhando. Isso quer dizer que há a possibilidade de uma ação consciente num mundo que não é consciente, no sentido habitual do termo. Também podemos compreender a emanção do mundo celeste pelo tipo de visão que ocorre no sonho.

Na maior parte das vezes, porém, sonhamos exatamente como nos situamos na vida. Por exemplo, sonho que estou dando um curso, vendo exatamente o que estou vendo agora. Esse tipo de sonho, em que me encontro no meu corpo, olhando com os meus olhos, refere-se a uma experiência física. Podemos dizer, nesse exemplo, que o sonho de certo modo emana do corpo físico:



Por outro lado, quando o sonho decorre de uma emanção do plano celeste, tornamo-nos o olho de Deus que nos vê, ou seja, somos o Senhor que observa. Nesses casos, o ângulo de visão vem de um “olho” que está acima do nível em que se encontra a ação. No exemplo do sonhar que estou dando um curso, eu veria a mim mesmo dando aula:



*Estou **vivendo** uma situação ou estou me **vendo** viver essa situação?* Detalhes desse tipo raramente são enunciados na interpretação dos sonhos. No entanto, a maneira como nos vemos no sonho é muito importante. Quando sonhamos estar nos vendo em ação, isso significa que de algum modo somos nossos próprios senhores, ou em outros termos, é o nosso plano celeste que nos está vendo. Temos consciência do que se passa, porque estamos ligados a esse nível celeste.

Em princípio, os sonhos que vêm do mundo superior, têm um grande poder de revitalização e de regeneração. Já um sonho que deve ser esquecido, não tem uma carga energética muito poderosa. Um eventual impacto não vem do sonho em si, mas da tomada de consciência e do medo. Num pesadelo, por exemplo, ficamos perturbados, temerosos, e a carga energética resulta mais da interpretação que fazemos do sonho, no momento em que nos lembramos dele, do que do próprio sonho.

No sonho espiritual, ocorre exatamente o contrário. A carga energética é extremamente forte: lembramos muito bem dele e sua atuação poderá estender-se por muitos meses ou anos. Os sonhos que se enraízam no mundo celeste, são portadores do poder energético do sono profundo. Quando o sonho é nítido, há uma clara relação com a luz, mesmo quando aparentemente poderia ser interpretado como pesadelo. Essas questões ficarão mais claras quando fizermos algumas interpretações concretas.

A impressão de algo terrível ou dramático, nos sonhos de natureza celeste, decorre da interpretação que damos a partir de nossa visão terrestre. Os processos energéticos, como aqueles que citei de Eros e Rose, exigem uma inversão com-

pleta da consciência. *Apocalipse*, por exemplo, significa etimologicamente Revelação e quase todo mundo deseja uma revelação. Mas, quando lemos o Apocalipse, ficamos com medo de toda aquela destruição. Portanto, ou aqueles que escreveram tais textos eram loucos masoquistas, ou então a verdade não é aquela que parece à primeira vista. Evidentemente, a segunda alternativa é a justa.

Se, por exemplo, sonharmos com nossa própria morte, é evidente que se tratará de uma situação dramática para o ser terrestre. Porém, essa visão só é dramática para a consciência identificada com o corpo, que acredita que se o corpo morre, não pode mais ser. No sonho estamos vivos, mas onde se encontra o corpo? Durante o sonho não temos um corpo no sentido habitual, o que nos dá a experiência de estarmos vivos sem corpo físico.

Na seqüência, quando se começa a ter domínio sobre o mundo interior, percebe-se que se pode estar vivo, mesmo sem ter qualquer imagem ou representação psíquica. Após a passagem pelo mundo intermediário, uma série de coisas serão expressas, mas os intérpretes seremos nós mesmos. Isso significa que a interpretação irá revelar o nível espiritual de nosso ser. Se estivermos identificados com as formas ou aparências, interpretaremos tudo sob o prisma delas. O mesmo ocorrerá se estivermos identificados a uma teoria psicanalítica ou religiosa. É fácil compreender, portanto, por que alguns sonhos podem ter um caráter dramático.

A morte é anunciada para um olhar superior, que não conhece a morte. Ao falar de sua própria morte, estará simplesmente enunciando uma mudança de pele. Sua pele morre, mas ele não. Por isso não se inquieta de modo algum. Não se atemoriza. Como podemos perceber, tudo depende do olhar que se tem para cada momento.

Diante dessas constatações, uma questão se coloca: como compreender o modo pelo qual o mundo celeste comunica-se conosco, já que a comunicação que estabelecemos com o corpo físico é mais simples. Posso sonhar à noite com uma série de coisas ligadas a minha vida de todos os dias,

com pessoas e paisagens que conheço; mas também posso sonhar com pessoas e paisagens que não conheço e ter experiências que nunca vivi. Tive, por exemplo, muitos sonhos em que eu roubava, mas nunca fui capaz de fazer isso na vida física. Em sonhos já andei sobre as águas, mas na vida física também não seria capaz, e assim por diante.

Questões: Sonhar colorido e tipos de sonho.

A: *Qual o significado de se sonhar colorido?*

Os sonhos, normalmente, deveriam ser em cores e, a meu ver, só em casos particulares, seriam em branco e preto. Sonhos sem cor indicariam que falta algo à pessoa. Considerem o que significaria alguém ver a vida a sua volta em branco e preto, ou vestir-se sem cores? A cor anima e dá alma às coisas. Quando a criança começa a penetrar o mundo das cores, significa que a encarnação da alma se efetua.

A cor está intimamente ligada ao colocar-se em movimento. Sonhar em preto e branco, portanto, demonstra falta de animação, de movimentação. É preciso dinamizar as pessoas que vivem numa consciência sem matizes, que vêem tudo branco, preto ou cinza. Para elas, tudo é luz ou trevas e ainda não incorporaram em seu consciente o processo de difração, de diferenciação e de relativização das forças animadoras.

B: *Tenho um tipo de sonho como se fosse um rádio quebrado, sempre transmitindo alguma coisa. Há também um outro tipo, no qual participo fisicamente e que são assustadores: parecem se referir ao nível do psiquismo. São sonhos recorrentes, que, após um tempo de vida se resolvem. Há, finalmente, um outro nível em que vejo o sonho de fora: são como histórias ou contos de fada; nunca desaparecem e os símbolos vão se revelando aos poucos. Gostaria de saber se isso é coerente com o que você está apresentando.*

Sim, de fato, são três níveis, três mundos, mas que se passam no plano astral. Tudo se encontra em tudo. Há, de

certo modo, um mundo físico do mundo astral, um mundo astral do astral, e um mundo espiritual do astral. O mesmo acontece nos planos físico e celeste. O tipo de sonho que você compara a um rádio, refere-se a experiências do físico e do astral, com um mecanismo subconsciente muito primário, quase automático. Está no nível mais baixo do astral e toca as memórias inconscientes do corpo. Por outro lado, o nível seguinte, muito mais emocional, está ligado ao plano astral propriamente dito. Voltaremos a essa questão mais adiante.

Questão: O gêmeo celeste

C: *O que se deve entender por gêmeo celeste?*

O conceito de *gêmeo celeste*, que estamos utilizando, engloba muitas e detalhadas interpretações. Mas, para obter algumas indicações básicas, precisaremos recorrer a processos energéticos muito específicos. Por exemplo, na parte superior do esquema da Árvore da Vida, situa-se o mundo divino, que é não-criado. Ele envia uma hipóstase⁵ de si mesmo para um campo criado, que pode conter todas as formas, mas ainda livre de qualquer forma. Podemos chamar esse nível de si-mesmo, mestre interior, anjo, guia celeste e, também, gêmeo celeste. Por sua vez, esse nível irá revestir-se de outra forma específica, que tanto pode ser astral, como física. Portanto, posto que as formas físicas contêm todos os planos, podem englobar tudo e nos permitir então a experiência do 'si-mesmo'.

Quando o si-mesmo se reveste de uma forma humana, surge o gêmeo terrestre, o ser psico-corporal. Então, o que pode ser chamado de Verbo divino é, na realidade, o conjunto do Senhor e de seu servo. Há uma relação muito estreita entre o Senhor e o servo do Senhor, que somos nós em nossa dimensão psico-corporal. Todos os problemas surgem quando

esses dois níveis, que funcionam em ressonância energética, não entram mais em harmonia vibratória.

No sentido sonoro do termo, uma corda é feita para vibrar num certo tom e, quando desafina, é doloroso. Cada vez que não existe concordância entre os dois termos, entramos em sofrimento. Somente poderemos viver a experiência do gêmeo celeste quando nascermos pela segunda vez.

A segunda morte está ligada à ultrapassagem da individualidade humana, no sentido do indivíduo psico-corporal que somos, de tudo aquilo que nos dá a impressão de sermos nós mesmos. Após essa morte, autografar um livro ou fazer um xis, por exemplo, seria para nós a mesma coisa, porque se tornaria difícil olhar no espelho e dizer: "Esse aí sou eu". Se alguém ao nosso lado tivesse o mesmo nome, não nos surpreenderia, pois não estaríamos particularmente identificados a nós próprios. Compreendemos esses níveis como etapas necessárias para a realização de algo subjacente e que nosso trabalho, no sentido do indivíduo terrestre, é o de estar a serviço de uma dimensão superior de nós próprios, que não se chama Fulano de Tal.

Enquanto o ser se identificar com sua individualidade psico-corporal, terá de morrer. Após a morte física, essa individualidade sobreviverá por certo tempo no mundo astral, mas esse corpo astral também morrerá. Portanto, não ultrapassar a individualidade significa morrer, mais cedo ou mais tarde. É por isso que tememos tanto a segunda morte.

É preciso, através de formas individuais, possibilitar ao ser alcançar uma experiência do mundo celeste, ou seja, estabelecer um contato consciente com um determinado nível de si próprio, livre de uma forma específica e que poderá assumir qualquer forma.

O contato com esse nível de si-mesmo é ilustrado pela tradição de diversas maneiras. Por exemplo, na Busca do Graal, Merlin aparece um dia jovem e, no outro, velho; algumas vezes, simpático, outras, não. Não é fácil compreendermos o que é ser livre das formas e que não necessitamos delas para Ser.

⁵ Termo filosófico. Na tradição aristotélico-tomista, refere-se ao que há de permanente nas coisas que mudam, e que é o suporte sempre idêntico das sucessivas qualidades resultantes das transformações. (N. rev.)

Outro exemplo é o de Jesus após sua ressurreição, quando aparece aos discípulos de diversas maneiras: algumas vezes é reconhecido e outras, não. Isso mostra que a partir de certo nível não se está preso a forma alguma.

Há relatos análogos a respeito de mestres taoístas. No Zen, de igual modo, as práticas do *koan* apontam na direção da não identificação, da libertação das formas.

A Tradição e as quatro eras

Atualmente, a situação de nosso mundo com relação ao espírito é bastante dramática, pois, apesar das aparências, nunca estivemos tão afastados dos valores espirituais como agora. Temos a impressão de que nunca a humanidade foi tão culta, tão inteligente e de que as gerações que nos precederam, particularmente as mais antigas, eram muito menos evoluídas que a nossa. Na verdade, porém, a Tradição afirma exatamente o inverso.

No início de qualquer ciclo de encarnação (e o nosso começou há uns vinte mil anos aproximadamente) o ser humano permanece num estado que se poderia dizer celeste. É a chamada Idade de Ouro. Os homens Cro-Magnon eram muito primários quanto ao desenvolvimento técnico e social, mas estavam num estágio muito próximo de Deus. Depois, quando o ciclo se completou, passamos para a Idade de Prata e, a seguir, para a de Bronze. Estamos agora na quarta idade da humanidade, a Idade de Ferro ou Kali-yuga, o que quer dizer que nos encontramos na fase mais afastada de Deus e na qual, paralelamente, o consciente dual, analítico, mais se desenvolveu. Isso tudo está na intenção do Divino, mas, ao mesmo tempo, coloca-nos um problema muito real.

Acredito que muitas coisas que vivemos hoje, estão intimamente ligadas às questões subjacentes ao final do presente ciclo. Platão, por exemplo, falava de quatro formas de governo, associadas às quatro idades. O primeiro, se não me falha a memória, é a Teocracia; viria depois a República, seguindo-se a Democracia que, finalmente, conduziria à

Anarquia. Quando se estivesse na mais profunda Anarquia, o ciclo recomençaria.

No momento, ao que parece, estamos passando da Democracia à Anarquia. Podemos observar como todos os valores se dissipam. No entanto, nas situações paradoxais, nas quais estamos aparentemente mais afastados da fonte, há sempre uma possibilidade subjacente. Na maior anarquia e, justamente graças a ela, podemos encontrar a teocracia em nós mesmos. A situação da sociedade, no momento, é para mim exatamente essa. Vivemos uma profanação completa dos valores autênticos. Estamos destruindo a vida e o planeta. No entanto, nesse verdadeiro drama, há a possibilidade real de encontrarmos outra coisa.

Atualmente, só se pode descobrir o espiritual através das crises, dramas ou doenças. Já não ocorre mais um processo de descoberta em si próprio, harmonioso. Parece que só podemos descobrir o espiritual à medida que nos encontramos no descaminho, no sofrimento, na solidão. Constatamos que, de fato, quase nada é feito para nos aproximar desses valores. Mas, com frequência, é justamente no momento em que estamos mais perdidos que podemos tomar consciência da possibilidade de reencontrarmos o sentido de nossos valores interiores, desde que nos permitamos obedecer a esses valores. Não basta apenas reencontrar os valores, é preciso segui-los, ou seja, testemunhá-los nos atos de vida.

Acredito que, no momento, estamos num grande descaminho. Os ensinamentos religiosos, com raras exceções, demonstram uma grande carência de verdadeiros valores. A sociedade também não nos leva a reencontrar esses valores; muito pelo contrário, ela nos induz a viver a lei da selva, do mais forte, em que se tenta agarrar o máximo possível, ainda que destruindo os outros.

Mesmo nos ensinamentos que se intitulam espirituais, verificamos também muitas ilusões. Na maior parte dos livros não se encontram ensinamentos sérios, que possam ser chamados de verdadeiros ensinamentos espirituais, pois não estabelecem qualquer distinção entre o mundo intermediário

e o superior. Ao que parece, bastaria brincar um pouco com energias, uma pitada de chacra aqui, uma dose de visualização ali e, pronto, teríamos as grandes revelações! Mas a única revelação que se obtém é a do poder da serpente astral e das delusões que se seguem a isso.

Isso não quer dizer que não existam autores bastante sérios, ou que não se possam encontrar ensinamentos de grande qualidade. Mesmo no campo religioso há pessoas de alto nível. É possível descobrir seres de grande dimensão no judaísmo, no budismo e no cristianismo. O problema é que normalmente não temos oportunidade de encontrá-los. De modo geral, temos acesso a uma interpretação bastante profana das coisas, mesmo entre pessoas tidas como religiosas ou espirituais. Estamos, portanto, num período de muito sofrimento.

Não são os valores atuais da sociedade que poderão nos ajudar, nem mesmo tudo aquilo que, num sentido mais amplo, podemos chamar de “científico”. Os próprios postulados da ciência impedem toda e qualquer penetração nos mundos sutis ou superiores. Enquanto a ciência não alterar seu ponto de vista, os seus métodos de experimentação e de pesquisa de reprodutibilidade, só conseguirá produzir uma descrição do objeto e nunca do sujeito. Enquanto a ciência não ampliar o seu olhar, não poderá alcançar outros planos.

As constatações atuais não são nada encorajadoras. Pelo contrário, estamos diante de crises importantes na sociedade. Se nada mudar, viveremos provavelmente coisas muito piores do que estamos vivendo agora. Não se trata aqui de fazer o papel de ave de mau agouro, mas é preciso compreender que, embora a tendência geral se inscreva nessa direção, Deus sempre nos deixou livres no mundo da matéria e, portanto, sempre será possível revertermos o processo.

Questão: A prática da ascese

D: *Muitos praticam a ascese como um recurso essencial para a evolução, mas se deparam com um mecanismo de rea-*

ção, em que as coisas parecem voltar pior. Como lidar com essa situação?

A resposta para isso é que não pode haver ascese sem a correspondente dinamização do amor. Uma ascese que machuca e mortifica, não leva a nada. É preciso compreender que permanentemente oscilamos entre a permissão de vivermos qualquer coisa e a tentativa de retomarmos a rédea de nossa vida. É através desse jogo sucessivo que, na realidade, podemos nos transformar. É preciso compreender que um processo vital é sempre de regulação. A própria fisiologia de qualquer função orgânica exprime bem esse processo.

Tomem, por exemplo, a hipófise ou o ovário. Num determinado momento vem a ordem: “Fabrique tal hormônio”. A fabricação é um processo relativamente simples, material. Numa imagem, pode-se dizer que esse processo é similar à ascese, pois o hormônio fabricado ordenará ao organismo uma ação bem específica. Uma vez cumprida a ação, outros hormônios de neutralização serão fabricados. Analogicamente, a ascese pode ser representada como uma ordem dada ao organismo para realizar a ação que pressentimos ser justa e, ao fazê-la, obrigatoriamente colheremos a conseqüência dessa ação. Esse processo, porém, desencadeará o mecanismo contrário que, por sua vez, nos demandará uma ação física suficiente para inibir esse mecanismo. O mesmo deverá ocorrer com a anti-ascese, que desenvolverá sua contrapartida, a ascese. Se não houver a regulação, entraremos num processo cancerígeno.

Nada há a fazer frente à ascese, como fator de inibição. Quando o patamar hormonal, porém, não for mais suficiente, haverá de novo a síntese do hormônio. Funcionamos sempre num equilíbrio entre estimulação e inibição. É necessário manter esse paradoxo.

Para mim, a ascese só tem sentido se tivermos a capacidade de permanecer livres em relação à própria ascese. Caso haja identificação com a ascese, realizaremos algo muito formal, que escapa ao processo de vida; é um processo, portanto, destrutivo. Mas o inverso também é verdadeiro, pois

peças incapazes de ascense nada realizam interiormente. É preciso sentir qual é a dominante em si próprio e tentar manter o equilíbrio. Se, por exemplo, tivermos uma natureza excessivamente ascética, devemos estimular mais, em nós, a liberdade e o largar. Se formos muito compassivos e nos deixarmos levar por qualquer coisa, devemos dinamizar a ascense, construindo um degrau na escada para não cairmos no vazio, sem, porém, nos identificarmos com ela. É importante compreender que a ascense é apenas o corrimão; somos nós que subimos a escada.

2. As Assinaturas dos Sonhos

Visto que o mundo astral pode ser diferenciado em *assinaturas*⁶ específicas, torna-se útil perguntar qual é a *assinatura* dominante de um sonho. Do mesmo modo que, na morfologia ou na psicologia, podemos falar de tipos morfológicos ou psicológicos, um sonho estará sempre inscrito num determinado tipo psíquico, que, por sua vez, representa uma estrutura em transformação. A dinâmica dos quatro elementos (fogo, terra, ar e água) indicará a etapa de transformação de uma determinada estrutura.

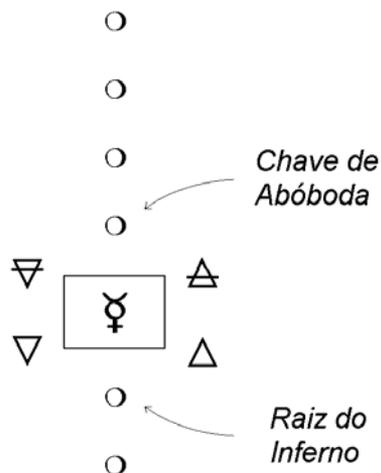
Não podemos ser lineares na utilização dessas referências. É necessário muito tempo de trabalho para a aplicação correta dessas categorias, pois podemos sonhar com o elemento água numa determinada estrutura, mas, noutra etapa de transformação, esse mesmo elemento terá outro significado.

Tomemos o mundo astral aplicando a ele uma referência específica de construção, ou seja, o sistema setenário ocidental. Nesse sistema encontramos as sete assinaturas planetárias do corpo astral. Num estudo comum, o desenvolvimento é sempre linear, mas para aprofundar, é preciso relativizar. A questão é: como irá se inscrever em nós, como um todo, algo vivenciado numa determinada assinatura?

Utilizando uma imagem, poderíamos dizer que a assinatura seria o altar central, o tabernáculo de um templo particular. No sentido do antigo politeísmo, por exemplo, o fiel que fosse fazer sua adoração no templo de Mercúrio, encontraria a representação dessa divindade sobre o altar central. Mas, para integrar essa assinatura, existia todo um ritual prévio,

⁶ O termo *assinatura* é aqui utilizado no sentido que lhe atribuía Paracelso, quando se referia às *assinaturas planetárias*, ou seja, aos atributos específicos de cada astro, com os quais se particularizam os seres, sejam minerais, vegetais, animais ou humanos. (N. revisores)

que incluía a circundação do templo. Ou seja, ao circular, por exemplo, em volta do templo de Mercúrio, entrava-se em contato com os quatro ângulos desse templo, que continham uma estrutura específica dos elementos, associada por sua vez às assinaturas próprias de outros templos. O primeiro ângulo tinha a assinatura da terra, o segundo, a da água, o terceiro, a do fogo e o quarto, a do ar. Nesse templo, sonhar com o elemento água significava que se estava na etapa correspondente do processo de transformação.



Após termos vivido os quatro elementos, que reconduzem às quatro assinaturas da assinatura central, podemos entrar no templo, estabelecendo um profundo contato com a assinatura específica que nos constrói ou, falando em termos astrais, com a assinatura que nos condiciona. À medida que vamos tomando consciência dela, podemos descer e destrancar o inferno, a raiz desse condicionamento e, ao destrancá-lo, passamos aos céus. Portanto, após termos circulado em volta das quatro pedras angulares e liberado a pedra de fundação, passamos à chave de abóbada do templo que, ao mesmo tempo, transforma-se em altar central de outra assi-

natura condicionante. Em seguida, é necessário percorrer de novo o mesmo caminho, até que a totalidade das assinaturas seja destrancada.

Veremos concretamente mais adiante quais serão as assinaturas dos sonhos que serão relatados. Há todo um conjunto de símbolos que representam uma dada assinatura. No caso de Mercúrio, símbolo da comunicação, por exemplo, existem na Bretanha marcos de pedra erigidos ao longo dos caminhos.

No plano celeste, um modo de entrar em contato com a energia de Mercúrio é o encontro com o sábio, com aquele que oferece o ensinamento. É importante, no entanto, diferenciá-lo do velho sábio, personagem que traz a assinatura de Saturno. Se nos lembrarmos que a Mercúrio também estão associados símbolos ligados à palavra, poderemos compreender de forma mais ampla o significado de, em sonho, um cachorro pular na direção da garganta de alguém.

Um rapaz, por exemplo, sonha que deveria ter uma conversa séria com seu pai; para encontrá-lo teria que atravessar um rio, mas não consegue. Trata-se aqui de uma assinatura mercurial ligada ao problema da palavra com a energia água, ou seja, emocional. Esse sonho tem uma assinatura de Mercúrio e de astralidade, de emocionalidade. Há um bloqueio emocional da energia de Mercúrio, no nível da palavra, da expressão.

Os condicionamentos são sempre muito específicos e boa parte do trabalho de interpretação consistirá em reconhecer tais elementos nos sonhos.

Não basta a experiência com um único elemento. Em cada nível planetário é preciso viver a totalidade dos quatro elementos periféricos para poder penetrar no templo. Podemos comprovar esse fato, se nos lembrarmos de todos os nossos sonhos relacionados a um problema específico. Com muita frequência, a dinâmica de transformação se inicia com fatos muito concretos, ligados ao elemento terra e ao mundo físico. Depois sonhamos uma série de situações relacionadas à água e, em seguida, aparecerão as ligadas ao fogo.

Quando a energia começar a se espiritualizar, teremos sonhos representativos do elemento ar. Somente então haverá a possibilidade de encontrar a assinatura condicionante. Isso quer dizer que, nessa etapa, atinge-se um nível espiritualizado de transformação, que permite um distanciamento entre o objeto e o sujeito. Poderá, então, ter início um processo de sutilização muito menos cristalizado e identificado, que dará a possibilidade de ver o condicionamento e transformá-lo.

Essas diferentes etapas têm um sentido e não existem apenas para nos aborrecer. Colocam, permanentemente, desafios bem específicos e nos trazem de volta ao mundo concreto. É evidente que, no exemplo do sonho em que o rapaz não consegue falar com o pai, ele necessita de ajuda para compreender onde está o bloqueio emocional, já que não consegue atravessar o rio que permitirá a comunicação mais fácil com o pai. Será necessário transformar o bloqueio referente ao elemento água para, em seguida, tornar-se possível a transformação dessa energia.

O sonho é o reflexo de certos processos do mundo intermediário, quer tenhamos ou não a memória deles. De qualquer modo, o que o rapaz sonhou demonstra que ele tem problemas com o pai, tendo ou não consciência disso. Em seguida, esse problema aparecerá na vida. O sonho terá sido, simplesmente, um outro ângulo de visão da mesma situação.

O sonho portador de luz

O sonho tem outras funções além da purificação do indivíduo. Num determinado momento, quando o plano astral estiver relativamente purificado, a comunicação com o plano celeste poderá ocorrer através de sonhos portadores de luz. Estará, então, acontecendo um trabalho muito mais interessante do que uma simples limpeza, pois serão reveladas questões reais referentes ao nível em que nos encontramos.

A partir dessa etapa, poderá ocorrer contato entre o mundo celeste e o físico, passando pelo mundo astral. Como

o mundo astral, no entanto, é inconsciente, teremos a impressão de ter vivido um contato direto com o mundo celeste. É o caso, por exemplo, de uma intuição real cuja impressão chega conscientemente até nós. A questão será, então, saber reconhecer e interpretar essa intuição. Acreditaremos nela ou desconfiaremos dela? De início, não é nada fácil gerenciar o processo de contato direto. Nesse momento, o mundo astral colocará estranhas perguntas. Estamos ou não ligados a outras dimensões? Os mundos interiores existem realmente? Temos acesso à esfera do conhecimento em nós próprios ou a desconhecemos totalmente? Essas perguntas poderão nos situar.

Posso citar, por exemplo, um caso em que foram em recebidos em sonhos nomes de anjos totalmente desconhecidos. Foram necessários meses de pesquisa para descobrir se eles existiam mesmo.

Ao descer aos infernos, por outro lado, destrancamos todo o conjunto de memórias ligadas ao que se poderia chamar de experiências físicas. Tive acesso, por exemplo, a memórias de vida arcaicas, em que os primeiros peixes saíam da água e respiravam. Foi-me mostrado que a vida não tem origem terrestre. Vivi essas experiências em sonho e me perguntei de onde teria surgido tudo isso? Apesar de todas as nossas dúvidas, certos esclarecimentos nos são dados e se tornarão verdadeiros após serem vivenciados por nós no mundo intermediário. Enquanto não vivermos esse tipo de experiência, poderemos apenas ouvir outras pessoas afirmarem, por exemplo, que a origem da vida não é terrestre, e essa idéia simplesmente poderá ou não nos seduzir, mas não iremos além disso. No dia, porém, em que vivermos diretamente essa experiência, ocorrerá uma transformação.

Para mim, a importância do sonho revelador está no contato com os mundos superiores. Esse contato, porém, ainda representa uma simples etapa. Paradoxalmente, a finalidade do mundo astral, bem como a do mundo físico é a de morrer. Num determinado momento, o mundo astral irá se apagar, ou seja, não mais estaremos condicionados por nosso

tema representado pelo horóscopo natal. Quando o processo do desejo for totalmente integrado, viveremos a libertação dos condicionamentos.

Uma vez que o mundo celeste tenha se revelado no mundo astral, demonstrando sua realidade, ganhamos uma fé inabalável. Nesse ponto, o ser não tem mais dúvida e o mundo astral pode desaparecer, porque já cumpriu seu papel. A partir daí, o ser não sonha mais e a qualidade do sono se transforma. Necessitará menos tempo de sono e as fases não serão mais entrecortadas. O sonho se apaga porque, tendo realizado a si próprio, não mais sustentará desejos. Com o mundo intermediário purificado restabelece-se a comunicação com o gêmeo celeste. Unificado a si próprio, o ser vive apenas o desejo essencial: comunicar o plano físico com o plano celeste. O sonho, a partir de então, não tem mais função. Ele é útil somente quando o ser não decodifica concreta e fisicamente os fatos e, nesse caso, o plano astral ainda pode expressar-se internamente.

Quando o plano intermediário se encontra purificado, o verbo encarna-se realmente e o verdadeiro trabalho não será mais sobre o nível astral, mas sim testemunhar no mundo. Como se pode observar, os atos essenciais entre a Ressurreição e a Ascensão de Cristo foram os de dar testemunho. Tomé toca as chagas, o que indica que os fatos se passam no mundo da matéria e está em questão a operação direta.

Nessa etapa, o plano astral atenua-se bastante, mas poderá, às vezes, exprimir-se entre o plano celeste e o físico, sem correlação direta com um objeto específico. Por exemplo, quando o gêmeo celeste tiver encarnado, o ser viverá no presente, mas, como esse presente é eterno, nem sempre será fácil diferenciá-lo do passado e do futuro. O mundo astral, então, poderá enunciar uma mensagem vinda do mundo celeste através de um sonho de inspiração profética. Isso quer dizer que, em vez de uma inspiração do presente, o mundo astral indica o que ocorrerá mais adiante, permitindo diferenciar e agir com clareza.

Quando o gêmeo celeste está encarnado, é evidente que a experiência se dá no mundo físico, mas, se houver necessidade, por exemplo, de entrar em contato com uma pessoa ausente, que não podemos contactar fisicamente, a comunicação poderá ocorrer através do sonho. No entanto, saberemos tratar-se de seu nível astral e, também, ser o sonho a única forma de contato de que dispomos. O plano astral, nessa circunstância terá uma função muito reduzida, mas não desprezível, pois o sonho constitui uma ferramenta muito preciosa durante o trabalho de purificação e de integração dos condicionamentos astrais.

É necessário saber relativizar o que acaba de ser dito. Dei exemplos de pessoas conhecidas ou desconhecidas, simplesmente para demonstrar que uma interpretação estritamente psicológica considera apenas os acontecimentos existenciais. Num sonho, dificilmente imaginamos algo além do que vivemos e conhecemos. No entanto, frente a situações extraordinárias, as informações deverão estar enraizadas noutro lugar. Mais adiante, ao examinarmos concretamente os sonhos, veremos a importância de relativizar o que se sonha. O que, por exemplo, significa sonhar com um desconhecido ou andar sobre as águas?

A revelação do mundo celeste

As questões sobre a descida da energia colocam-se quando começamos a conectar não mais com o que emerge do mundo físico, mas com o que desce do mundo celeste para o mundo astral.

Como o mundo celeste, informal por essência, encontra uma forma reconhecível para se comunicar conosco? Ou então, como poderemos saber se estamos realmente em contato com o anjo, já que se trata de uma consciência invisível? Num sonho, o anjo não nos dirá: “Oi, estou aqui, sou um anjo e vou te fazer uma revelação”.

O mundo celeste compreende um nível de onisciência ou onissapiência, isto é, uma espécie de conhecimento total que

engloba todas as formas, portanto livre de todas elas. Esse mundo de conhecimento é, porém, estranha e paradoxalmente, inconsciente. O ser terrestre, por outro lado, é consciente, mas ignorante, por se encontrar identificado às formas. Ele só poderá tornar-se consciente e conhecedor através de um confronto recíproco. O gêmeo terrestre terá que reencontrar e reconhecer a dimensão celeste. Há um jogo de espelho muito sutil entre os dois gêmeos e, a partir do momento em que o gêmeo terrestre der um passo em direção ao celeste, este também dará um passo em direção àquele.

O problema é que, do lado terrestre, só podemos conscientizar-nos das coisas através de formas mentais e físicas. Se nos defrontarmos com o Vazio, com o Todo, nada captaremos. O gêmeo celeste, a dimensão celeste em nós, para tornar-se identificável terá que se revestir de uma forma: por se tratar de pura luz, só assim será reconhecido. Para tanto serão utilizadas vestimentas que conhecemos e que pertencem às nossas experiências cotidianas. Se fôssemos marciais e vivêssemos numa outra consciência de vida e de corpo, com quatro cabeças e dezoito braços, se tivéssemos acesso a níveis interiores, estes se revestiriam de formas correspondentes, ou seja, as imagens teriam quatro cabeças e dezoito braços. Da mesma forma, se os animais se revestissem de folhagens em vez de pêlos, toda referência à força animal em nós viria sob a forma de animal com folhagem.

Podemos compreender, cada vez melhor, como a dimensão celeste revela-se em nós e de qual forma teofânica⁷ ela irá

⁷ A raiz *Teo* significa Deus, e *fania*, forma. Portanto, teofania é uma forma de Deus. Essa expressão mais parece uma incoerência, porque Deus não tem forma e não pode ser apreendido por ela. Há aí algo muito estranho, paradoxal e misterioso. O Divino, que por essência não tem forma, cria uma, aparentemente separada de Si, com a finalidade de revelá-Lo.

Estranhos jogos de inversão ocorrem aí. É por essa razão que as formas astrais têm dupla possibilidade. Há, de um lado, o jogo da serpente astral que consiste em identificar a consciência física com as formas astrais, tornando-as antiteofânicas, ou seja, impedindo o contato delas com o Divino. A outra possibilidade consiste em liberar e dominar as formas astrais para que, paradoxalmente, se tornem reveladoras do Divino.

revestir-se. Ao mesmo tempo, a dimensão celeste só poderá despertar-nos à medida que estivermos despertados para ela.

Mais adiante iremos aprofundar o exame dos símbolos para tentar compreender como se dá a transcrição do mundo físico para o astral. Caso se tratasse simplesmente de uma transcrição direta, não haveria diferença entre o estado de sonho e o desperto. Existem pontos idênticos, já que é perfeitamente possível sonhar com uma situação real, mas o processo do sonho não utiliza a linguagem do mesmo modo que o fazemos na vida cotidiana. Não utiliza a mesma linguagem do estado desperto, mas sim uma linguagem de símbolos.

Advém daí a necessidade essencial de trabalhar-se sobre o simbolismo, indicação igualmente válida para todos os processos iniciáticos. O simbolismo conduz, especificamente, ao conhecimento do mundo astral. Dominar os símbolos significa conhecer a linguagem do mundo astral e adquirir o poder de estabelecer comunicação entre o mundo celeste e o mundo terrestre. Porém, é preciso diferenciar o simbolismo que exprime formas, do simbolismo tradicionalmente chamado de passivo.

O simbolismo, que exprime formas, permite a comunicação entre os dois planos. Trata-se, porém, de um simbolismo que ainda não pertence ao plano celeste. Podemos estudá-lo e ter um bom conhecimento dessa ferramenta através da astrologia, da alquimia, da cabala, das práticas respiratórias e das visualizações sem, necessariamente, alcançar uma experiência do mundo celeste. O mundo astral, ou mais precisamente sua travessia, corresponde ao que se chamava antigamente de pequenos mistérios. Na verdade, são os únicos que podem ser ensinados. As escolas e os ensinamentos foram criados para essa finalidade. Mas, a partir do momento em que um contato real com o mundo celeste se estabelece, as experiências tornam-se sem forma e não-duais. Elas não poderão ser expressas no mundo da matéria, visto que cada palavra está ligada a uma forma, a algo percebido, apreendido, dito, portanto, diferenciável.

Andar sobre as águas

Sonhar que andamos sobre as águas, por exemplo, exigirá a compreensão interior desse significado. Simbolicamente o que quer dizer andar? O que significa a água ou as águas? Como responder a essas questões a partir da experiência? A base de todos os ensinamentos iniciáticos dos pequenos mistérios consiste na máxima: “Observa o visível e conhecerás o invisível”. O que seria, portanto, uma experiência visível da água e como passaríamos para um nível mais sutil de experiência?

A água, por exemplo, serve para limpeza e purificação. Se estivermos com as mãos sujas, nós as lavamos. Ela sacia a sede, uma de nossas necessidades orgânicas mais prementes. Se tirarmos a água de uma planta, ela logo morrerá. A água produz energia; é uma força motriz. Ela também representa a adaptabilidade necessária à vida, dada sua propriedade de tomar as mais variadas formas. Se tentarmos colocar um pires dentro de uma garrafa, não será fácil, mas, se pusermos água, não haverá problema algum. A adaptabilidade da água faz com que ela esteja a serviço de todas as formas. Contém, efetivamente, a noção de forma vital, pois permite o crescimento da vida. Em seguida, poderemos examinar os atributos muito mais sutis como, por exemplo, os princípios morais que, no caso da água, pode ser a humildade. A lágrima, por outro lado, constitui a experiência sensível ligada às emoções: podemos chorar de tristeza ou de alegria.

Como podemos verificar, a base do simbolismo é constituída por fatos simples, por experiências de realidades muito concretas, porém acrescidas de uma espécie de informação subliminar para o nosso consciente. Isso não significa que a relação, por exemplo, tristeza-choro, água-emoção, seja obrigatoriamente conscientizada. Talvez não seja consciente, mas algo em nós a reconhecerá, pois, ao ocorrer uma impressão subliminar da experiência no físico, o ser poderá utilizar essa impressão e, assim, transcrever vivências do mundo astral.

O que significa andar sobre as águas? Uma primeira resposta seria a possibilidade de dominar o mundo das emoções e também um certo domínio dos processos que possibilitam a vida tomar forma. Na vida prática, se tentarmos andar sobre as águas, afundaremos ou nos afogaremos. Num sonho, porém, a situação em que nos vemos andando sobre as águas, pode significar que temos a capacidade de dominar esse nível. O difícil, num sonho dessa natureza, é saber se algo das memórias sutis nos está sendo desvendado, devido ao fato de já termos dominado o nível terrestre – nesse caso, o sonho representa uma confirmação de um novo nível – ou se (o que acredito ser mais provável), estamos em pleno processo de concretizar certos atos físicos, construindo nosso edifício interior, e já vislumbrando a capacidade de dominar nossas emoções.

Uma imagem talvez ajude a compreender o que acabo de dizer. Quando dirigimos um automóvel, as paisagens vão descortinando-se aos nossos olhos e se as vemos é porque estamos no lugar específico em que elas se encontram. Do mesmo modo, a capacidade de uma visualização global acontece quando tocamos o nível celeste, que é criador e ativo em relação à nossa dimensão terrestre.

Contatar arquétipos como o de andar sobre as águas, significa que se pode comunicar de novo com o nível original de si próprio, com alguém que sempre fomos, mas de quem nos havíamos esquecido. O mesmo pode ser dito do contato com o nível celeste: só é possível voltar àquilo que sempre fomos por toda eternidade.

Se, através do sonho, tomamos consciência de algo referente aos mundos de luz, trata-se apenas da revelação daquilo que já somos. Essa é a única revelação possível.

O aprisionamento em formas-pensamento

Atendo diariamente em meu consultório pessoas aprisionadas em conceitos mentais, que funcionam numa relação de causa e efeito interminável. Recentemente, atendi uma

assistente social que havia sido muito condicionada pelas questões de segurança material. Ela vinha sendo paga para tomar conta de duas crianças. De repente, por razões alheias ao seu trabalho, uma das crianças foi transferida, o que lhe causou uma angústia terrível, pois acreditava que, com o pagamento recebido por cuidar de duas crianças, não corria riscos financeiros, mas com o recebido por cuidar de apenas uma, seria difícil manter-se. Na realidade, essa situação era totalmente falsa, pois, além de possuir economias, seu marido também trabalhava. Ela estava, na verdade, prisioneira de uma forma-pensamento. Isso vai tão longe, que se enquanto terapeutas estivermos prisioneiros do mesmo tipo de problema com relação ao dinheiro, não reconheceremos o processo do paciente e sentiremos esse mesmo medo e insegurança.

No âmbito afetivo ocorre a mesma coisa. Se, por exemplo, nosso cônjuge partir ou quiser se divorciar, isso representará para nós uma verdadeira catástrofe. Não vivemos, de fato, um processo de vida, mas um conceito anterior específico, que funciona como um fio condutor. Quando os acontecimentos se adaptam a esse fio condutor, acreditamos que tudo vai bem. Se, ao contrário, os fatos não estão de acordo com esse modelo, acreditamos estar vivendo uma tragédia, o que não é necessariamente verdade em nenhum desses casos.

Libertar-se desse tipo de situações consiste em não estar mais preso a conceitos ou emoções e não mais representar um papel. Liberar-se não significa ser um santo e permanecer imóvel, numa bela roupa branca, com os braços em cruz, transcendendo qualquer sofrimento com um largo sorriso, mas sim poder perceber a cada instante as raivas, reclamações, cobranças ou cansaços. Estar livre de formas emocionais ou mentais significa brincar ou jogar na mesma direção delas, mas sem se iludir. Por exemplo, quando estivermos com raiva, nós a sentiremos e essa tomada de consciência permitirá avaliar se devemos ou não interromper essa disposição, uma vez que possuímos um certo controle da situação. Assim funcionando, perceberemos *a posteriori* que quanto

mais crescemos, com menos raiva ficamos. Isso, porém, acontece sem qualquer esforço da nossa parte.

O mesmo ocorre em relação aos pensamentos. Se começar a pensar “Isso não vai funcionar”, na verdade, já estarei imobilizado, atado a um conceito específico que me aprisiona. É por essa razão que muito aprecio um dos lemas da cavalaria: “Faça o que deve ser feito, e aconteça o que tiver que acontecer”.

O interessante é podermos enfrentar qualquer situação estando livres das formas. Podemos em todas as situações, mesmo nas mais desfavoráveis, conquistar a possibilidade de sairmos vencedores do combate. Mas, quando somos inferiores em número, só poderemos vencer o combate se conseguirmos surpreender o adversário que está em nós. Ele acreditará que funcionaremos de um certo modo, mas agiremos de outro. Trata-se de um jogo e é preciso ter muita leveza. Se não estivermos presos às formas, seremos necessariamente simples. Uma das acepções etimológicas da palavra simples é *simplice*, “*sans plis*”, ou seja, sem dobras. De fato, sem as dobras entre os diversos mundos, tudo circula. Colocamo-nos a serviço daquilo que É.

O importante é aceitar ser o que somos a cada momento, sem procurar ser outra pessoa. A melhor maneira de dominar nossos vícios não é pelo combate direto, porque desse modo acabamos por alimentá-los. Deveríamos dizer a cada um deles: “Eu o vejo e talvez você se leve a sério, mas eu não”. A partir de então, se não dermos mais energia aos vícios, sua força se desvitalizará por si só.

Relato 1: Sonhos recorrentes com a água

Narrador: *Tive sonhos recorrentes com o elemento água, nos quais vivia algo aterrador, mas, pouco tempo depois, tive outro sonho em que mergulhava na água e que foi muito prazeroso, apesar de não saber nadar bem. Qual é o significado de um deles ser liberador e transmitir paz, e o outro, um sofri-*

mento total? Por que o mesmo símbolo pode ter traduções totalmente diferentes?

Há diversas imagens num mesmo símbolo. Podemos, por exemplo, ver-nos andando sobre as águas ou, então, sonhar com a água entrando em conflito com o corpo, com a terra. Podemos sentir-nos submersos, afogados pelas águas ou, pelo contrário, dando mergulhos sem risco algum.

As duas circunstâncias mostram a mesma realidade de duas maneiras diferentes. Num primeiro nível, o lado doloroso do símbolo aponta para dificuldades existentes na esfera emocional. Num segundo nível atesta que temos a capacidade de sairmos vencedores desse confronto emocional, pois não sofremos danos por estarmos submersos. Sonhos como esses encorajam a descer e penetrar na água.

Questão: O inconsciente

A: *Gostaria de entender melhor o que é o inconsciente.*

Para melhor compreender o termo inconsciente é necessário observar o funcionamento de todos os circuitos que mencionamos até agora. Existe um inconsciente muito arcaico, primário e instintivo, que se refere ao mundo físico e aos processos fisiológicos que se desenvolvem sem que tenhamos qualquer consciência deles. Há um inconsciente alimentado por experiências físicas, num limiar que poderíamos chamar de subconsciente. Há um inconsciente mais especificamente astral, ligado a todos os condicionamentos cármicos com os quais somos construídos. Há, finalmente, uma espécie de supraconsciente, que atua sem a nossa consciência, ligado ao que denominamos anteriormente de gêmeo celeste. Existem, portanto, diferentes níveis nessa ampla área que não é consciente em nossa vida comum.

3. A Relação do Sonho com a Queda, o Sofrimento e o Desejo

Já definimos, até aqui, uma relação entre o sonho e o mundo astral. Seria oportuno, agora, examinar alguns elementos teóricos que nos ajudarão a estabelecer a relação do sonho com o desejo, com o sofrimento, com a carência e, conseqüentemente, com a doença.

Na Busca do Graal, o pecado original está diretamente ligado ao ferimento do Rei Pescador. Isso quer dizer que existe em nós um nível matricial, original, que foi ferido no processo de descida em direção à matéria. É nesse nível original ferido que se encontra a origem de tudo o que se pode chamar de doença. A matriz das doenças físicas acha-se no nível astral. As exceções são raras, como é o caso, por exemplo, de um acidente qualquer de carro, que não se encontra forçosamente inscrito no nível astral.

O sonho sempre nos falará de nossa doença, mesmo quando se mostrar agradável. As matrizes astrais contêm toda a memória *akáshica*⁸, ou seja, todas as fases da Criação que nos dizem respeito. É por isso que um sacerdote ou um xamã em contato com o plano astral poderão interpretar os sonhos, apreendendo os acontecimentos originais da doença, captando o protótipo astral da ferida e do sofrimento.

Quando soubermos ler e compreender o sentido do sofrimento, poderemos integrar o processo de separação em nós próprios e ajudar outros indivíduos a se reunificarem consigo próprios. Nos sonhos, bem mais freqüentemente do que pensamos, há indicações de processos de cura, pois, comparado ao estado no qual nos encontramos em vigília, o sonho pode levar-nos muito próximos da supraconsciência clara.

⁸ Akasha, em sânscrito, significa matéria primordial. (N. rev.)

A aparente contradição dos dois sonhos recorrentes sobre a água, relatados anteriormente, comprova essa indicação de cura. Um deles falava da situação e detectava um problema emocional, mas o outro entrava em contato com a consciência xamânica, como que dizendo: “Desça, não hesite em encontrar essas forças emocionais que você vê, entre na água e não morrerá”. É como se houvesse aí a possibilidade de um ato terapêutico.

O caráter evolutivo das doenças

Todas nossas doenças podem ser úteis, tais como obstáculos que devemos ultrapassar para evoluir. Não precisamos considerá-las como algo absolutamente negativo ou patológico. Trata-se, porém, de uma questão complexa.

Uma dor de cabeça ou um cálculo no rim não têm qualquer sentido em si. Para melhor compreender o tema é oportuno voltar ao que dizíamos sobre os três corpos. Se depois do quinto litro de bebida alcoólica eu ficar com um pouco de dor de cabeça, não se trata de um processo cármico, mas, de moderar a ingestão de bebidas. Por outro lado, nunca me passaria pela cabeça beber cinco litros de álcool. Portanto, algumas respostas patológicas referem-se estritamente ao registro do mundo físico, pois compreendem a respiração, a alimentação, a higiene. Mas, subjacentemente, existe a questão do motivo pelo qual iremos desenvolver uma bulimia, ou iremos beber além do limite, ou estaremos ainda, num dado momento, sensíveis ao vento frio e, por isso, adoeceremos.

Como podemos concluir, os acontecimentos estão muito mais condicionados aos mundos interiores do que imaginamos. O problema é que não sabemos reconhecê-los, pois não possuímos as chaves de interpretação.

Para fazer face a essas questões, devemos manter-nos muito livres das formas. No processo terapêutico, é necessário alimentar sempre a parte contrária à dominante. Se, por exemplo, uma pessoa está condicionada a viver consul-

tando e encontrando explicações para tudo na astrologia, será preciso dizer a ela que consulte as Efemérides apenas três vezes ao ano. Mas, inversamente, se alguém acredita que tudo acontece por acaso, sem causas subjacentes, é preciso mostrar-lhe que há relações de causa e efeito muito evidentes para os acontecimentos.

Quando se tem o domínio de certas forças de condicionamento, não é necessária uma bola de cristal para prever o futuro. Apenas com essa compreensão e o uso da consciência, é possível mostrar como as pessoas funcionam e quais são os seus problemas na vida. E como isso de fato funciona, fica demonstrado que há condicionamentos subjacentes.

O simbolismo nas vestes culturais

Devemos compreender como o mundo dos sonhos fala por meio de arquétipos e de símbolos, que podem ser mais ou menos coletivos ou mais ou menos particularizados, segundo as culturas e as sociedades. É muito importante, na análise dos sonhos, estabelecer o nexos entre o simbolismo e a dominante cultural em que o indivíduo se situa, embora haja também arquétipos coletivos. Ao interpretarmos o sonho de um pigmeu, é evidente que não poderemos usar a mesma interpretação que faríamos para um ocidental que vive na Europa, nem para um chinês ou para um índio da Amazônia.

Outro detalhe importante, que todos os psicólogos e psicanalistas comprovam, é que o símbolo é portador de um sentido diferente para o sonhador e para quem o interpreta. Se submetermos o mesmo sonho a dez intérpretes, teremos dez interpretações diferentes.

O símbolo, por sua própria natureza, exprime uma certa totalidade e o intérprete, dentro dessas referências globais terá um ponto de vista particular. Por exemplo, se numa reunião de amigos observarmos um vaso de flor, cada um verá essa flor sob o seu ponto de vista, que é diferente dos demais. Falaremos da mesma planta, mas com visão de detalhes bem diferente. Do mesmo modo, os diferentes pontos de vista na

interpretação de um sonho não se excluem mutuamente. Muito pelo contrário, o interessante é encontrar uma visão mais global, central, através dos diferentes pontos de vista.

Relato 2: O sonho da pasta verde

Narrador: *Sonhei que uma pasta verde havia desaparecido. Trabalho com ícones no computador e o símbolo que contém o programa do fax era de cor verde. Compreendi então que a pasta do meu sonho tinha que ver com comunicações. Nenhuma outra pessoa poderia dar essa interpretação porque eu é que dou cores para meus ícones, foi uma mensagem pessoal.*

O exemplo é muito interessante, porque mostra como o sentido dos símbolos evolui permanentemente. Há mil anos, não se poderia dar uma interpretação simbólica de sonhos com avião, trem ou uma pasta verde de computador. Hoje, no entanto, esses elementos aparecem no sonho, o que prova a existência de processos de circulação. Mas a atuação do inconsciente, como defini há pouco, também fica demonstrada, pois no sonho apareceu uma pasta verde e não a projeção da pasta na tela do computador. O fato de aparecer como uma pasta e não como o ícone que você colocou em seu computador, mostra a transcrição inconsciente entre um elemento particular e a maneira como ele é expresso no mundo astral. Há também outras interpretações possíveis, que não excluem essa, ligadas ao computador, ao *fax*, ou à comunicação.

Questão: Os sonhos premonitórios

A: *Observei muitas vezes que os sonhos têm um tom premonitório. Quando a dificuldade começa a aparecer em sonho, fico desesperada e me pergunto: “O que será isso?” Passam-se dois anos e os eventos e dificuldades sonhados acontecem, de fato, na vida. É como se uma força já detectasse que aquela área teria que ser trabalhada. De onde vem isso? É o plano*

astral ou um nível superior que nos prepara para uma nova liberação?

Os dois. No plano astral, existe uma premonição ligada às situações de causa-efeito. Nesse sentido, podemos prever que hoje à noite será noite ou, se formos camponeses e tivermos plantado grãos de trigo no campo, teremos toda certeza de que não colheremos milho. Isso pode parecer bobo, mas é a verdade. Há um determinado tipo de semeadura no mundo astral e, se minha vida cotidiana leva a um certo tipo de efeitos e conseqüências, provavelmente esses efeitos se tornarão causas secundárias que, por sua vez, levarão a outras conseqüências. Por exemplo, se nos dirigirmos a outra pessoa e lhe dermos um abraço, poderemos facilmente prever que ela terá, no futuro, uma atitude muito mais aberta em relação a nós do que se a tivéssemos esbofeteado. Precisamos compreender que, no plano astral nossos gestos são geradores de causas, que, por sua vez, trazem novas conseqüências.

Quanto à premonição que vem do mundo celeste, consiste numa visão que poderíamos qualificar de profética. O que significa uma profecia em termos do mundo celeste? No fundo, somos chamados a nos tornar aquilo que somos de verdade. Trata-se de um nível em que não há dualidade, já que somos chamados a ser o que somos. Não há outra profecia a não ser essa. O problema é que não sabemos quem somos. Não se trata, no caso da profecia, de uma relação de causa e efeito qualquer, mas sim de “Seja o que você é”. Constitui-se numa maneira de falar de Jehovah: “Eu Sou Aquele que É”, ou “Eu Sou Aquele que Sou”.

A profecia consiste em realizarmos o que realmente somos desde sempre. Na Busca do Graal, por exemplo, a profecia de que Arthur se tornaria rei, significa que, mesmo antes de sê-lo no mundo terrestre, ele já o era no mundo celeste. Como o mundo celeste é emanador do plano terrestre, mais cedo ou mais tarde, ele acabaria por se tornar rei.

Existem também profecias que não são individuais e se referem a ciclos coletivos, como é o caso do Apocalipse de São João ou das profecias de Nostradamus. São João e Nostra-

damus foram pessoas que tiveram conhecimento dos ciclos e que viram antecipadamente certos acontecimentos específicos da história do mundo. Embora isso possa parecer estranho, ao estudarmos a história das religiões e civilizações, percebemos que, em geral, no curto intervalo de dez anos – que na vida do universo equivaleriam apenas a alguns segundos – ocorreram fatos que sacudiram civilizações. Por exemplo, poucos anos após a destruição dos livros da biblioteca de Alexandria, houve um auto-de-fê semelhante no mundo ocidental, no qual todos os livros foram queimados por ordem do Imperador. Acontecimentos paralelos, que aparentemente não estão interligados, ocorrem em pequenos intervalos de tempo.

Além dos ciclos estudados pela astrologia, que se desenvolvem no máximo em duzentos e quarenta anos, como é o caso do ciclo de Plutão, existem outros ciclos, muito mais amplos, que pertencem ao campo esotérico. Não passariam, então, de simples marionetes nas mãos dessas forças que determinam os ciclos?

Uma vez mais, para responder a questões desse tipo, é necessário compreender em que ponto de vista nos colocamos. É interessante voltarmos, por exemplo, aos capítulos 2 e 3 do Gênesis. Deus diz ao homem: “Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás que morrer”. Já a serpente afirma: “Não, não morrereis! Deus sabe que, no dia em que dela comerdes, vossos olhos se abrirão e vós sereis como deuses, versados no bem e no mal”. Podemos dizer, então, que um dos dois mente e, como a serpente não tem boa fama, concluímos ser ela a mentirosa. Na realidade, nenhum dos dois mente, pois trata-se de duas verdades e não “da verdade”. A verdade é que a gente morre e não morre ao mesmo tempo. Nas palavras de Deus “terás que morrer”, há a visão premonitória a respeito do ser existencial, da consciência identificada à matéria, que efetivamente morrerá. A serpente vê o outro lado, o ser eterno, e diz: “Você é imortal e não corre

o risco de morrer.” Os dois não se dirigem à mesma parte de nós mesmos.

Frente à questão do determinismo dos ciclos, podemos buscar a mesma compreensão. É evidente que, no processo de involução em direção à matéria, há matrizes específicas de condicionamentos e, sob esse ângulo, não temos muitas escolhas. A partir dessa constatação, basta um só passo para se afirmar que somos marionetes. Por outro lado, visto sob o ângulo do mundo físico, também é verdade que Deus descansou e se retirou do mundo no sétimo dia da criação, o que significa que Ele nos deixou livres.

Mesmo na Astrologia afirma-se que “os astros inclinam, mas não determinam” ou que “os astros dispõem, mas não impõem”. Existem, de fato, inclinações específicas, mas no nível da terra, há possibilidade de uma resposta livre. Somos, paradoxalmente, muito mais condicionados e muito mais livres do que imaginamos. Para comprovar essa afirmação, basta observar como se desenrolam os acontecimentos no caso de gêmeos ou de pessoas que têm praticamente mesmo mapa natal. É evidente que os ciclos são muito parecidos, mas que também ocorrem diferenças notáveis nos acontecimentos, o que demonstra a existência de certa liberdade.

Devemos tentar sentir aos poucos, além de todas as formas de condicionamento, o que realmente é justo para nós próprios. A partir dessa constatação, podemos determinar-nos a realizá-la concretamente, procurando obedecer a essas intenções e aspirações, custe o que custar. Sempre que nos dispomos a ir até o fim de nós mesmos, vemos que qualquer caminho seguido é sempre muito bom.

O problema não consiste tanto na escolha do que é bom ou ruim para a nossa realização, mas sim no engajamento numa direção, indo até o fim, pois o caminho que fazemos é que nos faz. Se o caminho que trilhamos está cheio de dúvidas, equívocos e indecisões, é evidente que seremos dúvidas, equívocos e indecisões. No entanto, se nos empenharmos até o fim, se estivermos completamente voltados em direção a nós mesmos, é evidente que nos defrontaremos com uma

série de dificuldades no caminho, mas encontraremos também a força para ultrapassar todas essas dificuldades.

O caminho que nos constrói nos permitirá descobrir que temos muito mais força interior do que pensávamos. É por essa razão que umas das bases da vida espiritual é a vontade. Pouco a pouco, a vontade do ego transforma-se em vontade do Si. Mas não pode haver realização espiritual se, desde o início, não houver um ser de vontade.

Relato 3: O sonho com o titânio e o selênio

Narrador. *Sonhei que estava num local de forma ovóide, mas não era uma caverna. Estava muito escuro e, perto de mim, havia uma pessoa vestida de negro, que me deu a impressão de ser meu guia. Estávamos a pé e a figura encontrava-se à minha direita; ela me dava a impressão de um ser de respeito. Senti que havia algo a ser conduzido, mas não havia forma alguma, somente a impressão. Tive a clara impressão de que ela dizia: “Ou a humanidade evolui ou haverá uma guerra nuclear. Os elementos que podem ser utilizados para uma coisa, também o podem para a outra. E os elementos são o titânio e o selênio.*

Ao acordar, achei tudo muito estranho, pois não havia pensando, lido ou visto na televisão nada sobre isso. Eu relacionei o titânio com titã e o selênio com a Lua.

É muito interessante o significado da relação com o titã e a Lua, que apontam dois mundos diferentes. O fato de não haver forma definida e de o ambiente ser escuro – o que não deve ser confundido com os sonhos que se referem à sombra – indica um contato com o guia, com o arquétipo celeste.

É provável que, nos tempos atuais, certas pessoas tenham esse tipo de sonho. Isso também ocorreu várias vezes comigo, o que me leva a considerar que tais sonhos não podem ser qualificados de pessoais, pois, embora carreguem um conteúdo pessoal que nunca pode ser negado, contêm ao mesmo tempo um significado coletivo indiscutível. À medida que a humanidade evolui, certas pessoas podem desenvolver

antenas um pouco mais sensíveis e, desse modo, captar e prever certos acontecimentos possíveis.

Mesmo não sendo ligado à problemática social e não me tendo colocado essas perguntas, visões semelhantes me foram dadas. Por exemplo, alguns dias antes da Guerra do Golfo, vi os iraquianos fazendo aviões falsos e os americanos mandando bombas sobre esses alvos ilusórios. Há vários anos me são mostrados fatos como os desse relato do titânio e do selênio.

Há nas matrizes de causa e efeito coletivas, movimentos que tendem, de fato, em direção a crises muito graves. Isso significa que, atualmente, a humanidade está muito doente. O desafio atual para a humanidade é o de se descondicionar das matrizes astrais que constituíram o ciclo atual, entendendo por ciclo atual os dois mil anos que nos precedem. Para passarmos para a Era de Aquário, será necessário o descondicionamento dessas matrizes psíquicas. Estamos, portanto, num tempo de mudanças.

As matrizes psíquicas, que podem ser matrizes de liberação ou de destruição, segundo a escolha que a humanidade fará, remetem-nos à Selene, a Lua. Serão, de liberação, se a humanidade trabalhar agora suavemente essas matrizes de civilização, ou serão de depressão, se a humanidade não conseguir transformá-las. Atualmente há um grande número de pessoas bem deprimidas, o que parece estar ligado a essa não transformação. A maioria das pessoas, na época atual, ainda está muito identificada ao que é antigo; portanto, a velhas matrizes psíquicas. Elas estão agarradas a galhos mortos e, como é evidente que alguém está cortando esses galhos, se não ocorrer uma transformação no nível lunar, elas se quebrarão junto com os galhos.

Quanto ao nível titânico, refere-se ao mundo celeste. As forças titânicas, as mais instintivas e primárias que nos constituem, estão ligadas ao arquétipo do homem ruivo ou vermelho. Esse homem vermelho deve se transformar em homem verde por meio de um processo espiritual. A humanidade, portanto, terá que encontrar a capacidade de transfor-

mar essas forças titânicas subjacentes, que são quase crísticas. Se não souber transformá-las, será confrontada por forças de uma amplitude destrutiva fenomenal, que podem chegar até à destruição da matéria. Talvez, advenha daí a imagem da guerra nuclear. Isso posto, não precisa ser necessariamente entendido como um cataclismo nuclear, o que também poderá ocorrer, mas refere-se principalmente à expressão de um caos extremo.

Pela percepção que pude ter nesses últimos anos, acredito que tivemos entre 1989 e 1993 um conjunto de possibilidades de mudanças mais suaves. Porém, a maioria das possibilidades não foram transformadas em atos, o que deixa presumir que, nos próximos anos, corremos o risco de ir em direção a eventos mais dramáticos do que os que vivemos até hoje. Vivemos situações caóticas e de muita desordem, nas quais vigorará a lei da selva, ficando o homem muito próximo do estado animal.

Já que dispomos de uma certa premonição desses riscos, torna-se essencial dinamizar os valores morais da humanidade. Parece haver só duas soluções possíveis nessas crises. Na primeira, o ser se refugia num comportamento completamente egótico, em que vigora a lei do mais forte, a lei da selva – pela qual o objeto do desejo imediato deve ser atendido a qualquer custo, mesmo com o preço da destruição de nosso semelhante. Na segunda, serão dinamizadas as reais dimensões morais da humanidade, ou seja, a fraternidade e a solidariedade passarão a ser expressas em atos, numa capacidade de comunicação real em que se aceita a diferença entre o outro e nós próprios. Esses valores são, na verdade, os da era de Aquário e aparecerão de qualquer maneira nos séculos vindouros. Todo o problema está em descobrir como se efetuará a transição, isto é, como se dará o descondicionamento astral para se passar da era de Peixes para a de Aquário.

Como Deus não é sádico, não está escrito em Seus desígnios que tenhamos necessariamente que atravessar situações catastróficas. Passarmos ou não por elas dependerá de nossa

capacidade de compreensão e reação. No entanto, atualmente, a maior parte das pessoas tem uma atitude de projeção egocêntrica e, se tentamos praticar atos de fraternidade e de solidariedade, quase não encontramos respostas. Cada um permanece em seu nível de proteção: “Sei o que tenho, o que possuo e, como há riscos, procuro proteger-me”. Esse comportamento, cedo ou tarde, levará as pessoas à autodestruição.

Estamos frente a escolhas bem específicas, que devem passar por estruturas definidas, que por sua vez incluem desafios subjacentes de individuação. Não podemos estimular o nível de individuação de alguém em estruturas amplas demais, como é o caso das estruturas econômicas e profissionais nas quais nos encontramos.

Creio que uma das estruturas que possibilitariam atravessar esse tipo de crise, é a das pequenas unidades, com algumas dezenas de pessoas, onde as relações sejam de identidade, de individualidade, de reconhecimento do outro. Nelas não seremos um mero número num computador ou um uniforme profissional perdido no meio de outras roupagens, mas sim seres vivendo realmente relações humanas.

É nesse sentido que participo de um projeto, na Bretanha, que visa a permitir o encontro de algumas dezenas de pessoas que se disponham a trabalhar por esse objetivo comum. Essas pessoas, ao construírem o projeto, constroem a si mesmas, no mesmo sentido simbólico da construção do Templo, e vitalizam valores de fraternidade, solidariedade e unidade. Reconhecem que cada ser é diferente do outro e, desse modo, dinamizam o reconhecimento das diferenças em todos os níveis. A idéia é, em seguida, estabelecer uma relação entre essa pequena unidade de seres e uma outra unidade maior, que poderá expandir-se até à humanidade como um todo. Como a humanidade atual está em grande sofrimento, através do ensinamento e da terapia que cada um de nós domina, seria possível dinamizar processos de cura da humanidade. Projetos como esse estão intimamente associados ao sonho relatado.

Não pensem que ainda temos vinte ou cinquenta anos de tempo para realizar tudo isso. Os tempos têm suas exigências e, se nos próximos dois ou três anos não houver respostas muito concretas nesse campo, penso que iremos ao encontro de problemas muito graves.

Questão: Como contatar o mundo celeste

A: *O que fazer, antes de dormir, para contatar o mundo celeste?*

Antes de mais nada, o mundo celeste não pode ser violado. Isso quer dizer que precisamos aceitar as provas do tempo, a paciência e a obrigação de passar pelos processos de transformação. Mas, além desses elementos, a meu ver, a grande chave é o amor. É preciso realmente amar e entrar em contato com essa dimensão. É como se esses contatos fossem uma relação conjugal entre o ser terrestre e o ser celeste que somos. É como se houvesse uma complementação, pois trata-se de um ato de amor e não de violação. É necessário colocar-se numa atitude amorosa.

Em segundo lugar, é preciso criar as possibilidades de contato com o mundo celeste e lembrarmos-nos delas pela manhã. Isso significa não nos levantarmos precipitadamente, não acordarmos de modo brusco, como por exemplo, com um despertador, que corta esse contato de maneira repentina. Ao acordarmos, podemos tentar, não com uma vontade separadora, mas com uma espécie de abandono, de sentimento de ligação com o outro lado, reencontrar as últimas imagens que nos carregaram. Depois, de olhos fechados, retornamos a bobina do sonho, como no processo de *rewind* de um videocassete, tentando lembrá-lo, no sentido retroativo, até que, pelo efeito da rememoração, o sonho seja fixado numa faixa de memória de longa duração. O sonho no início só se fixa numa memória de curta duração que se apaga após alguns segundos. É como se fosse preciso realizar uma transferência de escrita de um suporte de memória de curta duração para um outro de longa duração.

A partir daí, à medida que nos lembrarmos dos sonhos, por eles nos interessarmos e os apreciarmos, compreenderemos tudo o que eles indicam e o que de fato é importante para nós, mesmo que se expressem por pesadelos. Podermos, então, empreender um processo de reconciliação com nós mesmos, no qual os sonhos tenderão a tornar-se cada vez mais luminosos. Teremos maiores possibilidades de contatar o nível celeste, o que não quer dizer que não o fazíamos antes. O problema é que freqüentemente esses contatos com a natureza celeste estão ligados a uma consciência física separada. Esses contatos nos apontarão com maior clareza essa separação, aparecendo aos nossos olhos como sonhos de trevas. Após a reconciliação interior, as mesmas imagens aparecerão muito mais no sentido da luz.

B: *Então devemos acolher os sonhos de sombra?*

Sim, os sonhos de sombra são preciosos, significam sempre indicações muito ricas. Geralmente quando se tem um contato com a sombra é porque se perdeu a direção da luz. Ao ver minha sombra, em vez de contemplá-la achando que sou muito infeliz, será suficiente dirigir o olhar no sentido contrário para encontrar a luz.

4. Exercícios de Interpretação

Vamos agora entrar num trabalho mais direto sobre os sonhos, focalizando suas relações com o mundo celeste, já que os enunciados relativos aos planos físico e astral são facilmente encontrados nos livros de psicologia e de interpretação de sonhos. Procuraremos enfatizar os tópicos mais diretamente ligados aos ensinamentos tradicionais, ou seja, as assinaturas⁹, os quatro elementos e sua integração com o ciclo cósmico em que nos encontramos. Examinaremos também a relação dos sonhos com a Lua, que é muito mais importante do que comumente se supõe.

Quando pretendemos realizar estudos mais sistemáticos sobre os sonhos, alguns cuidados serão muito úteis. É importante escrevê-los logo ao acordar, anotando o maior número possível de elementos, pois, mesmo que estejamos lembrando bem do sonho, pouco tempo depois muitos detalhes serão esquecidos. Embora pareçam detalhes, podem ser pontos muito interessantes e significativos. Por exemplo, no último sonho que examinamos não foi imediatamente explicitado se a pessoa que o acompanhava estava à sua direita ou à esquerda, se os dois avançavam por um caminho ou estavam parados. Trata-se de importantes elementos de direção que não devem ser omitidos.

Quando interpretamos um sonho é importante estarmos muito presentes à sensação e à emoção. Quem está interpretando não só precisa sentir e decodificar analiticamente os elementos, mas também abrir o coração e deixar-se impressionar pelo sonho. O ideal é podermos ver o sonho junto com a pessoa e, à medida que ela o descrever, sentirmos e experimentarmos juntos.

Outro detalhe importante é tentarmos relatar os sonhos sempre no presente. Falar no passado já significa uma disso-

ciação: foi algo que aconteceu e que não é mais. Além disso, não estar mais tão ligado à visão de uma realidade intemporal, dificulta a análise tanto para a pessoa que conta como para a que interpreta, pois existe uma espécie de dualidade analítica. Sem dúvida será bem mais fácil penetrar de novo no sonho, quando a pessoa o relatar no presente. Estará sonhando enquanto o relata, entrará de novo no sonho num espírito não-dual.

Quando realizarmos uma interpretação em conjunto, não devemos hesitar em apresentar os mais diferentes pontos de vista.

Relato 4: O sonho da violeta

Narrador: *Sonho que estou regando uma violeta e o sol a banha. No exato momento em que eu jogo a água e o sol bate, ela floresce.*

Na verdade, como gosto muito de violetas, na minha casa sempre há vários vasos dessa planta, inclusive no meu quarto. Agora tirei todas as minhas violetas do quarto, pois elas estão superfeias. Tinha muitas, mas agora estou com poucas. Como nem sempre eu abro a janela, eu as tirei do quarto para pegarem luz. Não sei se fiz isso antes ou depois do sonho. As violetas da minha casa eram lindas e agora não são mais. As do meu consultório continuam lindas.

A: *Vou arriscar uma interpretação. Quando você falou das violetas, deu-me a impressão de que falava de algo muito essencial dentro de você. As violetas poderiam representar algo ligado ao feminino, ao doméstico e ao muito íntimo, pois o sonho se passava em casa, mais especificamente dentro do seu quarto, em sua janela. Já o Sol, como elemento masculino, entra na sua intimidade e você o ativa quando se põe a regar. Mas parece que aí você desistiu de alguma coisa. Apenas profissionalmente essa parte sua está fluindo.*

B: *Penso que quando se compreende algo num determinado nível – e nesse sonho ela compreendeu o regar, a luz e o florescer –, então pode ocorrer uma integração e não há mais*

⁹ Veja nota 8, p. 41.

necessidade de se ter isso no mundo físico. Talvez seja uma conquista, uma possibilidade de compreensão.

Qual era a cor da violeta?

Narrador: Vermelha.

Uma pergunta essencial seria o que representa a violeta para você.

Narrador: *Creio que ela representa uma grande harmonia e alegria. Sinto como se ela fizesse parte da minha pessoa. Tenho vários tipos de violeta.*

C: *Penso que a violeta é um símbolo de humildade, pois é uma flor pequena.*

É possível.

D: *Mas essa violeta simboliza outra coisa.*

E: *Para mim essa violeta é um símbolo do amor, da energia amorosa. A idéia do regar e do banhar do sol é a de distribuir, dar amor, dar algo que floresce. Isso na natureza física é representado por todas as flores. O sentimento que tenho, quando olho uma flor, é o de calor, o de que existe uma energia amorosa e criativa por aí. Acho que foi isso que ela se sentiu capaz de fazer. É um sonho que traz um equilíbrio de que muitas vezes precisamos.*

Quando ocorreu esse sonho?

Narrador: *Há dois meses.*

F: *Gostaria de dizer algo referente a esse sonho, baseado em fatos da vida real. Sei que ela tem a intenção de mudar-se de São Paulo para a sua cidade natal. Ligo a retirada das violetas do quarto com o processo de retirar-se de São Paulo. Sua intenção é a de continuar com o mesmo trabalho, mas parar com o tipo de vida que vem levando aqui.*

D: *Essa é a realidade, mas o sonho é outra coisa.*

Narrador: *As violetas estão feias agora.*

D: *Não as do sonho?*

Narrador: *Não, no sonho elas estavam lindas.*

G: *O sonho foi apenas de um momento bonito.*

H: *Minha impressão é como se alguma coisa no astral dela quisesse levar para lá a vida que ela sente e, assim, concretizou esse desejo através do florescimento das violetas na casa*

dela. É como se o sonho trouxesse a vida que o sol pode dar e que ela poderia levar, mas que receia não acontecer fisicamente naquele local.

I: *Estamos numa interpretação muito psicológica. Tentando ver pelo lado simbólico, diria que o fato de ela regar com o elemento água uma violeta na terra, florescendo pelo Sol, que é fogo, acredito que sua partida, simbolizada pelo elemento ar, será completa.*

Todos esses elementos são importantes, mas precisamos chegar a eles *a posteriori* e não *a priori*. É evidente que existem relações entre o sonho e as condições psicológicas, bem como com as mudanças de vida. É importante falarmos do sonho, ver como ele se enraíza em elementos concretos, mas, ao mesmo tempo, é necessário diferenciar bem o sonho do concreto. Há uma nítida diferença, caso contrário tudo teria sido vivido no concreto.

O primeiro elemento a ser notado no sonho relatado, é a identificação existente entre a pessoa e a violeta. Ela afirmou que a violeta é ela. Em seguida, pode ser interessante notar certos acontecimentos contingentes na sua relação com as violetas antes ou depois desse sonho. Se, de certa maneira, a violeta é ela, isso significa que ela soube encontrar em si própria as forças da água e do sol. Ou seja, há uma certa maturação das forças do fogo e da água, que normalmente são antagônicas e se anulam. O fogo apaga a água e vice-versa. Nesse sonho, ao contrário, expressa-se uma espécie de quintessência, pois como a flor é uma planta e a água é sua forma vital, o florescimento dá-se pela maturação do fogo até atingir o lado mais sutil de si própria. Como se trata do reino vegetal, a violeta pode ser vista como a expressão de um totem vegetal. Em geral é proibido comer o totem, mas como a violeta não é comestível, nada há a temer...

Poderia ter acontecido um sonho equivalente com um animal, mas o fato de ter sido com um vegetal aponta-nos para a energia vital, que circula no corpo. Indica, portanto, que uma espécie de alquimia interior se efetuou nela e, do mesmo modo que essa planta cresce e floresce, ela irá atingir

toda sua dimensão. A planta realiza o que ela é, ou seja, sua energia vital recebeu alimentos formais e informais, aquáticos e solares, que lhe permitirão realizar seu próprio crescimento, exalar seu próprio perfume, sua própria especificidade ou originalidade. Num certo nível, poderíamos dizer que há uma analogia com sua capacidade de individualização.

Olhando agora para a história do ponto de vista da mudança, podemos dizer que o sol é o pai, a água, a mãe, e que o encontro dos dois cria a violeta, que representa a própria pessoa.

O fato de ela pretender retornar à casa de origem, ao lugar de nascimento, é muito interessante. É como se agora ela fosse portadora de sua própria expressão: atingiu sua própria maturidade, realizou um circuito que a reconduz a um lugar do qual, na verdade, nunca saiu. Muitas outras coisas evidentemente poderiam ainda ser ditas.

Relato 5: O sonho de ser arrancada da cama

Narrador: *Eu tenho um sonho de sombra a relatar; pelo menos para mim ele foi tenebroso.*

Sonhei que estava dormindo e acordei sentindo duas mãos me pegando pelo pescoço, tentando me arrancar da cama. Eu me agarrei porque tive a sensação de que aquilo era algo horrível. O ser que estava me arrastando da cama, não era humano; era muito grande e não tinha pés; não estava sobre o solo.

Quando perdi a força, consegui me tirar da cama e me arrastou em direção à porta sempre me apertando. Naquele momento tive a certeza de que iria morrer e me entreguei. Comecei a me preparar para morrer, comecei a rezar. Instantaneamente, esse ser me largou e eu voltei para dentro de mim da mesma maneira que um elástico estirado volta quando é solto. E aí acordei. Senti muito medo no início, mas o medo passou quando me entreguei para a morte.

Apesar de não ter sido relatado no presente, vamos examinar o sonho e ver se a narradora poderá contatar sua sombra. Esse relato revela claramente a emoção. A princípio havia um clima de medo, de pesadelo, mas depois algo dentro dela larga e fica visível a relação entre o sonho e o emocional. Vamos levantar os diferentes pontos de vista.

A: *Tive a impressão de não se tratar de um sonho psicológico, embora também haja uma explicação óbvia nesse nível. Ou seja, quando estamos num momento de mudança, vivemos um conflito interno que poderá traduzir-se num sonho desse tipo. Mas, a impressão que me passou enquanto ouvia o relato, foi a de um sabor mais concreto, como se ela estivesse tentando sair do corpo e, ao mesmo tempo, querendo ficar do jeito em que estava.*

B: *Para mim esse sonho não foi um pesadelo: é como se ela estivesse chegando a um certo ponto da busca espiritual, a uma morte. Mas, ao compreender que a morte é apenas no nível físico, ela continuou em frente e a morte retirou-se, pois não havia mais sentido em permanecer. Não vejo esse episódio como um pesadelo, mas como uma transformação, uma bela passagem.*

C: *A impressão da mão na garganta é a asfixia da expressão. Ela foi apanhada num movimento, enquanto estava dormindo. O fato de estar dormindo abriu a guarda para que esse ser, que nem pé tinha, pudesse asfixiar sua expressão e arrancá-la de todo seu conforto, de sua intimidade e levá-la em direção à porta. Somente quando sente que é preciso abandonar essas coisas íntimas, pode encontrar uma brecha. Mas isso não pode ser realizado por força própria. Para evitar asfixia, deve recorrer a forças superiores que vêm através da oração. A força ameaçadora nada pode contra esse outro nível. Esse sonho tem uma indicação sobre a brecha.*

O que aconteceu exatamente? No começo você resiste, depois larga, mas a sombra continua a puxar...

Narrador: *Eu só larguei no momento em que percebi que iria morrer. Até então estava agarrada; mesmo sem conseguir me segurar na cama, continuava agarrada.*

Tem um ponto pessoal que gostaria de acrescentar. Na hora de morrer eu gostaria de estar calma e acordada. No sonho percebi que tinha chegado aquela hora e foi por isso que larguei tudo, porque queria viver aquele momento.

B: *Esse sonho me parece um parto no qual ela não quis nascer.*

C: *Senti uma emoção muito forte durante o relato. Quando ela se descreveu agarrada à cama, tive a nítida impressão de que o apego se referia à situação que vivia. Como estar na cama é uma situação muito confortável, o sonho talvez representasse o duelo entre as trevas e a luz. Só que se trata de um duelo ao inverso, onde as trevas não são as mãos que a agarraram pelo pescoço, mas a situação de conforto. As mãos que a pegaram de maneira violenta e sofrida, queriam puxá-la para a vida.*

D: *Pela emoção que ela transmitiu ao contar, achei que viveu no sonho um momento de dualidade. A parte escura, a sombra que não tinha pés, é a parte escura dela própria e o outro lado seria o da luz na qual ela se apóia no momento da vivência. O estrangulamento representa um momento de transmutação no qual foi preciso abandonar definitivamente a luz e ir em direção ao silêncio forçado, às trevas totais. Nesse momento ela soltou e, com esse ato, o lado luminoso passou a pesar um pouco mais que o de trevas.*

E: *Essa figura que a estrangula e que parecia vir de outra esfera, deu-me a sensação de representar o desejo muito forte que ela tem de passar a uma outra esfera, mas para a qual ainda não está pronta. O desejo de passar a sufoca. À medida que larga esse desejo, consegue ser ela mesma e experimentar suas potencialidades. Percebe o mundo superior e compreende que, no momento certo, poderá passar sem ter que fazer muita força.*

F: *Vi esse sonho como o combate real com a sombra: um momento limite em que só há a possibilidade de seguir o caminho encarnada, se houver entrega. Caso contrário, poderia ter ocorrido uma ruptura. A entrega e o apelo representam a busca de contato com o Divino, que não se alcança com nossas pró-*

prias forças. Se ela se mantivesse agarrada ao velho, que é a sombra, não teria chance alguma e seria arrastada.

G: *Enquanto ela falava, senti que havia muito medo. A sombra estava personificada no medo e ela só pôde viver a luz quando viveu as trevas. Também acho que a garganta é um símbolo de comunicação, de emoção e de passagem.*

H: *Gostaria de apontar algo que ela mesma sublinhou. Ela só conseguiu largar quando viu que não havia qualquer outra possibilidade, que iria morrer. Essa sensação total é muito transformadora. Para mim todo o sonho culminou nesse ponto, que, a meu ver, é a única forma de se estar viva. Viver é isso, é ter a coragem de chegar a esse ponto.*

Uma vez mais, todas as interpretações são corretas, pois consistem em diferentes ângulos de entendimento.

Se considerarmos que o sonho é o sonhador, poderemos afirmar que todas as partes do sonho são partes da própria pessoa. Gostaria de pedir que a nossa relatora entrasse de novo em seu sonho, mas assumindo agora um outro papel, tentando ser a sombra que pega o pescoço, puxando-a em direção à porta. Por que você faz isso? O que você sente no ato? Para onde você quer levá-la?

Narrador: *Eu quero levá-la para o desconhecido, para a morte. Ao mesmo tempo em que eu a puxo, também a estrangulo. Eu quero matá-la. A questão é por quê?*

É bom puxá-la?

Narrador: *Não, porque ela tem muita resistência. Mas eu tenho uma força muito grande e a resistência dela não faz qualquer diferença. Eu posso muito mais que ela.*

Então por que você larga?

Narrador: *Porque a prece mexeu num ponto em que eu não estava preparada. A prece é meu calcanhar de Aquiles.*

Enfim os pés sobre a terra!

Vamos refazer o mesmo jogo; mas agora você é a cama. Qual é sua vida? O que acontece em cima de você, o que se faz nessa cama?

Narrador: *Eu tenho uma pessoa dormindo e vejo aparecer um gênio. Vejo só a mão, não consigo ver o resto. Essa mão*

chega e pega a pessoa que está dormindo. Ela acorda e leva um susto muito grande: não esperava por isso e tenta se agarrar em mim, para que eu a ajude e a segure, mas nada posso fazer. Permaneço ali, sólida. Um detalhe importante: não é o corpo que vai, o que se mantém agarrado é uma outra coisa. O corpo fica e é uma outra pessoa que vai, mas não andando. Vejo ambos: um corpo deitado e uma mão agarrando e, depois, tenho a sensação de uma volta súbita para o corpo.

Por que ela dorme?

Narrador: *Porque está na hora de ela dormir.*

Mas por que ela dorme?

Narrador: *Porque ela tem sono.*

Mas por que ela tem sono?

Narrador: *Porque ela é um ser humano.*

Por que ela é um ser humano que tem sono?

Narrador: *Porque ela vive.*

Ela vive dormindo?

Narrador: *Não.*

Então por que ela dorme?

Narrador: *Porque ela não quer viver.*

Ela não quer viver o quê?

Narrador: *A morte.*

A morte do quê?

Narrador: *A morte dela.*

A morte de quê? Eu não perguntei **de quem**, mas **de quem**?

Narrador: *Eu não sei.*

O que você sente de tudo isso?

Narrador: *Para mim é uma surpresa. Senti muito concretamente como se ela tivesse encontrado o demônio e o fato de ela ter vivido o seu lado de sombra foi uma surpresa para mim.*

Sonhos como esse exigem aprofundamento. Na minha opinião, o símbolo da cama e o fato de ela dormir, mostram que ela se encontra adormecida para algo, talvez, a verdadeira vida. O símbolo da cama e as confidências com o travesseiro, podem levar tanto à sua vida propriamente dita,

como a uma situação afetiva ou sexual. Acredito que um freudiano não me desmentiria. Digo isso simplesmente para orientar a reflexão.

É interessante que a sombra agarra o pescoço. Em geral, a estrangulação está simbolicamente ligada à respiração, à palavra e também ao mental. Obviamente, como o sonho trata dela, tanto no que se refere a quem é arrastada, quanto à força que a arrasta, diria que a sombra que a estrangula está conectada com certos questionamentos, dúvidas e dualidades, como foi dito de diferentes maneiras. As dualidades, no entanto, parecem mais ser de ordem mental, ligadas a uma situação de vida. Esta dualidade é tão opressiva que provoca um combate real. Trata-se de uma situação aparentemente muito dolorosa, mas a tentativa de agarrar-se à cama para impedir a transformação, ou recusar-se a largá-la, é impossível, pois a força tem tamanha potência que nada se pode contra ela.

Através do combate e da tensão, o conflito mental torna-se cada vez mais difícil, mais duro e opressor, até ter-se a impressão de perder a pele ou de que alguma coisa se arrisca a quebrar. Isso significa, sem dúvida, uma espécie de risco vital aparente, uma impressão de morte ou de perigo de dissociação, em outros termos, uma relativa esquizofrenia. Se algo nos conduz a dois mundos bem diferentes e no sonho há o quarto, a porta e o outro lado, isso significa que há conflito.

Se fizermos uma interpretação inversa, podemos dizer que, de início, a pessoa dorme em relação a si própria. O combate engendrado, sem dúvida por uma situação específica, torna-se tão opressivo e doloroso em relação ao mental, que gera uma forte tensão. Ao mesmo tempo, a sombra, que não toca a terra, o chão concreto, e, por esse motivo, refere-se a algo sutil e psíquico, arrasta-a em direção à porta, o que também poderia sugerir uma solução. Tocar a porta, talvez signifique tocar a resposta de como sair do conflito, da dualidade. Nesse momento, aparece uma qualidade interior particular e aceita-se largar, o que, instantaneamente quebra a

dualidade, pois só podemos combater se há um adversário. Ocorre aí uma oportunidade para acordar.

Trata-se, ao mesmo tempo, de um sonho de combate e de sombra, mas também de despertar.

B: *Qual é a função da prece nesse sonho?*

É preciso perguntar o que ela viveu exatamente.

Narrador: *Eu acordo e me sinto muito aliviada ao perceber que, na hora H, alguma coisa em mim salvou-me da loucura.*

C: *Achei interessante a garganta simbolizar um nível intermediário entre o racional e o corporal. Isso, no sonho, parece mostrar o quanto ela deve ser uma pessoa controladora, que teme entrar em contato com o corpo. À medida que a mão a pega pela garganta, fragiliza e quebra a unidade corporação, deixando-a esquizofrênica, ela diz: “Perdi o controle”. Achei fantástico, quando, diante disso, ela reconhece que não tem outro caminho senão largar. No entanto, ela encontra um outro meio de controle, a prece. E quando você acorda, diz: “Graças a Deus controlo tudo, porque assim não enlouqueço”. Lamentei quando ela começou a rezar, porque pensei que fosse atravessar a porta com a sombra e tentar uma nova unidade sem tanto controle.*

No estudo de um sonho é sempre importante compreender em que medida a prova foi um êxito, mesmo que aparentemente possa significar algo diferente.

Certamente a noção de controle fica muito evidente nesse sonho e, por isso mesmo, poderá ajudá-la a abandonar um pouco mais esse diapasão. Talvez a mensagem final seja um convite para ela perceber que, no mais profundo de si, existem elementos de resposta.

Sonhos como esse podem ser chamados de sonhos de sombra ou de duplo. Aquela que foi estrangulada não é tanto a pessoa que sonha, mas seu duplo. Por outro lado, a sombra que estrangula também é, num certo sentido, a portadora de luz, desde que nossa ação seja contrária a ela.

Se, ao estarmos no lugar da sombra, considerarmos-nos muito poderosos, significa que somos muito poderosos na

vida cotidiana, o bastante para agarrarmos-nos à cabeceira da cama. Se não tivéssemos o poder de controle, de fixação, a sombra também não seria poderosa. Na verdade, a sombra só é poderosa devido a própria imagem. Se largarmos, ela só poderá largar, já que se trata de um efeito-espelho.

Narrador: *Foi o que efetivamente aconteceu.*

C: *Vamos supor que ela seja realmente uma pessoa controladora. Seu exercício seria reconhecer-se assim ou desejar transformar-se num ser não-controlador?*

Não há perigo de esse desejo ocorrer...

C: *Mas ela deve tentar?*

Sim, e isso já está sendo feito, mesmo que ela necessite de meses ou anos para realizá-lo. Somos convidados, não tanto a abandonar o controle, mas a resistência que ele oferece. O pedido é para abandonarmos o conflito ligado ao mental e a dualidade que nos puxa, de um lado, e a recusa de sermos puxados, de outro. Posso perfeitamente ser controlador sem estar em conflito.

Esse sonho, de certa maneira, pode ser considerado como premonitório. Mostra que há uma resposta para o conflito e que ela deve ser encontrada no mais íntimo de si própria.

Minha sugestão não seria para ela rezar cinco pais-nossos e cinco ave-marias por dia, mas sim de compreender o sentido da prece. Trata-se, no fundo, de largar e confiar na dimensão celeste de si própria, confiar em seu coração. A verdadeira resposta está aí. É provável que, nos próximos meses ou anos, a situação conflitiva seja resolvida; trata-se de um tema a ser trabalhado e acompanhado.

Relato 6: O sonho do céu estrelado

Narrador: *Olho o céu como se estivesse num planetário. Sei que estou sonhando e o céu esta forrado de enormes estrelas. Fecho os olhos e digo a mim mesma: nem em sonho pareço estar preparada para olhar. Forço-me a olhar mais um pouco. Nesse momento abro os olhos e vejo a constelação de Touro do lado esquerdo e embaixo e a de Leão do lado direito.*

Falo então: “Aqui está a constelação da Ursa Maior e da Ursa Menor”.

Acordei com uma sensação muito boa que, aliás, me acompanha há três meses. Mas nada entendo de astrologia e nunca vi essas constelações.

Esse sonho, claramente, não é de sombra, embora o seu cenário seja noturno. O fato de se ter, no sonho, a consciência de estar sonhando, já indica um certo nível de espiritualidade, ou seja, já existe um despertar da consciência interior, visto que se está consciente num lugar em que se permanece normalmente inconsciente.

Outro ponto importante é a observação da abóbada celeste no mundo astral. Isso é muito coerente, pois, efetivamente, ela é a expressão do plano celeste. Todos os condicionamentos astrais, astrológicos, que ocupam os dois mundos inferiores, remetem à abóbada celeste.

É preciso atravessar a abóbada celeste, passar para o outro lado, para poder ver um novo céu e uma nova terra, como está expresso no *Apocalipse* de São João. O fato de o olhar se orientar para esse plano significa que o desejo está orientado em direção às estrelas, ao gêmeo celeste, ao verdadeiro desejo. A palavra desejo, *desir* no francês, vem de *siderrum*, a mesma raiz da palavra estrela.

Nesse sonho são revelados certos fatos que, na minha opinião, significam claramente a aptidão para ver o que se passa do outro lado. Por exemplo, os signos de Touro e Leão indicam dois eixos zodiacais, Leão-Áquario e Touro-Escorpião, que são representados justamente pelos quatro animais que rodeiam o trono de Deus na visão de Ezequiel, e que também estão descritos no *Apocalipse* de São João¹⁰.

Touro está intimamente ligado ao centro cardíaco e à presença Divina encarnada, que se chama *Shekinah*, na tradição judaica. Representa a mais íntima presença espiritual no coração. Leão, por sua vez, está ligado à força de indivi-

duação, ao Verbo, que, embora ainda aprisionado, já dispõe de aptidão para libertar-se.

Mais interessante ainda, nesse sonho, é a relação com as constelações boreais Ursa Maior e Ursa Menor. Referem-se ao simbolismo extremamente preciso da Tradição Polar ou Primordial, à qual me vinculo. Ela é, de certo modo, a raiz de todas as outras tradições. Essas constelações, que não podem ser vistas do hemisfério sul, são circumpolares e ligadas à Estrela Polar. A Estrela Polar, por sua vez, representa o centro fixo, a porta, que permitirá a passagem para o outro lado.

É muito significativo que, tanto nesse caso como no da constelação das Plêiades, que se encontra em Touro, essas constelações sejam constituídas de sete estrelas, símbolo dos sete chacras, ou seja, da capacidade de descondicionalidade do mundo astral, condição indispensável para passar-se ao outro lado.

Vamos ficar por aqui, embora esse tema pudesse ser desenvolvido longamente. O importante é reconhecer que a visão do sonho representa uma imagem muito promissora e luminosa da aptidão para receber o ensinamento da Tradição Primordial, ligada aos seres regenerados e ao segundo nascimento.

Relato 7: O sonho com o pai morto

Narrador: *Meu pai morreu há dois meses. Recentemente eu tive um sonho chocante com ele: eu vejo a imagem dele com total clareza de detalhes. Ele está meio deitado, meio recostado, com a cabeça e o tronco um pouco mais alto e completamente nu. Entro no quarto e o vejo dormindo profundamente e tento acordá-lo. Começo a acariciar primeiramente sua cabeça, em seguida o ombro, mas ele não tem nenhuma reação. Começo a sacudi-lo um pouco mais forte e continuo a passar a mão pelo corpo inteiro e, quando passo a mão pelo pênis, ele dá um salto e desperta. Está muito zangado e me pergunta: “Por que você me acordou?” Respondo: “Quero falar com você”.*

¹⁰ Os “quatro viventes” ou “quatro Seres vivos”. Apocalipse 5, 6-8; 19,4. Aparecem igualmente na lâmina 21 do Tarô, *O Mundo*. (N. rev.)

Mas ele insiste: “Você não devia me acordar, você sabe que tenho muita dificuldade de dormir e não tem esse direito”. E aí ele deita de novo e eu acordo.

Fiquei muito desconcertada. Uma outra informação é que durante sua vida ele sempre sofreu de insônia.

B: Você ficou desconcertada no sonho ou só quando acordou?

Narrador: Durante o sonho eu me assustei. Fiquei desconcertada quando acordei. Um outro detalhe é que meu pai sempre foi muito ligado ao corpo físico. Isso era muito importante para ele, pois viveu intensamente seu corpo.

Narrador: Ficaram muitas perguntas que gostaria de compreender.

A primeira pergunta seria se você sabe a razão de querer acordá-lo?

Narrador: Apesar de ter dito no sonho que queria falar com ele, tenho a impressão de que só queria acordá-lo, tirá-lo daquele estado, nada mais. Tivemos muitos diálogos antes de ele morrer, foi uma passagem lenta e trocamos muitas impressões.

Como você viveu a morte dele?

Narrador: Eu estava presente e o acompanhei. Foi tudo muito tranquilo. Quando me chamaram, ele tinha sofrido uma queda; não sei se caiu antes ou teve uma síncope e por isso caiu. Mas, quando cheguei, estava vivo e a passagem deu-se muito tranqüila.

Talvez devesse ser melhor compreendido o motivo pelo qual você queria acordá-lo. No sonho você diz que quer falar com ele e, para mim, o sonho é sempre verdade. Talvez haja alguma coisa no nível inconsciente que não foi dita.

No processo *post-mortem*, aquilo que podemos qualificar de “casca astral”, ou seja, de indivíduo astral – e que é necessário diferenciar do ser celeste – irá efetivamente adormecer após a morte. Parece ser indispensável um tempo de sono para que progressivamente ele acorde de novo numa vida astral. Esse tempo de sono, portanto, deve ser respeitado. É

provável que, por um motivo que só a você pertence, fosse imperativo acordá-lo.

Quanto ao toque no genital, não devemos restringi-lo apenas ao nível freudiano, mas compreender o pênis como sendo um local que armazena potência de energia vital, que possibilita uma espécie de vida *post-mortem*. Há forças vitais específicas que permitem essa sobrevivência. É justamente por isso que seres que não se libertaram na vida física, têm a possibilidade de se liberar após a morte. É a isso que o cristianismo chama de Salvação, o que não quer dizer que todo mundo será necessariamente liberado antes ou depois da morte. Trata-se simplesmente da comprovação de que há uma reserva de energia vital.

O sonho diz respeito a um contato que você teve com um ser que está morto. Como esse contato não pôde ser feito na vida física, efetuou-se no nível astral. A questão está em saber o que se passou na sua relação com o pai, ao que se refere àquilo que você queria comunicar-lhe e talvez seja essa a razão de sua reação.

Esses dois últimos relatos tocaram níveis um pouco além do comum na interpretação de sonhos.

5. A Dupla Natureza do Homem

Antes de avançar, seria oportuno retomar e esclarecer alguns pontos sobre o homem e sua dupla natureza. A partir disso, poderemos tirar algumas conclusões significativas para a interpretação dos sonhos. É evidente que um tema como esse é inesgotável.

É dito no *Gênesis 1,26*: “Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança”. Isso quer dizer que, se um lado do homem espiritual é invisível, por semelhança, nossa imagem também o é.

Vejamos uma analogia antropomórfica para esclarecer essas afirmações: considerem a relação entre as duas naturezas do homem, do mesmo modo que a relação entre os dois cérebros. Uma natureza corresponderia ao cérebro físico, que é ao mesmo tempo emanado e emanador do plano sutil. E a outra corresponderia ao cérebro espiritual, que é ao mesmo tempo emanado e emanador do plano físico. O cérebro espiritual está adormecido e nós somos o seu sonho, tal como, de certo modo, ocorreu no sonho de ser arrancada da cama,¹¹ em que a pessoa irá despertar a si mesma.

Trata-se de imagens bem próximas da realidade. Nós somos os sonhos de um cérebro divino. Na Cabala existe a imagem tradicional do homem divino adormecido, da mesma forma que Adão está adormecido e sonhando. Na capa do livro *Do corpo Físico ao Corpo de Luz*¹², podemos ver a ilustração de Adão adormecido sonhando. Podemos considerar-nos como sonho de Adão e aceitar que estamos aqui para despertá-lo a si próprio.

Como já vimos anteriormente, podemos considerar nossa vida física como um estado de sonho em relação à consciência desperta. Seria agora interessante considerar todos os

acontecimentos que nos chegam, exatamente como se estivéssemos interpretando sonhos. Com esse espírito é possível introduzir alguns novos elementos como, por exemplo, a sincronicidade de Jung.

A questão que se coloca e aparece tanto na nossa vida desperta como em sonho é: “Como essas situações podem ser interpretadas no sentido do despertar espiritual?” Tanto nossos sonhos como a vida física estão aí basicamente para despertar o Adão adormecido em nós. Se perdermos o sentido fundamental da vida, não poderemos usufruir todas as suas possibilidades e ficaremos apenas na dimensão do ser terrestre, nos acontecimentos e conteúdos dos sonhos de nossa pequena história pessoal; não iremos muito longe na compreensão do que nos acontece.

Para voltarmos à analogia com os dois cérebros, o físico e o espiritual, é importante compreender que o mecanismo de ação entre os dois elementos se processa por ressonância vibratória. É como se houvesse um cérebro divino – que é onisciente, mas, ao mesmo tempo, inconsciente porque se encontra adormecido – e um outro cérebro desperto, consciente, porém sem o conhecimento divino. Há uma relação inversa entre as duas polaridades. A finalidade dessa relação, por certo, não é a de um anular o outro, mas a do despertar recíproco, pois ambos necessitam um do outro para o seu crescimento. Há uma estreita e indispensável relação entre o cérebro divino e o humano. Há também um terceiro termo, um cérebro a ser construído, que será onisciente e consciente.

Em razão de sermos naturalmente conscientes, mesmo que não haja a consciência espiritual, o objetivo tanto do caminho espiritual e iniciático como o de toda a vida é despertar para o conhecimento verdadeiro. A divindade verdadeira não se encontra apenas no cérebro espiritual, mas no terceiro termo. O nome verdadeiro, como disse antes, é a combinação do servo e do senhor. Nós somos aquele que serve, e o cérebro divino ou espiritual que evocamos na prece, é o senhor.

¹¹ Relato 5, p. 80.

¹² Publicado pela Ed. Ágape.

Devido ao jogo de espelhos entre os dois cérebros, constatamos que quanto mais o homem está no seu comportamento existencial, orientado em direção ao físico, ao material, ao concreto, mais desconectado estará de sua fonte espiritual. Não sonhará e, se o fizer, os sonhos estarão enraizados nos problemas cotidianos e nos recalques sofridos. A função onírica, nesse caso, corresponderá à categoria elementar de fazer-nos esquecer. Se não houvesse tal mecanismo de esquecimento, o psiquismo estaria muito mais sobrecarregado e não poderia atuar no plano existencial.

Quanto mais o homem estiver orientado para o espiritual, mais sua faculdade onírica será imaginativa e ativa e maiores serão suas possibilidades de ver e ouvir as impressões que o cérebro espiritual transmite. Quanto mais o homem físico for orientado em direção ao espiritual, mais estará à escuta e a serviço do conhecimento espiritual que, por ser ele próprio, poderá ajudá-lo e aconselhá-lo.

Mesmo que algumas vezes o cérebro espiritual pareça ilógico ou louco, ele tem a onisciência e pode perfeitamente dirigir-nos. Esse cérebro situa-se num ponto em que o passado, o presente e o futuro se fundem, tem a visão do que foi, do que é, e do que será. É como se fosse o vigia, o topo do mastro e, por isso, poderá guiar-nos de verdade. A questão está no aprender a escutar e a confiar. As palavras de São Paulo referem-se a esse cérebro da seguinte maneira, *em 1Cor 3,18-19*: “Se alguém dentre vós julga ser sábio aos olhos deste mundo, torne-se louco para ser sábio; pois a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus”.

Entre os dois cérebros situa-se o mundo intermediário. Ele é composto, ao mesmo tempo, de uma alma física, animal, chamada na Cabala de *Nefesh*, e de uma alma astral, que está em ressonância com o cérebro divino, chamada *Ruah*. No hinduísmo elas correspondem, respectivamente, a *manas inferior* e *manas superior*.

No jogo de relações entre os dois cérebros, o campo de ação privilegiado situa-se no mundo intermediário. É no plano astral que estão armazenados todos os acontecimentos.

Essas memórias vêm tanto do cérebro físico, como do espiritual. Esse plano serve ainda de filtro de comunicação ou de barreira entre os dois cérebros. É aí que se darão o combate e todos os ajustamentos necessários para que a ressonância entre os dois cérebros aconteça. Analogicamente falando, imaginem um homem como sendo um dos cérebros e uma mulher, o outro. O som só pode ser transmitido entre eles, se houver um meio possível de comunicação. No vazio absoluto ou com paredes de chumbo entre eles o som não passaria. A dificuldade de uma comunicação harmoniosa é grande. O ar, por exemplo, permite a propagação vibratória sem bloqueio ou deformação, mas basta mudarmos o meio aéreo, colocando outras composições químicas, que o som será deformado e não o compreenderemos mais. O problema essencial do mundo astral é o da comunicação.

O sonho do Relato 3, com advertências sobre o titânio e o selênio, por exemplo, mostra que há uma carga astral muito poderosa. Essa carga advém do acúmulo da memória da era de Peixes. É evidente que teremos que passar por uma fase de esquecimento existencial, para que a próxima fase da evolução espiritual se efetive. Há, portanto, uma certa relação analógica a compreender: ou esquecemos a carga astral por esgotamento ou por transformação. Se ocorrer por esgotamento, isso se dará no nível da sociedade, de forma passiva, através de sofrimentos, provas e depressões. Se a transformação do mundo for ativa, espiritual, poderemos carregar, suportar e transmutar essas forças. O processo poderá ser ativo, se uma minoria de seres aceitar carregar e suportar o sofrimento coletivo.

Com relação às sombras, é sempre bom lembrarmos que um simples fósforo é suficiente para iluminá-las. Paradoxalmente, em todos os processos de transformação, as minorias é que são sempre ativas. Mesmo quando se trata das revoluções sociais, no início são empreendidas por uma minoria, nunca por massas inteiras. Quando a massa se mistura, de modo geral, não mais se processa a revolução, mas o caos.

O trabalho sobre o mundo intermediário – psíquico ou astral – implica uma purificação. Seu objetivo final é atingir um certo estado de virgindade. Do ponto de vista alquímico, por exemplo, o acesso à virgindade mariana efetua-se através de destilações sucessivas, de *solve* e *coagula* repetidos durante a passagem dos templos. Cada templo colore e condiciona o psiquismo na sua forma lunar dominante, advinda do exterior, e impõe-nos sua cor.

Sofremos os condicionamentos como se alguém nos colocasse lentes coloridas nos olhos. Para uns, a vida é vermelha, para outros, amarela, verde ou azul. Todo problema da comunicação surge quando digo “eu vejo uma cadeira” e todos estão de acordo, mas uns a vêem azul, outros, vermelha. As pessoas não se dão conta de que falam de pontos de vista diferentes.

Os sonhos representam o testemunho desse cenário de diversidades. O propósito evolutivo consiste em remover os obstáculos, as interferências ou as cores diferenciadas do espectro no mundo intermediário, fazendo com que tudo volte a ser branco. Nos sonhos, esse processo de branqueamento aparece claramente. Sonharemos com animais brancos, com neve, que é o orvalho celeste, e com outros símbolos universais. No Budismo, por exemplo, existe uma série de desenhos que mostram as fases sucessivas de adestramento do boi. Os animais começam pretos, depois tornam-se malhados de preto e branco, em seguida, brancos e, na última imagem, desaparecem.

Trata-se de imagens para fazer-nos compreender o que se passa no mundo intermediário. Quando o branqueamento ocorre, pode-se dizer que o mundo intermediário não constitui mais obstáculo ao cérebro espiritual e, nesse momento, cada um terá acesso a uma dimensão mais arquetípica ou universal de si mesmo. Ocorre então uma reviravolta energética completa, pois toda a parte psico-corporal torna-se branca e o ser coloca-se totalmente receptivo e a serviço do cérebro espiritual. A consciência espiritual passa a agir no interior do ser, que não estará mais inscrito sob a influência

lunar, mas sim solar, tornando-se irradiador e ativo, a partir de seu mundo interior, em vez de ser estrangido pelo exterior.

Uma das observações que permitem saber se um ser está ou não realizado, é verificar o quanto ele está sofrendo com a pressão exterior dos acontecimentos, da família, do social, de seu superior hierárquico etc. Quando o ser é guiado pelo seu interior, agirá no mundo a serviço do que sente como justo e não se importará se os outros o aceitam ou não.

Todos os combates que conduzem à purificação do mundo interior, são representados pelo combate entre as forças de Luz e de Trevas. Existe uma bela ilustração desse tema nos textos encontrados em Qumrã. Outra representação é a de Micael frente às milícias angélicas combatendo contra as forças do demônio. Micael, etimologicamente, significa aquele que é semelhante a Deus. Portanto, ele se encontra em perfeita ressonância com o cérebro Divino e só fará passar o que é semelhante a si mesmo, isto é, a pura luz. Em seu combate, Micael só pode destruir as sombras e deixar passar a luz, que permitirá a comunicação entre os dois cérebros.

É fundamental reconhecermos que, embora se passe no nível individual, esse combate também deve ser compreendido como coletivo, pois tanto há uma memória individual quanto coletiva. Cada passagem, no processo iniciático, está associada a uma morte, sendo, portanto, necessário morrer para renascer. Nos processos vitais normais, embora não se trate de uma morte interior, mas exterior, também será necessário morrer para renascer. No processo cósmico de evolução das sociedades humanas e, em particular, na passagem na qual estamos implicados, da Era de Peixes para a de Aquário, existe o imperativo de uma reabsorção e purificação da memória astral tanto no nível individual como no coletivo.

Essa é a razão pela qual nos dois mil anos que nos precederam, quando não havia um limite temporal preciso, os processos de purificação eram individuais e somente para aqueles que se sentiam chamados. Nos últimos anos, tornou-

se um processo coletivo, especialmente porque tudo o que foi semeado durante esses dois mil anos, está sendo colhido agora. A ceifa, como sempre, deve ser consumada para que uma nova semeadura possa ser efetuada.

Carregamos necessariamente os pecados dos demais, porque, num outro nível, trata-se de uma aplicação absolutamente coletiva. Somos responsáveis pelos pecados de nossos pais e carregamos, de geração em geração, esse pecado coletivo. Somos os bodes expiatórios, mas é preciso compreender que isso é justo, porque somos os pais de nós mesmos em outras vidas. Temos, nesse processo, memórias astrais profundamente impregnadas.

É importante compreender que, em si mesmas, essas formas astrais nada têm a ver com a busca espiritual. Encontramos, freqüentemente, grupos, livros e ensinamentos que acreditam que o contato com as formas astrais seja o próprio objetivo da busca espiritual. Ao contrário, o contato com as “entidades” ou “guias espirituais”, nesse sentido restrito, é completamente ilusório, pois as “entidades” ou “guias” não passam de formas astrais, psíquicas. Quem trabalha contatando essas formas, é recuperado pelo demônio tentador, pelos anjos maus, vive uma ilusão luciferiana, mesmo que acredite tratar-se de um contato com a luz.

Para que um contato espiritual ocorra, é preciso descer aos infernos e destrancar memórias, em vez de orgulhar-se delas e exacerbá-las. É um processo de desidentificação estritamente contrário ao orgulho de dizer que “na outra vida fui Cleópatra”.

Questões: Memória coletiva e contato com o mundo celeste

A: *O fato de eu ter nascido no que se poderia chamar de civilização brasileira, resultante de uma ampla miscigenação, torna-me muito diferente de ser oriundo da cultura francesa, que tem toda uma outra história?*

Sim e não. Creio que, como francês, posso estar mais próximo da memória coletiva européia do que, por exemplo, um brasileiro ligado aos ritos africanos do candomblé. No entanto, o sonho com a Ursa Maior¹³ acima é absolutamente extraordinário nesse sentido. Quem o relatou é uma brasileira, mas que, através do sonho, contactou e viveu um arquétipo coletivo europeu, do hemisfério norte.

B: *As sociedades podem estar em níveis diferentes de consciência?*

Certamente. Digo isso, porém, sem julgamentos de valor. Não é possível realizarmos aqui um trabalho aprofundado sobre todos os dados históricos, mas isso mereceria ser feito. Constatamos claramente fenômenos de memória e de esquecimento. Podemos, por exemplo, sentir-nos próximos de um arquétipo da Cavalaria, mas como nos sentiremos em relação ao arquétipo do soldado romano, do sacerdote egípcio ou do samurai? As sociedades grega, egípcia ou romana antigas foram, de certa forma, esquecidas. A areia do esquecimento cobriu todas essas civilizações e apenas alguns resíduos persistem.

Por outro lado, estamos ainda com nossa memória bem implicada em todas as reviravoltas que ocorreram na Europa há trezentos anos. A Revolução Francesa teve, por exemplo, muitas conseqüências, pois foi o sinal da decapitação de reis e imperadores. Os que sobraram, não têm hoje qualquer poder real. E tudo isso deverá ser varrido de nossa memória.

C: *As energias que nos habitam, que veiculamos no mundo físico e moram no mundo astral, só podem ser mudadas quando há contato com o mundo celeste, ou é um processo que vai acontecendo aos poucos?*

É um processo que acontece devagar, mas a todo o instante, pois, no combate que ocorre no mundo astral, nenhum dos lados é superior: as forças de luz e sombra são iguais e estão lado a lado. Sendo essa a situação básica nesse mundo, para que haja somente luz, o ser humano, em sua liberdade,

¹³ Veja Relato 6, p. 90.

deve escolher o que o anjo lhe sopra e recusar o que o demônio lhe diz. Cada vez que vamos em direção ao anjo, aumentamos a luz e, se formos em direção ao demônio, aumentaremos a sombra. Trata-se de um combate de longa duração.

Quando sustentarmos suficientemente a luz para ultrapassarmos a sombra – que continuará presente, mas em menor escala – teremos mais consciência e clareza de estarmos comprometidos com o caminho espiritual. Não devemos considerar a sombra, a serpente e o dragão como males absolutos, mas vê-los simplesmente como forças adversas, obstáculos. Só o obstáculo poderá desencadear em nós a reação necessária para realizarmos o salto quântico. Sem ele, não efetuamos esse salto.

D: *Quer dizer que essa luta é uma espécie de musculação onde se criam forças para dar um grande pulo?*

É nesse sentido que se afirma ser sempre necessário medir forças. Nós nos mediremos com a sombra e com o dragão no mundo intermediário. Mas, quando se trata de ir em direção ao mundo celeste, teremos que nos medir com o anjo. Como na história de Jacó, será necessário realmente combater com o anjo para nos tornarmos semelhantes a ele e, então, teremos acesso ao mundo da luz. A noção de combate é universal, mas na história interior não há um ganhador e um perdedor, pois combate significa ainda dualidade. Se matarmos, permaneceremos na dualidade, se formos mortos, ficaremos na dualidade. A finalidade do combate espiritual é a de, ao nos confrontarmos com o outro, tornarmos-nos um com ele. A partir dessa compreensão, há uma questão central: meditar sobre a força do dragão, da serpente e de Lúcifer.

E: *Trazendo para o nosso cotidiano, esse combate com a sombra seria, por exemplo, lutar com a preguiça, a resistência, o mau humor, a irritação etc?*

Sim, são qualidades psíquicas que nos dividem.

F: *Ficar na luz significa manter uma presença, estar atento?*

Sim, mas desperto e atento num processo de não-dualidade. Não se trata de um processo que é adquirido de uma vez por todas, mas de um trabalho a ser renovado a cada instante. O despertar é uma presença permanente, pois não nos é dito que, ao vencermos a força do medo ou da passividade, elas não acontecerão de novo em nossa vida. Mas, se já as tivermos vencido, saberemos como vencê-las de novo e não mais as temeremos ou nos enganaremos quando elas se reapresentarem.

Ao mesmo tempo, ocorre nesse processo um fator adicional não controlável e muito misterioso. A partir do momento em que as transformações se realizarem, o cérebro divino oferecerá um outro olhar, uma outra consciência radicalmente diferente, e nos sentiremos inteiramente guiados, orientados e acompanhados em nossa vida exterior. Como se trata de um olhar não-dual, não seremos mais enganados nas relações com os outros e nas situações de conflito que possam ocorrer. Involuntariamente, nasce uma atitude muito diferente da que tínhamos antes diante de uma mesma situação. Por um lado, há algo a mais e, por outro, não mais existem o medo e a ilusão, pois, a partir do momento em que entramos em contato com esse cérebro superior, recebemos o ensinamento que vem do mundo interior.

Trata-se de um ensino difícil de ser retransmitido e expresso, porque se refere a um campo sem forma, sem cor e sem morte. A partir desse momento, não há mais apego ao corpo, à individualidade. Aparece no ser uma espécie de consciência cósmica, totalmente informal, mas que, ao mesmo tempo, respeita a forma e suas exigências de tempo e de crescimento. Agora podemos compreender melhor por que há o imperativo de um véu entre essas duas partes do universo. O ser reconhece ter experimentado a passagem para o outro lado, mas, quando volta, deve fechar a porta de passagem, não para si, mas para os outros. São experiências difíceis de serem expressas, pois as palavras para descrevê-las são limitadas.

G: *O que você quis dizer quando afirmou que o ser, ao retornar do mundo celeste, fecha a porta aos outros e permanece com ela aberta para si mesmo?*

Significa que há uma exigência absoluta de se conservar o mistério daquilo que se chama de esotérico. Alguns véus podem ser rasgados, mas outros devem ser mantidos, para que haja o equilíbrio do Universo. Cada um, dentro de si mesmo, dominará as forças e rasgará os véus. Porém, quando se encontra a serviço, deverá respeitar o processo de transformação dos outros, impondo-se, portanto, o princípio do segredo. Algumas coisas devem ser reveladas, pois servem como marcos para indicar o caminho, outras devem ficar escondidas, porque pertencem ao mistério e devem permanecer no mistério. Aliás, essa questão também serve para diferenciar um ser realizado de outro que não o é.

O ser não realizado pensa que pode contar o que quiser, pois acredita que, assim, traz tudo de volta para si, mostrando o quanto sabe. Com essa atitude, porém, estará na verdade profanando o mistério ou talvez o pouco que pôde captar dele. Quando um ser toca de fato o mistério, sabe que ele é inominável e que só é possível viver a experiência, mas nunca contá-la. O que lhe caberá, então, será prestar serviço para que outros trilhem o caminho, sem contar o que se passa. É por essa razão que se diz que as portas ficarão fechadas.

H: *Não depende com quem esse ser irá se deparar? Abrir mais ou menos a porta não depende da evolução de quem está à sua frente?*

O caso não é de abrir mais ou menos a porta, pois uma porta ou está aberta ou fechada. Na busca interior, trata-se de tudo ou nada. É possível acompanhar individualmente o ser a partir do lugar em que ele se encontra. A meu ver, essa é a única função terapêutica ou iniciática possível. O guia é aquele que, em primeiro lugar, conhece o caminho e, em seguida, acompanha o outro, caminhando ao seu lado e indicando-lhe as direções e os passos convenientes. Nunca anda dez quilômetros à frente ou atrás dele.

H: *Pelo que compreendi, não há como abrir uma porta aos outros, no lugar em que não estão.*

I: *Isso me lembra a história sufi de uma pessoa que queria entrar no céu. Disseram-lhe que podia ficar sentado numa cadeira, junto à porta do céu e, assim que ela abrisse, teria que entrar, mas que isso aconteceria apenas por um segundo em toda a eternidade. Ele ficou lá séculos e, de repente, distraiu-se por um segundo, justamente quando a porta abriu e fechou. E ele perdeu sua oportunidade de entrar no céu. Eu não diria que perdemos a porta, mas que voltamos para trás cada vez que não estamos atentos. Creio que o caminho para o mundo celeste é, por toda a vida, de muita transpiração.*

J: *Você poderia explicar um pouco mais o papel da hereditariedade no mundo astral?*

Como já disse, a hereditariedade é o presente. Somos o fruto das obras do passado, sejam elas nossas próprias obras, sejam elas familiares, nacionais, religiosas etc. Carregamos todo o passado conosco, em maior ou menor grau. Quanto mais próximo um fato estiver de nós, tanto mais importante e influente ele será. A hereditariedade familiar, por exemplo, é muito mais poderosa em nós do que o carma nacional, embora carreguemos tanto um como o outro. Há um mistério na relação entre o indivíduo e a humanidade.

É curioso como a história sufi que acabou de ser contada, reconduz ao tema do sonho, pois a finalidade do sonho e do sono é atingir um certo estágio de despertar associado à vigília.

Na Cavalaria, o estado de despertar é representado pela imagem do cavaleiro que se encontra em terra inimiga e a qualquer instante pode ser atacado. Ele dorme apenas “sobre uma das orelhas” e, ao menor sinal, estará alerta. É assim que devem ser compreendidas as noções de despertar e de vigília. Mas, como sempre, há uma inversão, pois não se trata de uma vigília aos sinais exteriores, mas de um despertar ao “quem sou eu”, “quem fala em mim” É a noção de presença em si mesmo que deve ser mantida no despertar; aliás, é nisso apenas que consiste o despertar. Na verdade,

percebemos logo na vida que nos esquecemos de nós mesmos. Neste instante, por exemplo, será que estamos presentes em nós mesmos ou estamos presentes no que se passa fora de nós?

Na meditação viveremos as mesmas coisas que no sonho. No instante em que nos colocamos em silêncio e na imobilidade, necessariamente veremos, como no sonho, todos os pesadelos em forma de imagens, pensamentos e emoções. É necessário atravessar esses espaços de sonho e chegar ao estado de vacuidade para poder purificar o plano astral. A vacuidade permite meditar e ser meditado, ou seja, tornarmos receptivos ao estado superior de nós mesmos, ao cérebro espiritual.

Uma vez estabelecido o contato, a finalidade será permitir que o gêmeo celeste se sacrifique a si mesmo para salvar o mundo. Não é o ego, a nossa personalidade física que se sacrifica, pois a finalidade do ego é a purificação e não o sacrifício. Quem se sacrifica e sofre realmente é o ser divino que está em nós, pois ele é inocente, sem pecado.

O ego facilita o contato quando atinge uma pureza interior. Nesse momento o Verbo se faz carne e a dimensão celeste desce ao nível terrestre, sacrificando-se e dando-se a um mundo de trevas e de limitações. O ser que realizou essa dimensão encontra-se na inocência, no amor aos outros e não a si; mantém-se simples e à serviço do Rei. Nessa disposição irá deparar-se permanentemente com a incompreensão, a reação, a maldade, o egoísmo etc. É esse o verdadeiro sofrimento no sentido crístico, pois o ego sempre se “sacrifica” na tentativa de sair-se melhor em todas as situações. Seu sofrimento, portanto, é sempre merecido.

Questão: A função da psicoterapia

A: *Gostaria de saber qual o papel da terapia psicológica. Ela nos prende ao mundo psicológico ou nos ajuda a entrar em contato com o mundo celeste?*

Como sempre, essa questão não depende da terapia psicológica, mas do terapeuta. Tudo depende da consciência dele. Exatamente como acontece na interpretação dos sonhos, o terapeuta pode estar identificado ao mundo corporal, às formas existenciais ou às interpretações psicológicas. Se ele tiver, porém, a experiência do mundo interior, poderá guiar o paciente, acompanhando-o até lá. O problema é que, mesmo tendo vivido o contato interior, é sempre necessário usar um rótulo. Por exemplo, para trabalhar na França, uso o rótulo de médico, homeopata e acupuntor. A partir disso, sou reconhecido pela sociedade. Mas, noventa e cinco por cento do meu trabalho nada tem a ver com a homeopatia, a acupuntura ou a medicina clássica.

A: *Voltando à pergunta, gostaria de saber se a parte teórica da psicologia contém em si alguma chave. Pelo que compreendi de sua resposta, seria necessário transcendê-la.*

Sim. Mas esse não é somente o problema da psicologia, mas o de todas as formas de terapia. Eu diria a mesma coisa sobre a medicina, a homeopatia e a acupuntura.

Consideremos os terapeutas no seu sentido mais amplo. No mito de Esculápio, o deus dos terapeutas, por exemplo, encontramos o arquétipo com que todos os terapeutas poderiam sonhar, ou seja, alguém que conhece todas as técnicas cirúrgicas e farmacológicas. Ainda por cima, Esculápio ganha dois afilhados que têm o sangue da Górgona. Um deles com a capacidade de matar e o outro com a de ressuscitar os mortos. É demais! Com um arsenal parecido e sem falar da mão hábil que o centauro Quíron lhe ensinou a usar, Esculápio curava todo mundo. Curou tanto que Hades, o deus dos infernos, vê sua população consideravelmente diminuída e queixa-se a Zeus de que aquela situação não podia continuar. Zeus, consciente dos riscos terríveis que isso poderia ocasionar, pois havia criado uma espécie de falsa divindade ligada ao homem, decide mandar um raio para matar Esculápio. Ele morre e desce aos infernos. Em seguida, graças a seu pai, Apolo, ressuscita dos mortos e, só nesse momento, torna-se uma divindade e compreende o sentido da descida

aos infernos e da ressurreição. Somente então ele se torna o portador das duas serpentes, porque até esse momento ele trazia consigo apenas a serpente diurna. A partir da descida aos infernos, tornou-se também portador da serpente noturna, ou seja, da iniciação noturna.

Nessa passagem há muito o que compreender com relação ao processo terapêutico. A maior parte dos terapeutas, qualquer que seja sua área de atuação, tem como objetivo apenas a iniciação diurna, a primeira parte da história de Esculápio. Não compreende e nem desconfia dos poderes do inconsciente e das forças titânicas nele contidas. Quando essas forças são desconsideradas por qualquer tipo de terapia, acabam por revoltar-se e geram estados patológicos.

Precisamos nos questionar sobre a razão do seguinte paradoxo: por que a medicina, hoje tão poderosa quanto na época de Esculápio, não tem respostas para tantas doenças como alergia, depressão, câncer etc?

O problema é que atualmente a nossa sociedade, desvitalizada de seus valores tradicionais, não sabe reconhecer a necessidade de se passar por uma iniciação. Somos como cegos num túnel, não sabemos para onde vamos e o pior é que temos a impressão de estarmos ótimos.

6. O Processo Iniciático e o Terapêutico

Para encerrar o que vínhamos discutindo sobre a relação entre os dois cérebros e retomar a reflexão feita sobre a psicoterapia, é importante termos constantemente presente no espírito a diferença entre os dois cérebros, ou seja, a dupla natureza do homem. A consciência dessa diferença estabelecerá a verdadeira distinção entre o processo terapêutico ou psicoterapêutico e o iniciático.

Na iniciação não se trata tanto de observar ou interpretar o cenário, o comportamento de uma pessoa física, mas de dirigir-se à supraconsciência, a algo que estranha e aparentemente está adormecido no homem e “não existe”, enquanto que nos processos terapêuticos ou psicoterapêuticos nos dirigimos a algo que existe. Todavia não se deve esquecer de que na palavra existir há o prefixo **ex**, que significa **sair de**. Então, na abordagem terapêutica nos dirigimos a algo que está fora do ser e não nele mesmo.

O processo iniciático diferencia-se do terapêutico porque não se trata de analisar o subconsciente ou o inconsciente e levá-lo a uma compreensão existencial, mas, ao contrário, de neutralizar as forças subconscientes ou inconscientes, de descolar-se e desidentificar-se delas. Na verdade, trata-se de forças muito ambíguas, chamadas de Guardiões do Portal, que representam os obstáculos que nos impedem de acordar a nós mesmos, deixando-nos apegados à terra e às memórias coletivas. Elas nos aprisionam e nos identificam com o exterior, na ilusão de sermos um corpo ou então de não estarmos condicionados e identificados a ele.

Isso não quer dizer que o processo terapêutico ou psicoterapêutico seja inútil, muito pelo contrário, mas é preciso não cair na armadilha de ver apenas esse lado. A tentação, um pouco como nos contatos com os mundos pseudo-espi-

rituais, é a de deixar-se seduzir por essas forças de condicionamento que levam o ser a reduzir-se a simples dimensão psico-corporal. Na verdade, as forças psico-corporais de condicionamento constituem obstáculo e impedem o contato com o mundo celeste. Precisamos nos desapegar de toda a natureza inferior que nos construiu. O verdadeiro combate ocorre na descida aos infernos, palavra que vem do latim *inferus* e que significa exatamente estados inferiores do ser. É importante compreendermos todo esse processo, pois ele ocorrerá nos sonhos.

O que é o ser humano na acepção existencial do termo? A ciência responde muito bem a essa questão. Possuímos um corpo químico composto de forças minerais e vegetais – que chamamos de sistema neurovegetativo – e de forças animais ligadas à capacidade de colocar-nos em movimento. Os próprios termos animal-*animus* e alma-*anima* têm todos a mesma raiz. É interessante notar também que as forças animais são expressas com muita precisão pelo zodíaco, que, no conjunto, são símbolos animais. O homem repousa sobre essas forças. Basta lembrar a passagem da Bíblia que se refere à serpente e à Queda como resultantes das forças animais em nós. Portanto, nossa natureza terrestre de base é a do animal evoluído, porém, nossa real dimensão humana está intimamente associada ao plano espiritual, à abstração, à inteligência, à moral e à ética. Todos esses valores pertencem ao cérebro espiritual, o que significa que nossa verdadeira humanidade existe apenas em potencial, em germe. Só seremos de fato humanos quando o Verbo encarnar-se, isto é, quando o cérebro Humano tomar o lugar do cérebro animal. É por isso que o verdadeiro combate é travado essencialmente entre nossas naturezas animal e Humana. A natureza animal é muito poderosa e ativa, enquanto a humana é apenas potencial. O objetivo final da natureza humana é a abstração. O ser humano é convidado a tornar-se um homem angélico, perfeito, num corpo puramente espiritual. Há, assim, uma transferência a ser feita entre o visível e o não-visível, entre o animal e o Humano.

A consciência livre de formas, a consciência de pura inteligência, é chamada de novo Adão. Enquanto não for alcançada, estaremos identificados à nossa natureza terrestre, que utiliza um veículo de carne, de pele e de pêlos, de natureza animal. O verdadeiro combate deverá ser travado nesse nível.

É importante nunca perder de vista as duas naturezas. Se não estabelecermos a diferença entre os dois níveis do ser, será difícil interpretar os sonhos ou tratar de alguém, pois freqüentemente cairemos na armadilha das ilusões de interpretação.

Se alguma adversidade ocorre na vida, enfrentá-la torna-se muito duro para a nossa natureza animal. A dificuldade física ou psicológica, no entanto, é uma oportunidade extraordinária para liberar-nos da natureza animal, possibilitar o encontro de outra dimensão de nós mesmos e o crescimento da natureza espiritual. O nosso confronto com a prova da morte, por exemplo, é dramático para a natureza terrestre, pois remete-nos à falta, à separação e subjacentemente à nossa própria morte.

Quando sonhamos com nossa própria morte ou com a nossa casa queimando, acordamos muito angustiados e pensamos: “O que irá acontecer, será que vou morrer ou minha casa se incendiará?” É dessa maneira que a natureza terrestre funciona, trazendo imediatamente para si tudo o que se relaciona as suas próprias angústias, faltas e medos. Todo o medo está ligado à nossa ignorância e às nossas limitações. Uma casa que queima, por exemplo, não amedronta nossa natureza espiritual, que é essencialmente de fogo. Nunca vi o fogo ter medo de fogo. Será que morrer é tão dramático para a nossa natureza espiritual? Talvez na morte física aconteça o nascimento ou o despertar espiritual.

Freqüentemente há uma ambivalência de interpretação dos sinais, quer seja na vida física ou nos sonhos. Como interpretarmos na vida física um acontecimento que representa um obstáculo? Se esta manhã, ao me dirigir para o trabalho, meu carro quebrar, que leitura farei? Será que isso significa que não era necessário ir, ou, ao contrário, que seria

preciso ultrapassar o problema do carro e dar um jeito para chegar lá? Cada um irá interpretar o sinal segundo a sua própria natureza e o nível de qualidade de seu estado desperto. A mesma coisa, certamente, acontecerá com a interpretação do sonho pelo terapeuta e pelo paciente.

O papel do terapeuta

Há no papel dos terapeutas uma grande responsabilidade. A função de um terapeuta, não importa qual seja a técnica adotada, é a de acompanhar o ser em seu processo de liberação, de descondicionamento. Seu papel é estimular, com sua atitude e seu testemunho pessoal, que o ser caminhe no sentido inverso ao de seu movimento natural, pois este sempre realimentará o condicionamento. É preciso surpreender o paciente, mostrando-lhe na interpretação um ponto de vista que ele não encontraria sozinho. Por outro lado, também é importante não fixar qualquer ponto de vista definitivo, dizendo “essa é a verdade”, mas ser lúdico, realizar um jogo surpreendente, leve, adaptável, solúvel e de movimento na vida.

O trabalho real de interpretação de um sonho por parte do terapeuta não consiste em ser o senhor da verdade ou ser infalível, mas obrigar o paciente a situar-se frente a seu funcionamento e a suas limitações e ajudá-lo, de uma maneira sutil, a reconhecer o que está bloqueado nele, estimulando-o a colocar-se em movimento. Como só há movimento quando entramos em contato com nosso desejo, pois não somos masoquistas, torna-se imprescindível dinamizar o desejo do outro para conduzi-lo progressivamente em direção ao seu verdadeiro desejo.

Outra questão importante é a de reconhecer se o paciente está pronto. Isso diz respeito tanto à terapia, à interpretação de sonhos como também a todas as relações humanas. Muitas vezes, como terapeutas, recebemos pessoas que nos procuram dizendo: “Doutor, as coisas não andam bem, estão muito difíceis”, ou então, “Eu sofro, porque tenho um sonho muito

angustiante que não consigo entender”. Percebe-se, imediatamente a atitude de possessividade do ego. Ao sentirmo-nos inquietos corremos para pedir “Por favor, rápido doutor, a pílula mágica”, ou então uma interpretação extraordinária de um sonho que irá liberar-me de tudo.

O terapeuta deverá colocar, em primeiro lugar a si mesmo e, em seguida, ao seu paciente a seguinte pergunta: “Você quer que eu interprete o seu sonho, mas será que você está pronto para entender o que será dito e obedecer as indicações de seu sonho?” Em geral, o trabalho pára no primeiro nível. Se algo me angustia num sonho, por exemplo, procuro alguém que me tire dessa angústia, sem a intenção de qualquer esforço da minha parte para avançar. O trabalho do terapeuta, nessas condições, é fazer o paciente compreender que há necessidade de ir em frente e que sempre há um preço a pagar. Se não quiser pagar o preço, ficará com seu sofrimento e sua angústia. Não será uma pílula ou qualquer interpretação milagrosa que mudará interiormente o que quer que seja.

Como atualmente vivemos numa sociedade de consumo, vemos esse tipo de atitude a todo instante, tanto no campo terapêutico como em supostos grupos de busca espiritual. Num momento de crise, por exemplo, poucas pessoas frequentam grupos de busca espiritual. Já em tempos mais tranquilos muitas pessoas jogam pôquer com a vida espiritual, ou seja, dão um pouco de dinheiro para ver aquilo de que se trata, mas sem comprometerem-se. Tentam assim aplacar um pouco de suas angústias. É necessário tirar a máscara desse comportamento. A vida espiritual não pode ser provada, só pode ser vivenciada à medida que aceitarmos realizar o caminho. Portanto, a única solução é trilhar o caminho.

Como terapeuta, é importante manter um duplo olhar: o de fazer uma interpretação e também o de compreender que toda interpretação constitui uma reorientação do movimento. Os sonhos e o sofrimento são energias que pedem transfor-

mação e, se não nos colocarmos em movimento, reproduziremos sempre as mesmas coisas.

Na interpretação da natureza terrestre, um mínimo de experiência pode bastar, mas para dar orientações em direção à natureza celeste, é preciso que o terapeuta tenha uma grande competência e que ele próprio siga um processo iniciático, com sólidos conhecimentos em diversas áreas. Um terapeuta que se encontra no processo iniciático não terá evidentemente um conhecimento universal, mas deve possuir muitos conhecimentos no campo do simbolismo, da mitologia, da história comparada das religiões. É imprescindível também uma grande qualidade de coração e firmes valores éticos. Somente através desse conjunto de princípios e de atitudes o caminho poderá constituir-se.

Outros elementos de interpretação

Um último ponto na interpretação dos sonhos é listar os elementos de interesse. Primeiramente, devemos escrever o maior número de detalhes possíveis sobre o sonho, anotando a data precisa e a fase da lua na qual o sonho ocorreu. Logo perceberemos que estamos inscritos em ciclos cósmicos particulares e que um certo tipo de sonho só acontece numa certa fase específica da lua. É interessante seguir uma sucessão de sonhos inscritos no mesmo tema e na mesma fase da Lua, pois não é possível realizar um trabalho consistente de interpretação com apenas um sonho.

No trabalho relacionado à Lua é necessário realizar uma decantação. Para tanto, devemos situar com clareza em qual fase da Lua o sonho ocorreu, ou seja, se foi um sonho de lua nova, de lua cheia, de quarto minguante ou de quarto crescente. Esses quatro momentos consistem em quatro dias bem precisos do mês, que alguns calendários indicam com os desenhos característicos da Lua. Para definir os limites de tempo de cada fase, incluam o dia preciso, os três dias que o precedem e os três dias que o sucedem. Ou seja, o dia exato, mais os três dias anteriores e mais os três posteriores, perfa-

zando os sete dias de cada fase. Sete vezes quatro, igual a vinte e oito dias, representa o mês lunar, o ciclo completo da Lua em torno do Sol.

Os sonhos de lua nova são de sementeira e de renovação. Os sonhos de lua cheia são de objetivação e de realização. Os sonhos de quarto crescente simbolizam uma tensão entre a aspiração que foi depositada no momento da lua nova e o desejo de realizá-la na lua cheia; indicam normalmente as dificuldades de realizar alguma aspiração. Os sonhos de quarto minguante mostrarão tudo aquilo que foi bem ou mal realizado; faz-se um balanço, pois o momento está mais para reflexão e reajustamento das realizações. Os reajustamentos levam a novas constatações, que atuarão como um novo impulso na lua nova seguinte, e assim por diante. A lua nova corresponde às aspirações, aos projetos, aos desejos que necessitamos realizar, o que é compreensível se nos lembrarmos de que é nessa fase que se dá a conjunção entre o Sol e a Lua; portanto, a sementeira espiritual. É freqüente, na lua nova, ocorrerem grandes sonhos de luz interior.

Poderemos realizar um trabalho de interpretação de astrologia lunar, muito interessante e extremamente operativo do dia a dia, no ciclo das vinte e oito casas lunares. Os movimentos que ocorrem no sonho também podem ser correlacionados ao movimento da Lua.

Em meu trabalho pessoal com os sonhos, observei que, em geral, há movimentos de ascensão quando a lua cresce e movimentos de descida quando mingua. Há movimentos mistos de subida e descida no sonho no momento da lua nova ou da lua cheia.

As referências de movimento, de espaço e de tempo também são importantes. Os sonhos existem para serem vistos e ouvidos. Às vezes, é necessário ouvi-los implicitamente e outras, explicitamente. Por exemplo, quando se diz no sonho que algo irá acontecer amanhã, é preciso compreender que o amanhã mencionado não é necessariamente o nosso amanhã. Esperar um acontecimento para o dia seguinte pode tornar-se uma boa fonte de decepção. Se estivermos numa

consciência lunar, o amanhã significará um mês e, se estivermos numa consciência solar, um dia poderá corresponder a um ano, visto que a jornada solar pelo zodíaco leva um ano para se completar. Há ainda outros níveis de consciência que se encontram além do solar. Muitas outras indicações precisam ser compreendidas e pesquisadas, mas é evidente que, nesta oportunidade, apenas algumas indicações são possíveis.

Quando se pretende realizar um trabalho bem preciso de interpretação, torna-se imprescindível estabelecer uma espécie de grade de leitura dos sonhos para obtermos pontos de referência, como as noções de espaço e de lugar, de tempo, movimento e deslocamento.

Indicações significativas podem ser obtidas se nos lembrarmos de como nos deslocamos: da direita para a esquerda ou da esquerda para a direita. O que significaria, por exemplo, sonhar que nos deslocamos da esquerda para a direita? Pode tratar-se de um movimento que vem do coração e é levado a manifestar-se. Outras indicações poderão vir da observação cotidiana. No mundo ocidental, por exemplo, a escrita se faz da esquerda para a direita. Ao escrever, damos forma a alguma coisa, como se trilhássemos do passado (esquerda) para o futuro (direita). Todos os movimentos são portadores de sentido. O movimento da direita para a esquerda pode ser visto como um retorno, uma volta. É evidente, como já discutimos, que é necessário, nesses casos, levar em consideração o contexto cultural em que a pessoa vive. O árabe e o hebraico, como se sabe, são escritos da direita para a esquerda. É bom lembrar que os movimentos das escritas antigas tinham um sentido muito mais profundo do que imaginamos.

Esse é mais um dos exemplos para comprovar que todo estudo deve sempre ser relativizado segundo o seu espaço cultural particular.

Sob a ótica a que nos referíamos, o movimento da esquerda para a direita indica um processo que parte da abstração em direção à sua concretização. O movimento da

direita para a esquerda, representa o caminho contrário; é uma forma de abstração, de retorno ao passado e de dissolução. De qualquer modo, é necessário sentir os movimentos que ocorrem no sonho e buscar suas possíveis significações.

O simbolismo do corpo também tem muita importância na noção de espaço. Num sonho, não significa a mesma coisa ser ferido no pé direito ou no esquerdo. São elementos plenos de sentido, que devem ser inscritos na grade mencionada. É importante observar ainda os reinos implicados nos sonhos. Certos tipos de sonho revelam reinos minerais, como por exemplo, quando sonhamos com pedras preciosas, que simbolizam o contato com forças arcangélicas, com arquétipos divinos. Outros sonhos trazem a importante presença do reino vegetal, que, dentro de certos contextos, poderá referir-se ao paraíso terrestre, à Árvore da Vida, ao Jardim de Éden.

A presença do reino animal ajuda-nos a compreender nossas forças animais. O fato de revestimo-nos com a pele de animais, após um combate com eles, simboliza o domínio sobre esse nível. No mito da Cavalaria, por exemplo, o rei Arthur reveste-se com uma pele de urso, que corresponde, na verdade, à constelação da Grande Ursa, ou seja, à capacidade de compreender e dominar as forças dessa constelação. Outro exemplo é o de Hércules que se cobre com a pele do leão de Neméia, cujo significado é semelhante ao do mito de Arthur. Arquétipos similares de domínio e poder de condução dessas forças animais aparecem em todas as tradições. Daí advém a importância de conhecermos mitologia e história das religiões.

Nesse conjunto de referências para a leitura dos sonhos é preciso levar em conta o simbolismo dos números e das cores, pois são elementos plenos de sentido. Encontramos um, dois ou três animais? Estamos acompanhados de duas pessoas ou de três? E assim por diante. Um mínimo de conhecimento sobre o simbolismo das cores também é indispensável na interpretação de um sonho, para compreendermos o que significa uma roupa de determinada cor, ou a cor de um objeto qualquer.

Como já mencionei, o sonho também deve ser ouvido. Precisamos estar atentos ao jogo de palavras, pois mesmo que não o utilizemos habitualmente na vida diária, os sonhos contêm com frequência combinações curiosas de palavras. O ideal seria entender o sonho como um jogo sutil. Há, por exemplo, uma lenda medieval francesa sobre um lobo que comia pessoas. Era o monstro chamado Gevaudan, nome cujo sentido é “eu tenho seus dentes”. Certa vez me foi relatado um sonho com esse monstro e, no sonho, a pessoa sentia-se totalmente desvitalizada. Se compreendermos que os dentes estão ligados à letra *Shin* do alfabeto hebraico, que também se refere ao fogo e à energia vital do ser, certamente disporemos de recursos mais amplos para interpretar o sonho. Precisamos apreender o significado desses jogos de palavras e também decodificar o ambiente no qual ocorrem.

A defasagem entre o ambiente do sonho e a emoção que a pessoa sente ao acordar, constitui-se num outro indicio significativo. Certos sonhos são neutros e até simpáticos, porém, ao acordarmos, sentimo-nos inquietos. Tudo isso pode ajudar-nos a compreender mais profundamente o significado do sonho.

É evidente que, quanto maiores forem os conhecimentos gerais e a cultura de quem interpreta os sonhos, mais compreensivo será o resultado final. É muito útil, nesse sentido, um mínimo de conhecimento dos alfabetos (principalmente os sagrados, como o hebraico e o sânscrito) e do simbolismo dos nomes, em particular da raiz etimológica dos nomes animais. Se sonharmos com alguém que conhecemos, cujo nome seja Lúcia ou Domingos, por exemplo, é importante verificarmos se, mais do que à pessoa exterior, o sonho não estará se referindo ao significado de seus nomes: *Luz*, no caso de Lúcia, ou *Dominus* (Senhor), no de Domingos. O essencial é perceber o sentido do sonho, desmaterializando assim sua identificação com o exterior.

Se sonharmos com um lobo, será útil sabermos que, etimologicamente, *lupus* vem de *luz* e observarmos que o lobo é um animal que se esconde na noite, que vive na fronteira da

floresta do inconsciente, do qual vemos apenas dois olhos inquietantes que vigiam. Já o javali, que se chama *sanglier* em francês, contém em seu nome um jogo de palavras: *sanglier*, que poderíamos traduzir por *sangue-ligar*. Muitas vezes um jogo de palavras é específico de uma determinada língua. A raiz etimológica de *sanglier* é *sem*, que quer dizer *semelhante*. Sonhar com um javali ou com a caça ao javali remetem-nos, na realidade, ao semelhante, isto é, ao arquétipo celeste. É por isso que o javali é símbolo da casta sacerdotal e não da casta guerreira, à qual corresponde o urso. O javali também foi um símbolo importante para os druidas, sendo muitas vezes confundido com um traço cultural, deixando escapar seu verdadeiro sentido.

O Talmude diz: “Observando o visível, compreenderemos o invisível”. Isso também se aplica ao sentido simbólico dos diferentes animais. O urso, por exemplo, hiberna, apresentando desse modo alternâncias, ciclos, que podem ser relacionados aos da Lua; tem um território bem limitado, pois hiberna numa gruta. Por ser plantigrado, o urso é um animal com capacidade de colocar-se sobre as patas traseiras, o que simboliza as forças animais capazes de se verticalizarem; tem muita força nas patas e mandíbulas. Todos esses dados são arquétipos do poder existencial: a defesa de território, os ciclos lunares, a capacidade de ficar em pé, uma certa realidade. O javali, por sua vez, é um animal muito diferente. Solitário, não tem território delimitado, o que enfatiza a noção de viver sem forma. Hoje está aqui, amanhã, a cinquenta ou oitenta quilômetros adiante. É um animal que come o fruto do carvalho, planta símbolo da Árvore da Vida, ou seja, o javali alimenta-se do fruto da Árvore da Vida.

Se nos dedicarmos ao estudo dos símbolos, poderemos descobrir a força surpreendente das imagens associadas aos elementos do sonho. Quando não se conhece um símbolo, é necessário partir de uma observação precisa da vida, da natureza física, que indica funções arquetípicas subjacentes a esse símbolo.

Um último elemento de interesse para interpretar sonhos, baseado em minha própria experiência, é dar-lhes nomes e sintetizá-los. A procura de um título justo pode exprimir a quintessência do sonho, complementando o que já tiver sido escrito.

O conselho que me parece mais importante é trazer constantemente o sonho à vida cotidiana, considerando sempre a dupla natureza do homem, fato que, por ser frequentemente esquecido, causa inúmeros mal-entendidos e falsas interpretações.

Para trabalhar na interpretação dos sonhos, necessitamos de algumas ferramentas como, por exemplo, diferentes dicionários mitológicos e de símbolos; livros sobre o simbolismo dos números, das cores, das letras sagradas, dicionários etimológicos e também dos nomes, pois propiciam detalhes muito significativos. As raízes das palavras ajudam o pensar simbólico. Sabemos, por exemplo, se o que falamos de determinada pessoa refere-se a ela, enquanto representação física, ou ao significado etimológico de seu nome ou sobrenome, o que não exclui a função subjacente dos traços de comportamento e das atitudes dessa pessoa. Uma interpretação correta inclui diferentes níveis sutis e subjacentes.

É importante, reconhecer e não temer nossa ignorância frente a um fato qualquer. Desse modo, tanto o paciente quanto o terapeuta são mobilizados e seus encontros se transformam em oportunidades de procura e pesquisa.

Questões: Palavras desconhecidas e línguas estrangeiras

A: *Uma paciente relatou-me um sonho que continha uma energia muito forte e a impressionou por muito tempo. Nele aparecia uma pessoa que dizia: “Fique tética”. Procuramos descobrir o significado e nunca conseguimos decifrar o que essa palavra queria dizer.*

Têtis, na mitologia grega, corresponde a duas deusas ligadas ao mar. Uma delas foi a mãe de Aquiles. Pode-se

também associar a palavra à testa ou à cabeça; no francês, pelo menos, é homófona de *tête*, cabeça. Em casos como esse, é importante continuar procurando até se encontrar uma pista.

B: *Muitas vezes sonho noutra língua estrangeira, principalmente em inglês. Isso tem um significado particular?*

Sim. A questão das línguas e das localidades pode tornar-se muito compreensível se estudarmos alguns elementos da geografia sagrada.

No mundo interior somos seres universais. Percebi pessoalmente, por exemplo, que os deslocamentos por países e a utilização de línguas diferentes são portadores de sentidos muito precisos. Ir em direção ao Oriente Médio, nesse sentido, pode significar dirigir-se ao oriente médio do próprio ser, ou seja, ao coração, onde se efetua o contato angélico. Não é por acaso que lá se encontra Jerusalém. Por outro lado, viajar ao Extremo Oriente poderá significar o lugar mais extremo que se pode alcançar em terra firme, ou seja, chegar aos confins em nosso ser, onde surge a luz e podemos contatar, portanto, forças arcangélicas.

Na Europa há muitos locais simbólicos e interessantes. Na Suíça, por exemplo, atravessei um lago que se chama *Léman*, que, em francês falado, significa o *amante*. Na Alemanha fala-se a língua *germânica*, palavra muito próxima de *gérmen* e que pode ser associada à noção do duplo. A Rússia, e mais especificamente a sigla *URSS*, em francês significa *urso*, não sendo casual tratar-se de um país do norte, símbolo da estrela Polar e da Grande Ursa. A Inglaterra, *Anglaterra* no francês é a *terra dos ângulos*, isto é, *dos anjos* e a língua inglesa, simbolicamente, pode ser uma forma de representar a *língua angélica*.

Os Estados Unidos compõem um símbolo ambivalente, pois seu nome indica unificação, mas ao mesmo tempo a terra do oeste. Não é por acaso que os árabes e os muçulmanos consideram esse país como a terra do demônio, pois foi pelo oeste que o homem foi banido do Éden. Trata-se, para eles, da terra do exílio e da queda; portanto, do diabo. Pode-

mos interpretar, também, como sendo a terra da unificação e da oportunidade de agrupamento dos múltiplos estados do ser. A viagem de um europeu na direção ao sul leva-o à África, terra das pessoas negras que, em seu contexto sócio-cultural, pode significar uma relação com a sombra. Tudo isso, obviamente, deve ser compreendido e vivido no mundo interior.

A: *E o Brasil?*

Num certo nível, creio que o Brasil tem o mesmo símbolo dos Estados Unidos. Representa o Novo Mundo, no qual a matriz do germe futuro está se tornando evidente em sua dupla face. É, ao mesmo tempo, terra do exílio e terra da possível salvação, sob a condição de arregaçarmos as mangas e nos propiciarmos os meios de trabalhar. Existe, aqui também, a possibilidade de semear o germe do futuro.

Há uma relação estreita entre a Europa, os Estados Unidos e o Brasil. É como se a Europa fosse um velho que deve revitalizar-se transmitindo seus conhecimentos à jovem criança. Mas, nesse símbolo geral, há uma diferença entre a América do Norte e a América do Sul, pois o norte e o sul, do ponto de vista simbólico, desempenham funções muito diferentes. Nesse sentido, caberá à América do Norte uma dinâmica masculina e, à América do Sul, uma feminina.

É muito importante compreender o sentido dessa polaridade, pois, paradoxalmente, mesmo na iniciação masculina, é necessária a passagem pelo feminino. As iniciações de Percival, na Cavalaria, principiam pela busca do feminino. Ele vai em busca da mãe ou da dama e, apenas quando essa etapa é cumprida, ocorre a abertura para o arquétipo masculino. Os taoístas indicam claramente esse mesmo princípio.

Entre a América do Norte e a do Sul encontramos essa mesma relação entre o masculino e o feminino. Aparentemente o homem é o mais forte, mas a mulher é a guardiã do fogo, da verticalidade e dos valores do ser. Creio que eu não poderia ensinar nos Estados Unidos.

7. Interpretações em Grupo

Podemos agora interpretar juntos alguns sonhos, tendo em vista os pontos de apoio até agora propostos.

Relato 8: O sonho do cavalo bebê

Narrador: *O sonho que vou relatar, ocorreu alguns meses após o trabalho que o Patrick realizou sobre o Apocalipse, em 1991. Foi um sonho muito vivo e eu o escrevi tal como dele me recordava, sem tentar interpretar. Ele ficou gravado em mim como um quadro. Sempre me lembro dele, mas não o compreendo.*

Estou do lado de fora e tenho um encontro marcado. A paisagem é de montanhas de areia branca, com palmeiras do lado esquerdo. Espero esse encontro numa casa pequena, acolhedora e sem móveis, próxima a esse morro menor do lado esquerdo. Dirijo-me a esse lugar e espero. Não sei o que irá acontecer. Quando a noite começa a cair, vou em direção à base da montanha branca e, do lado direito, surge um homem a cavalo, com chapéu e uma calça de cuja cor não me lembro e uma camisa verde de mangas bufantes. Ele me entrega um cavalo bebê branco com crina e rabo ruivos. Eu sento na areia e fico totalmente enternecida com o cavalo. Olho e vejo principalmente o nariz e a boca que aparecem embaixo do pêlo branco. Ele é como uma pessoa ruiva, todo sardento. Para mim, ele e um bebê são a mesma coisa.

Assim termina o sonho. Apesar de muito bonito, nunca o compreendi.

Antes de tudo, é necessário fazer um quadro com todos os dados. Inicialmente, quando escuto um sonho e o sonho é sempre uma história, tento compreendê-lo em sua totalidade e não apenas nos seus detalhes. Ele tem um princípio, um meio e um fim. Nesse sonho são colocadas algumas cenas

como, por exemplo, a casa vazia, o cavaleiro de verde, o cavalo branco de crina ruiva, uma montanha de areia como se fosse uma duna num deserto. Certo?

Narrador: *Não associei o cenário a uma duna; parece mais uma montanha grande e branca, bem à minha frente.*

Devemos anotar os pontos relatados sem procurar compreendê-los. Em seguida, pedimos à pessoa para retomar o sonho e trabalhá-lo, segmento por segmento, anotando outros pontos particulares. É muito importante questionar sem tentar encontrar respostas imediatas. Se esse trabalho for bem feito, aparecerão mais detalhes e elementos, porque uma coisa é ter a visão e outra, descrevê-la. Começamos a perguntar sobre pontos que podem esclarecer dúvidas e nunca devemos nos apressar em formar uma opinião. Não precisamos temer o estado de ignorância, pois o outro, assim como nós mesmos, é sempre um mistério. Quando aceitamos essa ignorância e confiamos, num determinado momento, algo irá expressar-se. Deixamos que as imagens nos impressionem, até que, de repente, os dois registros – o da análise e o da intuição, o da inteligência e o da emoção, o da parte e o do todo – possam funcionar. Nesse momento estaremos na relatividade e nas inter-relações.

Vamos agora retomar o sonho por setores. Relate de novo duas ou três frases e cada um tentará entender o melhor possível o enunciado. À medida que formos esclarecendo cada parte, avance um pouco mais, até terminar o sonho.

Narrador: *Como escrevi esse sonho, vou relê-lo.*

Primeiro abre a paisagem e eu estou fora.

B: *O que quer dizer estar fora?*

Narrador: *É como se eu estivesse vendo uma tela do lado de fora. A primeira coisa que vejo, é a casa onde terei o encontro. É pequena, de madeira, janelinhas abertas e ao pé de uma colina pequena. A paisagem à frente é ampla, montanhas altas, brancas; lembro-me de ter estranhado a montanha branca, mas não sei se foi uma interpretação acordada ou se a estranhei no sonho. À esquerda, um pouco abaixo da casa, havia algumas palmeiras grandes. Eu espero, pois sei que*

terei um encontro nessa casa. Quando adentro a casa, constato que não tem móveis, mas tenho o sentimento de estar num local muito acolhedor.

Façam perguntas.

C: *Como estava o céu?*

Narrador: *Não sei responder, só sei que, quando o homem chega, é noite.*

D: *Você sabe com quem vai se encontrar?*

Narrador: *Não, só o vejo quando ele chega.*

E: *Essa paisagem lembra algo que você conhece?*

Narrador: *Não, creio que são montanhas muito altas para serem dunas.*

F: *Mas as dunas no Ceará são muito altas. E lá também há palmeiras e casas de praia pequeninas.*

G: *Você não estranha que a casa não tem móveis?*

Narrador: *Não estranho nada no sonho; não sei o que irá acontecer, mas estou sem ansiedade.*

H: *Uma casa vazia aconchegante é estranho. E quantas palmeiras existem?*

Narrador: *: Não me lembro.*

B: *Você disse que havia três montanhas; e quantas janelas?*

Narrador: *Deixe-me ver, a porta e a escadinha, vejo três janelas.*

C: *Quando o homem chega você está dentro da casa ou fora, olhando-a?*

Narrador: *Estou esperando na casa, mas não me lembro se estava dentro; só sei que tinha que esperar naquele local. O encontro se daria lá.*

D: *De que cor era a casa?*

Narrador: *Era de madeira e as tábuas tinham a cor da madeira, mas o piso e a parte de cima eram brancos.*

E: *Você se lembra da emoção que sentia?*

Narrador: *Estava muito tranqüila, esperando.*

F: *Quando você vai ao encontro, continua vendo ou está participando da cena?*

Narrador: *Estou participando, recebendo o cavalinho.*

G: *Havia mato ao redor da casa? Ela era sua?*

Narrador: *Não sei, nunca me questioneei sobre isso.*

H: *Se você não está dentro da casa, como sabe que ela está vazia?*

Narrador: *Porque eu a vejo. A porta está aberta e não há nada dentro. De repente eu estou lá dentro, mas não me lembro de tê-la visto por dentro.*

B: *Tratava-se de um lugar vazio, natural, com três montanhas áridas e a espera do encontro com o masculino cuja cor é verde. Está relacionado com a energia vital que frutifica.*

Narrador: *Mas as montanhas não eram áridas. Todo o cenário era acolhedor.*

C: *Para mim, a casinha era uma estrutura nova e acolhedora. O fato dela ter tido esse sonho após um trabalho sobre o Apocalipse, fez-me associar à aquisição de uma nova estrutura, um espaço em si, com muita possibilidade de preenchimento. Conheceu referências sólidas, uma montanha, ao pé da qual foi buscar referencial. O mensageiro vem na forma de um cavaleiro vestido de verde que, para mim, é uma cor ligada ao feminino, acolhedora. O mensageiro dá a ela um símbolo animal, mas de animalidade completamente domável, com fortes instintos, no caso a crina e a cauda vermelha. Ela percebeu que a pele do cavaleiro era semelhante à das pessoas ruivas que é sem pigmentação, e coisas despigmentadas são muito frágeis. Eis alguns elementos que me vieram.*

Vocês estão indo muito depressa. Mas, se não tiverem mais perguntas sobre essa primeira parte, podemos passar à segunda.

D: *A palmeira e as montanhas eram só paisagens ou tinham algum significado?*

Narrador: *Eram só paisagens, como uma pintura.*

D: *Pareciam paisagens porque não havia profundidade?*

Narrador: *Sim, como se eu visse tudo com o nariz grudado na tela de um vídeo game. Mas havia perspectiva porque a casa estava num outro plano.*

E: *Você falou de areia?*

Narrador: *É uma montanha de areia; a palmeira está embaixo e as montanhas são altas. Eu também estou embaixo. Visualizem aquelas casinhas simples de madeira com degraus em frente da casa.*

F: *Enfim simplicidade e humildade. Quantos degraus havia?*

Narrador: *Parece que eram quatro.*

F: *E o tempo, chovia ou fazia sol?*

Narrador: *Não sei. Sei que tem dia e noite. Eu chego de dia e o cavaleiro, à noite. Mas o importante é o cavaleiro e não o cavaleiro.*

Continue a relatar o sonho.

Narrador: *Estou esperando, não vejo o poente, mas já está escurecendo e vou para o pé da montanha. Não sei o que irá acontecer. Aparece o cavaleiro pela direita, é um homem jovem, usa chapéu e camisa verde com mangas bufantes e traz o cavaleiro bebê. Desce e me entrega o cavaleiro que é muito pequeno. Eu o seguro como a um bebê.*

Façam perguntas.

B: *Qual é a cor do cavalo que o cavaleiro monta?*

Narrador: *É branco também.*

C: *A figura do cavaleiro é grande em relação ao cavalo?*

Narrador: *Normal.*

C: *Esse cavaleiro é filho do cavalo no qual ele vem montado?*

Narrador: *Não sei esse detalhe.*

D: *Ele lhe entrega o cavaleiro e vai embora?*

Narrador: *Não vejo o retorno. Registre apenas o momento da chegada, e a próxima lembrança que tenho é a de estarmos eu e o cavaleiro no chão.*

D: *A casa também desaparece?*

Narrador: *Tudo desaparece.*

E: *E como era o chapéu?*

Narrador: *Era de couro marrom, do tipo boiadeiro.*

F: *Você avistou o cavaleiro de longe ou só o viu quando estava bem próximo?*

Narrador: O tempo no sonho é diferente, a imagem troca rápido. A cena mudou e ele chegou.

G: Vejo uma relação de cores entre a primeira parte da cena e a segunda: na primeira, havia palmeiras verdes que eram o elemento vivo da paisagem e, na segunda, o cavaleiro aparece com uma blusa verde. Na primeira parte, a casa que protege era de madeira marrom e, na segunda, o chapéu que protege o cavaleiro era marrom. Na primeira parte, as montanhas são brancas e, na segunda, o cavalo é branco. Não sei o sentido disso, mas há uma relação.

É muito certo. Foi um belo sonho, de cunho iniciático, mas falta ainda relatar o final.

Narrador: Ele me entrega o cavalinho que é muito doce, lindinho e eu fico bem próxima dele, de sua narina e boca, de sua pele, da cauda ruivinha e de sua crina brilhante. Ele está meio adormecido e, quando eu o seguro no meu braço, vejo que não há diferença entre ele e um bebezinho, como se tivesse saído da espécie humana.

B: E as manchas?

Narrador: São sardas como as de um bebê.

B: O bebê faz parte de você?

Narrador: Foi a única parte associativa do sonho. Eu me vejo pensando que o cavalinho parece um bebê. Eu estou pensando, muito espantada com a semelhança do bebê cavalo com o bebê humano.

D: Quando você fala tem um forte componente maternal. Como você está vestida?

Narrador: Eu não apareço nenhuma vez, só em espírito.

D: Não aparece nem sua mão para pegar o cavalinho?

Narrador: A mão aparece, mas estou por trás dela.

E: Eu vejo a casa como sendo a entrada num caminho interior e as palmeiras como se a vida tivesse tido um primeiro florescimento, mas ainda não estivesse integrada. O caminho já está sendo trilhado. Do interior da casa ela espera a chegada do gêmeo celeste. O pequeno cavalo branco é um corpo purificado, onde o espírito mostra o verbo encarnado. É apenas

um começo, o cavalo tem que crescer e se fortalecer para poder subir à montanha.

G: O sentido do olfato e o da degustação são muito desenvolvidos em você?

Narrador: Principalmente o olfato, pois trabalho numa perfumaria.

G: A sua descrição do cavalinho tem especial ênfase no nariz e na boca. Foi isso que a fez associá-lo a um bebê? Talvez esses sentidos especialmente desenvolvidos sejam para você uma porta aberta para as impressões interiores.

N: Parece-me que na primeira parte havia um feminino com vontade de receber e integrar um masculino vivo e protetor. Um masculino que gerasse em você uma nova pureza, pois era branco, mas com vida, porque a crina e a cauda eram cor de sangue. O fato de estar plena tinha muito sentido para o seu ser depois dessa integração.

H: A presença dos mundos mineral, vegetal e animal e também o cavalinho bebê que representava a humanidade, é a possibilidade de integração de si com esses reinos?

D: É isso que me faz desconfiar tratar-se de um sonho iniciático com abertura para o mundo celeste. As imagens de um bebê branquinho, cheio de amor, o elemento noite, quando não havia luz, são pistas de contato com o mundo celeste.

Muito precisos esses comentários. Tudo o que foi dito é interessante. Darei agora alguns detalhes iniciais e depois interpretaremos de forma conjunta.

É significativo o detalhe dos quatro degraus da casa. Se o compararmos com a Árvore das Sefiroth teremos algumas indicações para os quatro níveis de casas. Na Cabala, cada sefirah corresponde a um arquétipo, que pode ser aplicado a uma descrição sucinta dos diferentes tipos de moradas. Tais descrições deverão, evidentemente, ser adaptadas à imagem interior de cada um. A casa de Malkhut, o Reino, é o corpo. A casa de Yesod, a Lua, tem uma cor um pouco cinza. A casa, ou castelo de Hod, Mercúrio, em geral é representada por um ambiente interior, como, por exemplo, uma biblioteca, museu, lugares de encontros com pessoas que detenham conhe-

cimentos; em todo o caso, trata-se de encontros baseados na memória. A casa de Netzah, Vênus, tem a relação constante com a madeira e a árvore; pode ser uma casa de madeira ou construída na árvore, mas sempre com uma forte conotação com o reino vegetal. A casa de Tifereth, Sol, é o arquétipo do grande castelo, como, por exemplo, o de Versailles, ou seja, uma habitação muito grande, rodeada de jardins e bosques, com amplas janelas, que descortinam lindas e luxuosas paisagens. A casa de Geburah, Marte, é um castelo fortificado, com altas muralhas, que sempre lembram um ambiente de guerra; são forças e energias densificadas. A casa de Hesed, Júpiter, a sefirah dos mestres, dos sábios e da sacerdotisa é representada freqüentemente por templos antigos, igrejas, catedrais, lugares de culto. A casa de Binah, Saturno, a última sefirah portadora de imagem, é representada por uma casa no topo da montanha, uma gruta, caverna ou lugar desértico onde há solidão. Eis algumas imagens, que indicam o nível energético associado à representação das casas.

Nesse sonho, a casa era de madeira, tinha quatro degraus e se situava à esquerda, que é o lado do coração. Pelo ambiente descrito, tratava-se do nível de Netzah, que corresponde ao centro cardíaco. Era um sonho que trazia muitos elementos do novo. A casa estava vazia, sem móveis e, mesmo sendo acolhedora, não era habitada. O cavalinho bebê era novo; há, portanto, um nascimento da consciência do coração. Há também uma espécie de promessa no plano existencial representado pelas palmeiras. Vocês deveriam ter perguntado o que a palmeira significa para ela.

Nos dicionários de símbolos, podemos encontrar a palmeira associada à festa de Ramos do cristianismo, que é a anunciação do novo. A palmeira é uma das representações da Árvore da Vida. É a árvore verde do deserto, local em que a morte predomina. Em geral o sonho tem esse contexto de deserto. O deserto, como todo espaço novo, não é habitado e sempre está ligado a uma travessia. Não se tem acesso a um castelo, a uma nova consciência sem passar pelo deserto, sem ultrapassar as provas. O fato de a casa não estar mo-

biliada no sonho, leva à procura de móveis, ou seja, do brasão. Tecnicamente falando, mobiliário nosso brasão significa encontrar as forças distintas que nos habitam. Essa casa do coração está vazia num duplo sentido: vazia, mas com múltiplas possibilidades de arranjo e vazia no sentido da busca para saber quem ela é.

Nesse sonho há um contato autêntico com o centro cardíaco, chave de conexão com o gêmeo celeste. A presença da montanha é uma confirmação disso, pois os contatos fazem-se sempre numa montanha, como, por exemplo, o monte Tabor, o monte Sinai etc. Aqui não é ela que sobe a montanha, mas o anjo que a desce. Esse anjo do sonho não tem raízes terrestres, pois a parte de baixo de suas roupas não é visível, só se reconhece a sua camisa de cor verde, que simboliza o homem regenerado. O mito de Jacó e Esaú é similar ao arquétipo desse sonho, ou seja, a relação entre o homem verde e o vermelho.

Outro elemento interessante que simboliza o contato com o anjo nesse sonho, é o encontro que sempre ocorre numa interface, ou seja, em ambientes de passagem entre a luz e as trevas, a aurora e o crepúsculo. O primeiro contato que Jacó teve com o Anjo, por exemplo, acontece junto à escada, à noite, quando ele adormece sobre uma pedra. O segundo ocorre quando Jacó combate com o anjo, junto ao vau do rio Jaboc, até surgir a aurora. O combate cessa quando o sol se levanta e, à luz do dia, Jacó atravessa o vau. Essa travessia simboliza a passagem do véu. Trata-se do prenúncio de um contato real com o Mundo celeste.

No sonho, até o momento, é o anjo que desce a montanha em direção a ela, mas sob a suposição de que ela deverá subi-la para encontrá-lo posteriormente. É mostrado a ela sua possibilidade de renovação. Seu objetivo é tornar-se semelhante ao guia, ao anjo.

Sem nada pressupor, há um detalhe interessante nos cavalos. O cavalo do anjo era inteiramente branco e o que foi oferecido a ela era branco, mas com cauda e crina vermelhas, ou seja, com traços adâmicos. Adão é o homem vermelho,

que ainda não se tornou branco, dando a entender que a oferta no sonho traz o pedido de branqueamento de algo que ainda não se encontra inteiramente purificado. Trata-se de uma possível purificação da sexualidade. Somente assim será possível passar para o outro lado. Ao mesmo tempo, já é visível a emergência da verdadeira face humana. Sob a força animal, sob o homem ruivo, aparece o rosto da criança, representação do anjo, da humanidade celeste. Há, portanto, o imperativo da transformação. O simbolismo sexual está ligado ao cavalo em si. O cavalo é um animal ctoniano¹⁴, símbolo das forças que vêm de baixo, ligadas à energia vital e sexual-animal. O cavalo deve ser dominado pelo cavaleiro, ou seja, trata-se de uma força que deve ser dirigida para onde queremos que vá, e não para onde ela quer ir.

Esse sonho representa uma bela promessa de passagem e, ao mesmo tempo, uma indicação para prosseguir num trabalho que está por ser realizado.

B: *Você disse que o ponto central desse sonho é a transformação da sexualidade. A maioria das interpretações de sonhos acabam aí. Gostaria de que a sua interpretação começasse por aí.*

Está aí uma boa pergunta: por que todas as explicações terminam aí? Não se trata de uma obsessão, mas, do grande mistério que existe na sexualidade. Não é por acaso que é considerada tabu, isto é, sagrada. O que é a sexualidade? Não podemos dissociá-la da fecundação, que também é um estranho mistério. Como a partir de um espermatozóide e de um óvulo pode-se engendrar um novo ser? Mas isso faz parte do mistério do homem terrestre e, se a origem dele é essa, terá que voltar a ela para poder passar ao outro lado.

Não é surpreendente que esse sonho se situe na parte mais elevada do mundo intermediário; portanto, é a última coisa a ser ajustada antes de se ter acesso ao mundo da luz. É este o verdadeiro problema do homem ruivo e de sua origem. Será necessário vencer a sexualidade, pois, ven-

¹⁴ Ctoniano, do grego *Khtonios*, refere-se às divindades infernais, de origem subterrânea. (N. revisores)

cendo-a, tornamo-nos vencedores da vida e da morte e, talvez um dia, encontremos o anjo da morte que cavalgará ao nosso lado e nos revelará seus mistérios.

B: *Como não se trata de renegar esse lado, qual será então nosso trabalho para dominá-lo?*

Não se trata de renegá-lo, nem de nos tornarmos prisioneiros dele. Em todas as sociedades tradicionais existem práticas relacionadas à energia sexual. Atualmente fala-se muito das práticas tântricas, mas, ao contrário do que parece, não são práticas de consumação, mas de ascese, de controle da energia sexual. Tornam-se de consumação quando são desviadas e mal compreendidas. Existe, evidentemente, todo o tipo de propostas e de equívocos. São organizados *workshops* onde todos ficam nus e o mestre fará amor com todas as mulheres que terão “iluminações incríveis”, será “maravilhoso”. Mas, na verdade, é exatamente o inverso disso que deve acontecer, porque as práticas de controle de ejaculação para o homem significam a capacidade de não ser mais seduzido pelas aparências. E, para as mulheres, existiam práticas para oferecer seu corpo, podendo até mesmo chegar a um tipo de prostituição sagrada, prática comum nos templos e iniciações femininas de antigamente. Isso significava aceitar ter relações com peregrinos desconhecidos, fossem moços ou velhos, belos ou feios etc.

D: *É verdade que as mulheres não podiam ter, mas apenas dar, orgasmo aos homens?*

Havia coisas desse tipo, mas é preciso compreender isso tudo dentro do contexto praticado. Sob uma visão atual isso pode parecer completamente sádico ou deformado, e ser interpretado como a autoridade do homem aprisionando a mulher. O objetivo dessas práticas era o de controlar a energia sexual, de ir ao mundo e poder ver coisas belas e consumíveis, seja na alimentação ou na sexualidade, permanecendo livre, a serviço do plano celeste. O verdadeiro amor tanto para o homem como para a mulher é encontrado no interior de si próprios, nunca no exterior.

O intuito é o de não se perder no exterior. As tradições oferecem técnicas que permitem ao ser não se identificar com o prazer, o objeto, o gozo e, portanto, com a ilusão. É preciso aceitar vivê-las. O que está para ser encontrado no outro não é a sua forma e aparência exterior, ou seja, se for belo e sedutor, faremos amor, mas, se for menos sedutor ou mais gordo, jogaremos no lixo. É curioso que foi justamente você quem colocou a questão sobre os órgãos dos sentidos. Trata-se, porém, de ver com os órgãos sutis a beleza interior do ser e testemunhá-la. Tudo isso deve ser aprendido e dominado. É a única maneira de nos tornarmos livres.

Antigamente todas essas práticas estavam associadas ao trabalho iniciático. Com a chegada do cristianismo, foram sendo postas de lado, pois a visão cristã é a da recusa pura e simples da sexualidade. Isso numa vocação sacerdotal é perfeitamente compreensível, pois o ser que atinge o nível do sacerdócio não tem mais a necessidade do outro ou da sexualidade para se revelar, pois tocou o masculino e o feminino em si próprio e encontrou um certo nível de androginia. O celibato num sacerdócio real é compreensível. O perigo está em outro campo: ao querer suprimir a sexualidade, cria-se recalques. Todas as energias recalçadas se transformam em sombras que retornam à vida cotidiana sob diferentes formas destrutivas.

O domínio da sexualidade deve ser gradual, com exceção de alguns casos excepcionais, que já vêm de um caminho interior consistente e já atingiram as qualidades do sacerdócio.

H: *O que significa sonhar com um determinado tipo de moradia?*

As casas são representações das camadas astrais dos diferentes chacras. Há diferentes paisagens em nós e não somos obrigados a ficar numa única paisagem.

Seria interessante olhar as efemérides e ver o que acontece no dia em que temos, por exemplo, um sonho com os atributos de Vênus. Verificar onde se situava Vênus naquele dia, seja em relação ao nosso tema de nascimento ou à casa

lunar em que esse planeta se encontrava no momento do sonho. Todas essas energias circulam dentro de nós e, num dado momento, teremos um determinado olhar de um certo nível e, noutro, um novo olhar, num outro nível. Integramos progressivamente um amplo conjunto de coisas. Mas a dinâmica geral está centrada num lugar, num chacra particular, onde nos encontramos.

No sonho que acabamos de ver, por exemplo, a pessoa encontra-se situada no centro cardíaco, não apenas como uma visita momentânea, mas com uma tônica que poderá durar dois, três, quatro ou cinco anos, mesmo se, durante esse tempo, ela visitar outros castelos ou casas.

Relato 9: O sonho do bebê sem ossos

Narrador: *Fiquei um longo tempo sem sonhar e, apesar de querer muito, nada acontecia. No entanto, na noite passada tive um sonho muito curto e bobo, mas que deixou uma forte impressão. O sonho teve três momentos diferentes.*

Olhei para uma folha de papel que tinha o número vinte bem grande como se fosse escrito no computador. A folha tinha furos para ser arquivada e, cada vez que eu a olhava, era uma outra folha com o mesmo número, embora a folha anterior continuasse lá.

Achei isso muito esquisito e fiquei com esse número na memória. Em seguida o sonho continuou com minha filha que está esperando nenê.

O nenê já tinha nascido e ela continuava grávida. O nenê que ia nascer estava em ordem, era normal, e o que já tinha nascido, sem osso algum, com a forma de um grande peixe, mas continha muita vida. Peguei o nenê sem osso, o outro continuava na barriga, e me perguntei o que é isso? Qual é o nenê, é o sem osso ou é o outro? Senti que eram os dois. Peguei então o nenê sem osso e ele ficou contente. Tentei remodelar essa massa e ia levar o nenê para o meu genro, mas, quando me aproximei, ele já o carregava, sem saber, porém, que o nenê não tinha osso. Eu percebi que ele devia sentir que o nenê não

tinha osso, mas não pronunciávamos nenhuma palavra. Ele também não compreendia nada porque sua mulher continuava grávida e o outro nenê já estava lá. O nenê estranho continuou a ser amado, mesmo depois de estarmos conscientes de que ele não tinha osso.

Tudo isso se passou muito rápido, com um terceiro momento.

Eu estava num lugar dos Estados Unidos com minha outra filha e tínhamos que alugar dois quartos. Eu estava alugando um quarto vazio parecido com um balcão de hotel, e ela, um outro, num outro estado dos Estados Unidos. Nesse momento a visão do sonho anterior estava presente nesse sonho, o número vinte, a visão do bebê, a outra filha grávida, todos os momentos como se houvesse uma superposição de imagens. Eu sabia que estava sonhando e pensei “não estou entendendo nada desse sonho e vou deixar assim como está”.

A última imagem que me veio foi o número vinte e, em seguida, acordei.

A: *No Tarô, o arcano XX é o Julgamento. A letra do alfabeto hebraico associada ao número vinte é Quoph.*

É possível fazer um jogo de palavras, em português, com o número vinte?

B: *Pode-se dizer: “Eu vim te...”*

A criança sem ossos é uma interessante ilustração prática do que estávamos discutindo. Diferentes imagens se superpõem com o número vinte, ou seja, são sempre as mesmas histórias que se vão passar aqui ou nos Estados Unidos. Trata-se de superposições da mesma coisa em diferentes planos. Há uma criança que está aqui e lá, um quarto que está aqui e lá, numa seqüência de superposições, o que, aliás, corresponde ao número vinte.

Vinte no jogo de palavras também é interessante. Significa vir para. Na embriogênese há diferentes fases de encarnação do ser. Algumas coisas se encarnam no começo da fecundação, outras, mais tarde e outras, após o nascimento e até bem mais tarde. Certas coisas se passam no sexto mês, bem próximo ao sétimo, justamente pouco antes de a criança

tornar-se viável para nascer. Parece que houve uma enunciação da entidade dessa encarnação, o que aliás está bem simbolizado na descrição da criança com a imagem exterior que também está no interior do ventre. Em que mês de gravidez está sua filha?

Narrador: *Precisamente no sexto mês.*

A criança, na sua descrição, parece a imagem de um fantasma: é branca, sem osso, ainda não estruturada no nível da matéria. Não é uma criança matéria, é uma criança luz.

Narrador: *No sonho pensei mesmo que fosse um fantasma. Pensei: “Esse bebê que está aqui talvez seja um fantasma”.*

De uma maneira bem autêntica, você teve nesse sonho uma explicação do processo de encarnação do ser. Quando a explicação é muito linear e lógica, podemos desconfiar. Mas, por outro lado, isso exige uma compreensão global. É como se o número vinte, ao se sobrepor em diferentes folhas de papéis, indicasse a sobreposição de diferentes mundos. Trata-se sempre, no entanto, das mesmas pessoas vistas de diferentes folhas. Essa idéia fundamental de dualidade encontra-se representada pelo número vinte, que se torna dois, por redução simbólica. Isso quer dizer que, ao mesmo tempo, a entidade corporal e o ser sutil celeste vêm habitar o corpo desta criança. Isso também estava expresso na história dos Estados Unidos, que defini há pouco como sendo a multiplicidade que deve ser reunificada. São dois quartos, duas moradias que se situam em estados diferentes, ou melhor, em diferentes estados de ser. Na revelação que você recebeu sobre o mistério da encarnação, foi-lhe mostrado que o ser corporal, de certa forma, não é a verdadeira criança, mas apenas o carro e não o condutor.

C: *O bebê vai nascer no signo de Peixes, signo com dois peixes, cada um com a cabeça de um lado; signo dual, que precisa ser unificado para cumprir sua missão, é muito pouco material, tem pouco osso. Ela mencionou que essa entidade parecia um peixe.*

B: *É provável que o bebê tenha sido concebido no signo de Gêmeos.*

Narrador: *Você disse que o sonho tem sempre que ver com a gente, mas esse sonho tem mais que ver com uma compreensão sobre a vida, que não é propriamente a minha.*

Mesmo que aparentemente estejamos falando de outro, manifesta-se uma vocação universal. O sonho com o pai morto, por exemplo, que vimos no Relato 7, também falava da pessoa que sonhou e do ensinamento particular que se passou através dela, incluindo um certo número de questionamentos conscientes ou inconscientes ligados à morte, ao pai e a ela. Da mesma forma pode haver questionamentos conscientes ou inconscientes sobre a maternidade, a vida, a gestação, e assim por diante. O mais importante a compreender é que esse tipo de sonho, em geral, está interdito.

O sonho com o cavalinho bebê foi um sonho iniciático, mas esse que acabamos de ver ou o do pai morto, ou ainda aquele com o alerta sobre o selênio e o titânio, são sonhos que falam do outro lado do véu, portanto, de algum modo são sonhos proféticos. Normalmente, não temos acesso a esses níveis.

Narrador: *Acabo de compreender algo muito importante agora. Quando temos a oportunidade de entender o sonho, sentimos mais do que um alívio: é uma paz e uma circulação. O estado no qual me encontro agora é totalmente diferente do que aquele em que estava há pouco.*

Uma explicação, mesmo não sendo completa, é sempre interessante e “positiva”. Ocorre um fenômeno de iluminação. Antes estávamos numa espécie de véu de ignorância e, de repente, há uma abertura e vemos, mesmo que essa maneira de ver seja implícita.

Em geral, os sonhos relatados aqui foram de um nível e de uma qualidade incomuns. Isso significa que, enquanto grupo, há uma luz espiritual muito ativa e presente. Acredito que vocês tenham muito o que trabalhar juntos, para obter respostas e compreensões. Como todos sabemos, a união faz a força.

Relato 10: O sonho da escada

Narrador: *Tenho um sonho que me acompanha há mais de cinco anos e se repete várias vezes ao ano, embora não tenha ocorrido nos últimos oito meses. Nunca consigo lembrar o que acontece antes e depois, apenas fixo a seguinte cena:*

Estou descendo uma escada de madeira e, ao meu lado, tudo é branco, não há nada. Faltam alguns degraus, não sei quantos, e eu caio. Mas a pessoa não sou eu, não consigo ver sua forma ou sua roupa.

Acordo sempre nesse ponto, porque me debato e chuto a cama. Estou fora como se tivesse um olho, uma imagem sem forma, mas sei que sou eu. Também sei que faltam poucos degraus para chegar não sei aonde.

B: *É dia ou noite?*

Narrador: *É noite, mas tem um superbrilho. Eu tropeço mas não é porque não vejo; a luz é mais do que suficiente.*

C: *Você está calma?*

Narrador: *Sim, mas quando caio me agito muito e acordo.*

D: *Você cai para frente ou de costas?*

Narrador: *Não sei, só consigo ver alguns degraus, não enxergo nada além do que dois ou três degraus acima, apesar do meu olhar estar em cima. Estou de costas e meu olhar está atrás. Estou descendo, mas não sei quanto desci e nem o que vou fazer. A escada é sempre a mesma, inteira de madeira. É noite e há uma superluz, um brilho. Enquanto desço estou bem calma. Tenho a sensação de que tento segurar-me em algo, mas não existe nada, não tem corrimão, é livre.*

O que vocês pensam disso?

B: *Que ela andou vendo muitas gravuras de Escher.*

C: *Que a escada está no ar e cada degrau se apresenta quando ela desce.*

Qual é a sua idade?

Narrador: *Vinte e sete anos.*

D: *Ela se chama Cláudia e o sonho tem que ver com claudicante.*

N: *Mas poderia mudar o nome para Jacobina...*

Não precisa mudar, pois, num certo sentido, todos os iniciados são mancos, claudicantes, em razão do ferimento que recebem na coxa. Mas percebam o quanto esse sonho tem uma lógica surpreendente com relação ao sonho do bebê sem osso.

F: Claro, sonhamos em grupo...(risos)

G: Normalmente associa-se a descida a alguma coisa ruim, mas aqui não é o que acontece. Estava claro, ela tranqüila, dando a impressão de que experimentava algo novo na direção para baixo. Talvez estivesse entrando em contato com planos mais baixos de si e tropeçou.

C: Quando você falou da complementaridade desse sonho com o do bebê sem osso, veio-me que o bebê não tinha estrutura e a escada lembra-me muito uma coluna vertebral, justamente a parte mais ossificada do corpo. E, por faltar alguns degraus, é como se algo estivesse sendo estruturado, mas não estivesse completo.

Sim, está bem visto.

Narrador: O mais estranho é que esse sonho se repete com muita frequência.

F: Você se assusta quando cai?

Narrador: Sim.

F: Você cai por muito tempo?

Narrador: Não sei, tenho a tendência de me segurar e é uma reação tão forte que chuto a cama e acordo com dor e com manchas roxas, mas nunca vejo a queda.

P: Onde você cai?

Narrador: Num buraco de luz, porque apesar de ser noite, há uma claridade que não cega; parece um buraco fundo.

Onde você cai? Tente responder sem pensar. Sobre o quê ou sobre quem você cai?

Narrador: Acho que caio no começo da escada.

Portanto você cai no lugar para o qual se dirige, ou seja, você cai sobre si mesma. A imagem da escada é a mesma da escada móvel associada ao mito de Jacó. E nesse mito o que acontece, o que ele vê?

B: Os anjos que sobem e descem, tocando trombetas.

Quem sabe talvez ela seja um anjo que desce, mas que parece cair. É muito interessante lembrarmos que existem ciclos setenários de encarnação. A escada não está completa embaixo, faltando alguns degraus. E qual seria a graça para o anjo se faltasse a parte de baixo. Pode-se dizer que para ela talvez falte o alto e que ela se encontra no processo de construir seus próprios degraus. O nível angélico dela própria está descendo, o que nunca é fácil e agradável para esse nível e, talvez por isso, surja a imagem da queda. Mas também não é uma descida dramática, porque o anjo não está inquieto. Como foi mencionado, o mais inquietante é o “depois”. Significa, portanto, que uma parte do nível angélico dela mesma encarna-se num ciclo setenário particular. Os sonhos começaram aproximadamente aos vinte e dois anos e poderão estender-se até os vinte e sete. Parece que a escada será concluída entre o terceiro e quarto setenário. Falta ser construído o número quatro, que corresponde à parte final da descida para a matéria. Ela está completando sua encarnação e começando a ter os pés sobre a terra. Isso poderá revelar-se claramente no próximo ciclo, que irá dos vinte e oito aos trinta e cinco anos.

Fica agora evidente a semelhança com o sonho precedente, visto que lá mencionávamos a encarnação, na vida embrionária, de uma figura arquetípica e sem forma. O que se encarna nesse último sonho é ela mesma, no sentido de uma individualidade. Há uma espécie de identificação consigo mesma e, ao mesmo tempo, não é ela, pois está se vendo numa imagem, num espelho. E, nesse fato, há algo interessante a ser compreendido.

Narrador: Quando estou descendo, é como se tivesse um só olho nas costas, pois vejo a imagem apenas de costas. Sei que a forma é diferente e creio que é por isso que não viro para cima.

É a consciência espiritual que olha. A imagem do anjo é, portanto, uma espécie de hipóstase, uma parte dessa mesma consciência que vai em direção à encarnação. Essa parte, que

é você mesma, cai no chão e o chão também é o seu corpo. Isso tem a função de acordá-la, o que é muito interessante.

Relato 11: O sonho do lhama

Narrador: Trata-se de um sonho antigo, ocorrido em 1977.

Sonhei que estava em Campos do Jordão com meu marido e amigos, numa casa que costumo freqüentar. Por volta das dezessete horas eu e meu marido fomos ver o fim de tarde. Era uma paisagem que eu nunca havia visto, bem diferente da real. Havia duas cercas vivas de cedrinho que separavam dois espaços. A parte interior era como um campo de futebol gramado, mas redondo e rodeado de ciprestes. Tinha apenas duas entradas, uma por onde estávamos caminhando e a outra bem mais aberta ao longe. Fomos nos aproximando e uma amiga, que vinha junto, parou antes de entrar no campo. Quando entramos, meu marido ficou perto da cerca. A tarde começou a cair e a sombreadar.

Quando escureceu entrou um cavalo preto. Aliás pensei que fosse um cavalo e me aproximei dele. Meu marido ficou um pouco assustado e me disse: “Não vá”. Mas fui porque senti uma alegria e um prazer muito grande. Quando cheguei bem perto, vi que não era um cavalo, mas um lhama. Ele aproximou-se e depois saiu correndo, galopando e foi embora. Dirigiu-se para a entrada e parou. Entrou, então, outro lhama inteiramente branco. Ele aproximou-se meio amedrontado, parou a uma certa distância e fez um movimento como se fosse botar um ovo. Era uma geléia, uma bola transparente com um pequeno lhama dentro. Em seguida, ele se dirigiu à passagem, uniu-se ao lhama preto; ambos sacudiram a cabeça e partiram. Eu fui correndo pegar essa bola e meu marido gritou: “Não pega”. Mas não agüentei, senti um fascínio e peguei. Eu disse: “Quero isso para mim”. Ele disse: “Não, deixe isso aí”. Carreguei em direção a casa e minha amiga, que tinha ficado distante, veio olhar.

Dirigimo-nos os três para dentro com o pequeno lhama. Lá encontramos muitos amigos sentados numa sala luxuosa e

eles me olharam como se eu fosse louca. Peguei o pequeno lhama e me dirigi para o quarto juntamente com minha amiga e meu marido. Olhei para aquele pequeno lhama e desejei muito que ele fosse meu filho. De repente a geléia começou a dissolver-se e o lhama nasceu e começou a transformar-se num menino com óculos. Meu marido dizia-me: “Que coisa perigosa para os outros, porque esse menino sabe tudo e vai incomodar muito”.

Um ano depois tive um filho. Até então pensara que fosse estéril, pois estava casada há muitos anos e não tinha engravidado.

E que fim teve seu marido?

Narrador: *Até hoje ele é meu marido, num certo sentido, embora há quatro ou cinco anos não moramos mais juntos. Ele é meu cúmplice de vida e muito ligado ao filho. Quando durmo fora de casa, o que ocorre freqüentemente, ele dorme com o filho na minha casa. Mesmo quando estou lá, ele aparece para tomar café da manhã. Mas meu filho nasceu, cresceu, não usa óculos e é um adolescente que toca rock. Esse sonho me emociona até hoje quando me lembro dele.*

C: *Por que um lhama?*

Narrador: *Não sei.*

É um sonho com muitos níveis, que poderia ser interpretado inicialmente no nível existencial de sua relação com o marido. Não estou nada surpreso que vocês se tenham separado. Num segundo nível, há o símbolo do cavalo, ligado à energia vital, sexual e também à fecundação. Um terceiro nível seria o aspecto iniciático. Qual interpretação você deseja?

Narrador: *No nível iniciático, pois os outros eu já pesquisei.*

O sonho a toca até hoje devido a esse nível, pois a história do marido já está encaminhada e o nível vital e sexual encontra-se coligado ao nível iniciático.

B: *A primeira coisa que me impressionou foi quando ela disse lhama, a cara dela parece de lhama... Sempre que olho para uma pessoa procuro ver que animal tem por trás.*

C: *Vejo muita semelhança desse sonho com o do cavalinho bebê. O campo de futebol redondo, cercado, com duas entradas, uma embaixo, outra em cima, lembra para mim o mundo intermediário de Yetzirah. Ela encontra o cavalo negro que é o corpo de trevas. Ela avança e os outros ficam. Algumas tendências tentam retê-la, mas ela avança no campo de futebol que é um jogo entre dois times. O cavalo negro seria o lado trevas e o lhama branco seria o anjo, o time de luz. Quando ela se aproxima, nota que o cavalo preto é um lhama como se houvesse atrás das trevas outra coisa. Aí chega o lhama branco que deposita algo que lhe pertence. Pega esse tesouro e volta apesar dos desencorajamentos do marido.*

Sempre há uma oposição. E isso se repete quando entra na casa e as pessoas dizem que ela é louca. Em seguida, ela toca níveis superiores de luz, ou seja, o filho começa a crescer e ele vê com outros olhos, tem óculos. As forças de oposição continuam a dizer que o filho é perigoso, pois sabe muito, o que me lembra que a ascensão aos níveis superiores continua acontecendo, pois ele é o filho do combate entre a luz e as trevas, mas é filho da luz.

O filho usa óculos, no sonho, caso contrário seria perigoso, ou porque a intensidade da luz do sol poderia ofuscá-lo, ou talvez porque, sendo luz, poderia ofuscar-nos. Quanto ao campo de futebol, é uma imagem interessante, sendo, porém, incomum a forma circular. O círculo simboliza contatos com o mundo de Briah, com o arquétipo de luz. Os ciprestes, por serem árvores de cemitério, indicam uma passagem pela morte. Trata-se de uma árvore saturnina, símbolo do poder. No mito de Esculápio, o bastão da medicina foi talhado de uma árvore muito parecida com o cipreste. A paisagem montanhosa e desconhecida simboliza os véus para passar-se ao mundo de Briah. São símbolos que levam ao arquétipo do mundo vegetal, ao jardim de Éden.

Há também, no sonho, alguns elementos que mostram o seu lado masculino repressor que, sem entrar em detalhes, podem ser associados às impressões que você tem de seu marido. Do ponto de vista da psicologia clássica, por exem-

plo, podemos dizer que o marido é o lado masculino dela mesma e indica uma resistência à atividade. Através do seu trabalho, de sua vida social existem certas reflexões para assegurar que você não é louca. O cavalo negro leva ao nível de trevas da energia sexual e vital, ao homem vermelho. Já o lhama branco conduz ao arquétipo celeste, ao branco e ao verde. A palavra lhama permite um jogo de palavras no espanhol, já que *llama* pode significar *chama*, *fogo*, ou uma flexão do verbo *chamar*. Há uma espécie de encontro, de relação ou de casamento entre luz e trevas e, desse encontro, uma fecundação foi oferecida.

Por um lado há a aspiração da gravidez e, por outro, o confronto com o mito de nossa esterilidade, de nossa humanidade feminina arquetípica. A mulher estéril, que somos todos, faz nascer a aspiração de gerarmos uma criança, que é de luz. A esterilidade exterior, portanto, leva ao mito interior. Ser confrontado exteriormente alimenta o mito interior. Acredito que o significado do sonho vá nessa direção, visto que seu filho, na realidade, não usa óculos. Naquele momento há não somente uma fecundação, mas também bloqueios, reflexões, contenções e interdições, dificultando que ela deixe crescer a criança em si própria.

A adversidade está também simbolizada pelo marido, que pode estar representando justamente os sentimentos humanos que criam obstáculos ao seu crescimento em direção à luz, ou que impedem a palavra e a atividade do mental. De qualquer modo, há medo, resistência e retenção das pessoas que estão em sua casa, levando aparentemente uma vida fácil e luxuosa, mas que a tratam como se fosse meio louca. O crescimento da criança-luz parece ser a expressão de uma ameaça a essa situação de conforto e de bem-estar em você mesma. Apesar disso tudo, você desobedece a seu marido, demonstrando uma vontade firme.

Ao mesmo tempo, trata-se de um sonho arquetípico inscrito numa espécie de céu eterno, que teve um significado naquele momento, mas, quinze ou vinte anos depois, pode parecer sem sentido. Parece que, no momento de dissolução

da substância gelatinosa, ela fez uma descoberta excepcional no plano animal, que mereceria entrar para o *Livros dos Records*: um lhama ovíparo, pois em geral eles são mamíferos... Estou brincando, mas é estranho um bebê lhama transformar-se numa criança humana quando nasce. Trata-se de uma verdadeira mutação através de uma massa gelatinosa, que é uma massa de luz. A criança, que se encontra numa matriz luminosa, que indica o processo de crescimento espiritual, foi chamada a crescer dentro dela para desenvolver capacidades irreduzíveis, propriedades de visão e profecias.

Ao mesmo tempo, existem os imperativos de um véu entre o mundo interior e o exterior. Como as propriedades dessa criança são reais, ela usa óculos e afasta assim o perigo de ofuscar. Os óculos têm a propriedade de ajudar a enxergar, indicando, portanto, haver discernimento para entender-se o que é dito.

C: *Qual é a função da amiga mulher que permanece apenas como personagem secundário testemunhando?*

Tem uma função de silêncio, mas indica uma dinâmica muito importante associada ao número três, em vez do dois. Trata-se de uma dinâmica de equilíbrio, harmonia e comunicação, e não de afrontamento dual.

Como é essa amiga, qual é a impressão que você tem dela, em que vocês duas se assemelham?

Narrador: *É uma pessoa alegre, muito leve e fiel. É minha amiga o tempo todo; sempre que eu precisar, estará presente e vice-versa. É a madrinha de meu filho e também madrinha de casamento. Todo mundo pensa que somos irmãs. Tínhamos uma empresa juntas, éramos sócias.*

Ela vem resolver a dualidade temporal entre você e seu marido, ou seja, o conflito é resolvido pela qualidade que ela encarna. Ela é a forma de você não se deixar capturar pelo adversário. A fidelidade, a amizade e a alegria são qualidades que permitem ultrapassar as adversidades, quebrar as dualidades e, numa certa medida, realizar o confronto consigo mesma e dar a luz a si mesma. É um ternário que leva analogicamente a um outro ternário. O cavalo negro está associado

a seu marido, o lhama branco, a você, e o ovo e a criança, a ela, que é a madrinha.

C: *O que é o lhama para você?*

Narrador: *Jamais pensei nisso. Inclusive nunca gostei muito da estética peruana e sempre achei muito pouco atraentes aqueles panos com desenhos de lhamas que as pessoas penduram na paredes. Mas no sonho foi uma paixão e cheguei a comprar um lhama numa loja de brinquedos.*

É mais um ponto de interesse: no início você não gostava, mas aprendeu a gostar. É uma forma de representar a substituição sagrada.

Relato 12: O sonho do combate

Narrador: *Tive vários sonhos com Patrick e Maela nesse último meio ano. Vou relatar um deles.*

Estamos combatendo numa colônia de crianças. Estou de um lado da colônia e Patrick do outro. Ele tem outra aparência: assemelha-se a um conhecido meu, que também é médico, chamado Joel. Na verdade esse Joel do sonho também não é exatamente igual ao Joel que conheço. Eu sei que é o Patrick no sonho. Embora estivéssemos distantes um do outro, há entre nós um combate, mas com amor. De repente, uma das crianças cai na piscina. É dia e creio que entre nós há uma casa cheia de vidros. Quando essa criança cai na água, seu nome – Marcos – vem-me à mente. Salto na piscina e a retiro de lá. Vivo uma grande alegria, há um momento de vitória. Foi esse o sonho.

D: *Há cores no sonho ?*

Narrador: *Não sei, pois sou muito pouco observador.*

C: *E as crianças estavam assistindo ao combate?*

Narrador: *Não.*

E: *Como você sabe que era um combate?*

Narrador: *Não lembro bem se havia espadas, creio que sim. Nós nos olhávamos e estávamos numa situação de conflito, muito atentos. Era um combate, mas não havia raiva.*

F: *Você sabe o que está combatendo?*

Narrador: No sonho, não. Tenho algumas idéias, mas gostaria de ouvir antes de falar.

H: Como foi a queda da criança na piscina?

Narrador: Eu mal pude vê-la, foi como se tivesse ouvido o barulho de uma criança caindo, mas não a vi cair. Imediatamente pulei na piscina e, realmente, havia uma criança que retirei de lá. Seu nome, Marcos, veio-me por intuição.

F: Você reparou como era a criança?

Narrador: Devia ter três, quatro ou cinco anos.

B: Salvar essa criança propiciou a reconciliação com o oponente?

Narrador: Sim, mas o amor já estava presente. Nunca houve um combate com violência ou raiva, nem um desejo real de trevas.

C: Você se sentia ameaçado?

Narrador: Não, havia apenas eu e o outro numa posição de confronto. Talvez tivesse havido um confronto anterior, mas não havia um desejo de trevas nem de uma parte, nem de outra.

D: Poderia ter sido uma luta com o anjo? O nome Joel, talvez seja IO-EL, eu- ele.

E: O que significa para você uma colônia de crianças?

Narrador: À primeira vista, inocência e aqui foi lembrado que Marcos é o evangelista que está relacionado com o elemento fogo e com o símbolo do leão. Então o fogo caiu na água.

F: Você achou que inocentes estavam ameaçados? Uma criança cai na água para ser salva.

Narrador: Dentro desse enfoque, sim.

G: Que combate é esse, sem combate e sem trevas?

É muito interessante. Você salva uma criança e o que imagina que ela fará em seguida? Não estou agora falando do sonho, mas do que você acha que ela fará depois que a resgatou.

Narrador: Ela irá brincar e seguir o seu caminho.

C: Como é para você um combate sem trevas?

Narrador: Trata-se de um combate como vivemos no estágio da Cavalaria: não havia trevas, nem desejo de destruição, mas apenas de construção.

D: Começa assim, mas depois vira um demônio...

O que temos a dizer sobre esses dados relatados?

B: Tenho o sentimento de que ele nega algo que o ameaça, mas teve que salvá-lo.

G: Para mim é como se tivesse que enfrentar algo na sua real dimensão, mas veste o oponente com uma capa de luz para não enfrentar a dimensão dele.

Narrador: Não vejo assim.

D: Como era a casa de vidro no meio?

Narrador: Parecia um refeitório.

D: Ela estava entre vocês?

Narrador: Sim, isso fica claro quando a criança cai. Mas, nós nos víamos, pois as portas estavam escancaradas e havia vidro em quase toda a casa.

F: Entre você e aquilo pelo qual você tem que lutar existe um obstáculo?

Narrador: Não, pois as portas estavam abertas e eu estava um pouco afastado. Patrick tem outro nome: chama-se Joel. Ele está perto da porta, do outro lado, e eu, mais afastado, do lado de cá da porta. A piscina está do meu lado, um pouco para trás, à direita.

G: Por que você tem que combater a distância, por que precisa estar separado?

Narrador: A situação era essa.

F: Tenho a impressão de que houve a intuição de um combate, de um encontro com o anjo, pois o relato é de um combate que não é combate. O anjo está noutro nível, noutro mundo. A casa de vidro mostra a separação. Aparece, então, um certo medo de passar pela água, mas a criança, ao cair, fez com que ele pulasse na piscina para salvá-la, obrigando-o a aproximar-se do que teme.

Há coisas muito interessantes a serem compreendidas nesse sonho. Primeiro é um ambiente de paraíso terrestre. A colônia de férias ou mais exatamente a palavra férias –

vacance em francês – significa vazio. As crianças brincam no *vazio*. Crianças brincando são arquétipos do paradisíaco. Há também posições, espaços particulares ocupados. Ele se situa no sul; portanto na parte de realizações materiais, e eu no norte, significando o ouro, a dimensão espiritual. Entre nós situa-se o verdadeiro centro que está representado por um lugar de refeição e, portanto, de comunhão.

Segue algo muito estranho, ou seja, qual a razão do combate se não havia aparentemente nada a combater. Aliás o combate descrito é muito mais contra a ilusão, como se, na realidade, fosse necessário combater a todo preço para ter acesso ao mundo de luz. Mas isso é uma ilusão e um paradoxo, porque nesse lugar todos estão brincando.

Nessa exata situação, porém, ocorreu uma dualidade e um combate com uma consequência muito precisa. Uma criança, isto é, uma força angélica cai dentro da água e corre o risco de afogar-se. Esse risco angélico suspenderá a situação de combate, porque algo prestes a afogar-se corre o risco de submergir no mundo emocional. Neste momento, ele opta por salvar a criança e o faz. A criança se chama Marcos. Não me lembro exatamente a etimologia de Marcos, mas creio que, além de martelo, significa marca de Deus.

No início, houve o confronto com uma autoridade espiritual, chamada Joel, nome que pode ser interpretado como Jo-eu e El-Eu-divino. Poderíamos dizer, então, que houve um estranho confronto com seu Eu divino, pois sinto em você uma espécie de condicionamento, como se você entendesse ser necessário combater e confrontar na vida espiritual, mesmo em lugares onde há apenas luz, o que não faz sentido. A única coisa que resta a fazer após salvar a criança, ou seja, a força que o liga a Marcos, é brincar e não combater. Podemos presumir que, nos anos vindouros, você será um “brincalhão” diante do Eterno.

Narrador: *Que Deus permita!*

Relato 13: O sonho da bandeja de prata

Narrador: *Desde a infância minha relação com o sonho é péssima. Tenho muitos pesadelos e acordo várias vezes durante a noite. Durante um período em que pratiquei terapia corporal, tive um sonho particularmente horrível.*

Entro numa casa, que é a de meus pais, mas, ao mesmo tempo, não parece ser a casa deles. A mobília é dos anos 30, 40, tudo está muito limpo e arrumado: o chão de madeira muito bem encerado, toalhinhas de renda sobre os móveis. Eu não moro nessa casa, apenas chego lá para uma visita na hora da refeição. Meu pai e minha mãe estão sentados à mesa, quando entra uma empregada trazendo uma grande bandeja de prata com tampa e a coloca na mesa. Tudo é muito formal e, quando a tampa é levantada, uma criança assada aparece. Eu tive um choque, passei muito mal e acordei.

Após esse sonho, encontrei-me com minha companheira de terapia corporal e disse que iria interromper o trabalho, porque não agüentava mais sonhar o tempo todo com coisas horríveis. Ela tentou interpretar o sonho, o que me aliviou um pouco.

Que relação você tem com o fogo?

Narrador: *Eu gosto do fogo porque ele tem brilho, beleza, calor e é transformador. Não gosto da água.*

O que você sentiu quando viu a criança assada?

Narrador: *Repulsa.*

E por que, por quem ou como ela foi assada?

Narrador: *Não consigo nem pensar, é muito horrível. Quando eu era criança, tinha um conto em que alguém assava um macaco. Creio que pode ter relação com isso, com uma vingança. Não sei explicar, estou falando de memórias muito antigas.*

Devemos varrer muitas coisas. Sem entrar em muitos detalhes, esse é um sonho de vidas passadas. A casa dos pais evidencia as raízes, pais de si mesmo.

Narrador: *Nunca trabalhei com vidas passadas.*

Não estou afirmando isso, mas, quando se faz trabalho corporal, algumas memórias se avivam. Esse é um dos riscos,

uma ambigüidade que pode surgir com muitos tipos de práticas. Muitas coisas são veladas ou esquecidas para evitar esse tipo de situação com a qual você se confronta. Se eu me visse, por exemplo, como uma criança assada, riria. Mas para você é bastante dramático. Podemos ver certas coisas quando estamos prontos e não antes.

Certas práticas de regressão, terapias corporais, alguns tipos de visualização e de práticas respiratórias, colocam-nos em contato com memórias do plano astral. Creio que foi o que aconteceu: a imagem da casa dos pais que não é exatamente a mesma casa, mostrando que se trata de pais simbólicos, arquetípicos ou interiores; as datas 1930 e 1940 são anteriores ao seu nascimento, referindo-se, portanto, a uma outra fase de vida que não é a sua atual. Deveria estar viva, mas hipoteticamente poderíamos dizer que essa parte sua morreu criança e, pelo fogo, queimada, assada.

Isso quer dizer que há uma relação com outra pessoa que não você, uma memória que poderia chamar-se de vida passada, ou de você numa outra vida. Mas é importante compreender que atualmente você é você e não outra pessoa, e essa pessoa da vida passada é tão diferente de você hoje quanto eu o sou. Você só poderá ser você mesma ou uma outra pele do seu arquétipo celeste, mas nunca uma outra pele de você mesma. Nesse sonho você contata uma memória, exatamente como se olhasse uma fotografia. A fotografia não é você. Digo isso para que não haja identificação. No sonho parece que se trata de uma criança que viveu em 1930, 1940, e morreu queimada. Normalmente não fazemos contato com esse tipo de memória.

C: *Isso me lembra um problema de respiração. Se eu tivesse sido queimada me sentiria sufocada. Você tem problemas com a respiração?*

Narrador: *Muito.*

Vamos parar por aí. Acho melhor não explorar o sonho nesse sentido. O que respondi a ela foi para exorcizar.

Narrador: *E eu preciso desse exorcismo.*

Perfeito! Precisamos aprender a ser simples. Não vale a pena, nesse caso, especular e reativar memórias que não servem para nada. O que está escondido deve permanecer escondido até o dia em que eventualmente seja revelado. Isso ocorrerá quando estivermos prontos para ter acesso à revelação sem maiores problemas. Os fatos serão revelados à medida que tivermos a capacidade de confrontarmos-nos com eles.

Narrador: *De fato, tenho problemas de respiração.*

Não a aconselho caminhar por vidas passadas; se você tem problema de respiração, tente enraizá-lo na sua existência presente e encontrar respostas.

C: *Será que obterá resposta?*

Narrador: *Tenho certeza de que sim... Já estão surgindo.*

D: *Como discriminar se é um material para ser trabalhado ou afastado, como você o fez. O que o permitiu reconhecer tratar-se de um sonho dessa natureza e não de um sonho que pudesse ser trabalhado em outros níveis psicológicos.*

Sempre atribuo muita importância ao presente. Ela fez um preâmbulo para anunciar que esse sonho estava ligado a um trabalho corporal. Eu sei que podemos acordar memórias através de um trabalho corporal. Mas, o que muitos terapeutas não sabem é que, quando a pessoa não está pronta, um trabalho como esse ou um trabalho de meditação sobre a energia dos chacras poderá arrombar portas, consciente ou inconscientemente. Nesse exemplo isso ocorreu de modo inconsciente. Em casos como esse a pessoa pode sofrer graves riscos vitais, tais como ficar doente, enlouquecer, suicidar-se ou então viver, como você acabou de relatar, algo muito difícil, que deveria permanecer esquecido. Situações dessa natureza só levantam sofrimentos. E, no atual momento, não creio que você necessite disso, é muito cedo.

A: *Talvez eu necessite de um pouco mais de esclarecimento. Como um terapeuta pode obter pistas, pode distinguir qual pesadelo será útil trabalhar? E qual não?*

Eu diria que o único critério é o de seguir permanentemente o caminho da natureza. No entanto, toda a questão é

se o terapeuta está desperto para o fato de reconhecer quando não é um sonho, mas a revelação de uma vida anterior. Como expliquei pode parecer simples, mas é muito fácil enganarmo-nos. Existe uma memória anterior que nos diz: “Siga o caminho da natureza”. Em geral, isso quer dizer que, quando morremos, esquecemos. Seria muito pesado andar pela vida presente carregando todas as malas dessas recordações. O que também não quer dizer que o nível astral não tenha memórias inconscientes e impressões que podem ser expressas num sonho. Ao trilhar um caminho espiritual de integração, seguindo o caminho natural, as velhas memórias e lembranças virão à tona.

Na passagem em que Jesus morre e desce aos infernos, por exemplo, diz-se que os mortos ressuscitam, o que significa que o ser atinge a consciência de vidas passadas. Quando se está descondicionado das formas, é possível vê-las sem problema. No entanto, antes disso haverá um grande e verdadeiro risco. É por essa razão que se torna necessário “deixar os mortos enterrarem seus mortos”.

Sugiro pararmos esse trabalho por aqui.

Antes de nos separarmos vamos fazer juntos um instante de silêncio.

Agradeço muito a presença de todos e sua qualidade de escuta.